



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**  
**CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA**

**EVA PERÓN: A (RE)CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA NO CIBERESPAÇO**

**EDFAILDO EUDES DE LIMA AMARO**

**CAMPINA GRANDE - PB**  
**ABRIL DE 2014.**

# **EVA PERÓN: A (RE)CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA NO CIBERESPAÇO**

**EDFAILDO EUDES DE LIMA AMARO**

Monografia apresentada ao curso de Licenciatura em História, do Centro de Humanidades da Universidade Federal de Campina Grande, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em História.

**Orientador Prof. Dr. Celso Gestermeier do Nascimento**

**CAMPINA GRANDE –PB**

**ABRIL DE 2014.**



Biblioteca Setorial do CDSA. Maio de 2025.

Sumé - PB

**EDFAILDO EUDES DE LIMA AMARO**

**EVA PERÓN: A (RE)CONSTRUÇÃO DA MEMÓRIA NO CIBERESPAÇO**

Monografia Avaliada em \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_ com o conceito \_\_\_\_\_

**BANCA EXAMINADORA**

---

Prof. Dr. Celso Gesterméier do Nascimento  
Orientador (a)

---

Prof. Dr. Alarcon Agra do Ó  
Examinador (a)

---

Prof.<sup>a</sup> Ma. Hilmaria Xavier Silva  
Examinador (a)

**Dedico este trabalho a todos os meus  
professores.**

## AGRADECIMENTOS

A Deus, por ter me dado força e sabedoria para chegar onde cheguei.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Celso Gestermeier do Nascimento, por suas pertinentes observações, as quais possibilitaram a produção deste trabalho, além da forma séria e prestativa com a qual conduziu todas as orientações.

A todos os meus professores, desde a educação infantil até o ensino superior, pois sem a contribuição de cada um deles não teria sido possível estar aqui.

À minha família, em especial minha querida mãe, Maria de Fátima de Lima Amaro, por ter me dado amor, carinho e a oportunidade de estudar e buscar um futuro próspero.

À minha namorada, Ana Medeiros de Almeida, por estar sempre ao meu lado nos momentos bons e ruins.

A Norryson Darlan da Costa Macedo, por sua humildade e solidariedade. Sou grato por ter me estendido a mão nas horas em que mais precisei, sobretudo quando me acolheu em sua casa, permitindo-me cursar disciplinas além das que o curso noturno permite.

A Renaly Emmanoella Monteiro, por ter sido uma amiga fiel desde o início, dando-me apoio em momentos difíceis de minha vida.

A Márcio Vinícius, Janaína Leandro e Jaqueline Leandro, pelas ótimas parcerias ao longo do curso e pelas inúmeras trocas de conhecimentos.

A Francisco Ribeiro da Costa Carvalho, pelas inúmeras vezes que me emprestou seu computador para que eu pudesse escrever meus trabalhos acadêmicos, inclusive o primeiro capítulo desta monografia.

A Jailson Lucena Dantas, pela paciência em fazer as correções ortográficas deste trabalho.

A Robson Rubenilson dos Santos Ferreira, pelos bons momentos que me proporcionou enquanto seu aluno e membro do Projeto Repensando Picuí.

À Orlinda Dantas, pela impressão das cópias deste trabalho.

Aos monitores Allison Pereira, André Ouriques, Carlos André, Cataline Brandão e Eslânia Fernandes, pelas contribuições de grande importância que deram nas disciplinas que monitoraram.

À Prof. Dra. Regina Coelli Gomes Nascimento, pelo apoio que me deu, tanto no esclarecimento quanto à formatação do trabalho como nas orientações que permitiram realizar da melhor forma possível o estágio supervisionado.

Ao professor Dr. Alarcon Agra do Ó e à professora Ma Hilmária Xavier Silva, pela disponibilidade em ler o trabalho, bem como pelas relevantes contribuições que deram para o aprimoramento das discussões aqui feitas.

Aos professores Drs. José Otávio Aguiar e João Marcos Leitão Santos, pelos conhecimentos que deles recebi enquanto fui monitor.

A todos os meus monitorandos das disciplinas de História Medieval Oriental e História Moderna Ocidental.

A todos os meus amigos que contribuíram, de um modo ou de outro, para minha formação acadêmica e pessoal, em especial a Aparecida Sheila, Breno Amorim, Diogo Ramon, Danilo Rodrigues, Edinete Souza, Emanoela Maracajá, Fabíola Fernandes, Henrique Henriques, Hugo Paz, Irvison Macedo, Ítalo Jorge, Jaqueline Dantas, Leonora Cavalcanti, Luana Caluête, Osmael Oliveira, Priscila Gusmão, Ricardo Bruno, Roberta Gerciane, Roberta Macedo, Rodolfo César, Yuan Marinho e Yury Soares.

A todos os integrantes da turma 3º Ano “B” 2008, com os quais passei momentos inesquecíveis da minha vida.

Por fim, a todos aqueles que torceram para que tudo desse certo.

## RESUMO

Eva Perón foi uma personagem que deu nova roupagem ao peronismo, regime político com características que o colocam entre os movimentos tidos como populistas, sendo, assim, figura de grande importância na consolidação e manutenção do regime, atraindo para si a simpatia de muitos argentinos de todo o país. O governo peronista, por meio da propaganda política, utilizou-se de inúmeras estratégias para construir memórias e representações que a enalteciam, tornando-a um mito que, mesmo sessenta anos após sua morte, permanece no imaginário argentino, sendo tema para obras que vão desde biografias a produções cinematográficas. O que se destaca neste trabalho é a emergência do ciberespaço enquanto ferramenta utilizada por diferentes grupos sociais como lugar de construção de memórias, sendo, portanto, uma possível nova fonte histórica. Através da análise do website [evitaperon.org](http://evitaperon.org), o que se pretende é problematizar como a memória de Eva Perón tem sido reconstruída no ciberespaço, de modo que, ao passo em que a memória positiva, forjada pelos peronistas, é reafirmada, a memória negativa, construída pelos antiperonistas, é fortemente refutada.

**Palavras-chave:** Eva Perón; Peronismo; Ciberespaço; Memória.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM 1: Nota comemorativa com rosto de Eva Perón – 2012 .....	37
IMAGEM 2: Home Page de <a href="http://www.evita-peron.org">www.evita-peron.org</a> .....	40
IMAGEM 3: Página da Seção <i>O legado de Evita</i> .....	43
IMAGEM 4: Página da Seção <i>Biografia de Evita Perón</i> .....	44
IMAGEM 5: Página da Seção Fundação Eva Perón .....	45
IMAGEM 6: Página da Seção <i>Evita vs Evita</i> .....	46
IMAGEM 7: Página da Seção <i>Fotografias de Evita Perón</i> .....	47
IMAGEM 8: Página da Seção <i>Instituto Nacional de Investigações Históricas Eva Perón</i> .....	48
IMAGEM 9: Página da Seção <i>Monumento a Evita Perón</i> .....	49
IMAGEM 10: Página da Seção <i>Museu Evita</i> .....	49
IMAGEM 11: Página da Seção <i>Miscelaneas</i> .....	50
IMAGEM 12: Crianças em orfanato da Sociedade de Beneficência, Argentina. Disponível em: < <a href="http://evita-peron.org/part3-es.htm">http://evita-peron.org/part3-es.htm</a> >. Acesso em 20 MAR 2013 .....	59
IMAGEM 13: Crianças na cidade infantil – Fundação Eva Perón. Disponível em: < <a href="http://evita-peron.org/part3-es.htm">http://evita-peron.org/part3-es.htm</a> >. Acesso em 20 MAR 2013 .....	59
IMAGEM 14: Imagem da cartilha de leitura inicial intitulado <i>Privilegiados</i> .....	60
IMAGEM 15: Imagem da cartilha de leitura inicial intitulado <i>Privilegiados</i> .....	60

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>1</b>
<b>CAPÍTULO 1 – Política populista, Peronismo e Eva Perón</b>	
1.1 Populismo: entendendo o conceito .....	6
1.2 Peronismo: origens e aspectos relevantes .....	9
1.3 Eva Perón e sua importância na consolidação do regime peronista .....	16
<b>CAPÍTULO 2 – Memória, Representação e Ciberespaço: trabalhando os conceitos</b>	
2.1 Entendendo os conceitos de Memória e Representação .....	24
2.2 Algumas considerações sobre o ciberespaço .....	30
<b>CAPÍTULO 3 – Reconstruindo uma memória no ciberespaço</b>	
3.1 As “memórias” de Evita na atualidade .....	36
3.2 A memória de Eva Perón no website <a href="http://evitaperon.org">evitaperon.org</a> .....	39
3.2.1 Seções do site .....	42
3.3 Desconstruindo narrativas .....	51
3.4 Fundação Eva Perón X Sociedade de Beneficência .....	56
3.5 Evita e as origens do espírito de justiça .....	61
3.6 Os trabalhadores e seu papel na legitimação da ação social .....	65
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>69</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>72</b>

## INTRODUÇÃO

Em meados dos anos 1940, a Argentina foi marcada pela emergência de uma nova forma de se fazer política, denominada de peronismo. Apresentando características notadamente populistas, Juan Domingo Perón conseguiu o apoio das grandes massas argentinas e governou o país por quase 10 anos. Além do carisma e da concessão de benefícios à classe trabalhadora, que foram fundamentais para o sucesso do regime peronista, Perón teve o apoio daquela que seria uma das mulheres mais influentes da América Latina de seu tempo. Tratava-se de Eva Perón. Com ela a seu lado, Perón conseguiu manter-se no poder e ter o povo quase sempre do seu lado.

Pouco tempo depois que Perón tornou-se presidente, Eva Perón tratou de criar a Fundação Eva Perón, entidade através da qual pôde oferecer ajuda aos mais necessitados, ganhando, em contrapartida, a simpatia de um número cada vez maior de argentinos. Aos poucos foi se tornando uma mulher singular. Primeiro que tudo, não contentou-se em ser uma primeira dama “à moda antiga”. Ou seja, queria fazer algo a mais, que fosse além das honrarias normalmente concedidas ao posto que agora ocupava, participando ativamente do governo de seu marido, não com cargos públicos, mas com ações em prol do povo por intermédio de sua fundação.

Numa sociedade machista como era a sua, considerava-se inconcebível uma mulher meter-se tanto em política, o que resultou, logo de imediato, na forte oposição feita por alguns setores da sociedade, seja entre os militares, seja entre as damas da “alta sociedade”. Uma oposição que era feita não só a ela, como ao peronismo como um todo.

Assim, o país passa a ter em sua composição política partidários e não partidários de Perón e Eva Perón, o que colocava, de um lado, o bloco peronista, e, do outro, o bloco dos antiperonistas, de modo que cada grupo passou a forjar um tipo de memória que, ou enaltecia a sua figura, ou tentava de todas as formas colocá-la como uma mulher de origem vulgar e promíscua.

O fato é que a propaganda política foi de tal ordem que conseguiu forjar um mito muito bem construído em torno de Eva Perón, apoiando-se, dentre outros aspectos, no fato de que ela não podia ter filhos, em função de um câncer uterino, passando a denomina-la como a “mãe de todos os argentinos”. A ideia que se passa é a de que ela adotara o povo para protegê-lo das injustiças do mundo, uma vez que construiu casas, bairros habitacionais, policlínicas, hospitais, além de distribuir brinquedos às crianças e máquinas de costura para as donas de

casa. A população humilde, que antes não tinha sequer um lugar onde morar, passou a idolatrar Eva Perón como se fosse de fato uma Santa, de modo que após sua morte seus seguidores passaram a referir-se a ela como a “redentora dos argentinos”.

Tal idolatria é vivenciada até aos dias de hoje, pois há um número grande de biografias, filmes e documentários que trazem como eixo principal a vida e obra desta mulher. Seu poder de influência foi tanto que muitos políticos atuais, na Argentina, fazem frequentemente referências elogiosas a ela em seus discursos, uma vez que, para grande parte dos argentinos, falar mal de Eva Perón é o mesmo que cometer um pecado grave, sendo a recepção que teve o filme *Evita*, estrelado por Madonna, um forte exemplo, pois este foi considerado um insulto à sua memória, simplesmente porque trata-se de um filme que destaca aspectos negativos atribuídos a ela pela oposição.

Eva Perón já entrava em contato com seu povo desde sua infância, uma vez que as cartilhas de leitura inicial tinham-na como tema central e que sua autobiografia, *La razón de mi vida*, tenha tornado-se leitura obrigatória nas escolas. Além disso, o domínio exercido pelo governo sobre as radiodifusoras do país permitiram a presença diária da voz de Eva nos lares argentinos, sendo a ocorrência e a causa de sua morte bastante utilizadas para incutir a ideia da “morte redentora”. Ideia através da qual ela passa a ser mostrada como uma mulher que trabalhou exaustivamente pelo povo, que mesmo não tendo mais saúde, lutou, até morrer, pela causa dos descamisados. Tudo isso foi sendo dito e repetido ao longo dos anos, seja nas escolas, seja nos discursos políticos ou nas obras escritas por seus biógrafos mais leais.

Pode-se dizer que Eva Perón “ganhou” um forte aliado nos últimos anos, que tornou possível mantê-la “viva” e “atual”. Trata-se do suporte digital, ou Ciberespaço. A internet passou a ser utilizada para reconstruir memórias em torno de Eva Perón, no sentido não só de reafirmá-la como um mito, mas também de espalhar esse mito para além das fronteiras argentinas.

Em 1998 foi criado o website [evitaperon.org](http://evitaperon.org), que está diretamente ligado à *Fundação de Investigações históricas Eva Perón*, bem como ao *Museu Evita*. Através dele se pode observar uma série de narrativas que tratam de falar sobre tudo que de bom ela realizou durante o período em que esteve à frente da Fundação Eva Perón.

O suporte digital é capaz de fornecer um número quase infinito de dados, que versam sobre os mais variados temas. Numa pesquisa rápida pela web com as palavras-chave “Eva Perón”, nos são disponibilizados mais de 1 milhão e meio de dados. É obvio que um número como esse, mesmo que se tente vê-los até o esgotamento, é humanamente impossível de ser

analisado em sua totalidade. Muitos sites, além disso, podem não ser confiáveis e não apresentar reflexões que interessem ao problema que se pretenda analisar.

A escolha do website *evitaperon.org* se deu muito mais pelo contato prévio que tive, ao responder a uma questão de uma prova de História da América III, ministrada pelo professor Celso Gestermeier do Nascimento, da Universidade Federal de Campina Grande, no ano de 2012, do que por uma busca mais detalhada na web. O interesse pelo site foi aumentando à medida em que se foi percebendo a forma como os seus idealizadores se apropriam do ciberespaço para propagar sua visão sobre Eva Perón, que é, diga-se de passagem, extremamente positiva. Ademais, percebe-se claramente uma luta simbólica pela memória que coloca de um lado os partidários do peronismo e, de outro, seus opositores.

O trabalho constituiu-se, num primeiro momento, em analisar todas as seções, ou links, do site, no sentido de perceber que tipo de discurso é produzido por seus idealizadores, quais os objetivos por eles expressos, bem como qual o grau de idoneidade das informações fornecidas, fazendo, dessa forma, um levantamento bibliográfico que permitisse o confronto entre as fontes. Uma vez que esta pesquisa tem a pretensão de fazer uma discussão neutra e imparcial, uma das principais preocupações foi estabelecer o lugar social daqueles que se dispuseram a escrever no website *evitaperon.org*. Assim, o que se percebeu foi que os textos analisados foram escritos por pessoas que, de um modo ou de outro, estiveram ligadas ao peronismo ou produziram biografias que enaltecem a figura de Eva Perón, destacando positivamente o governo peronista.

A parte biográfica do site foi escrita por Noemí Castiñeiras, autora da biografia *El ajedrez de la gloria - Evita Duarte atriz*, sendo que a maior parte das narrativas são feitas por Dolane Larson, nomeada representante da Fundação de Investigações Históricas Eva Perón nos Estados Unidos. Uma pequena parte dos textos encontrados foi escrita por Alicia Renzi, que publicou uma entrevista que fez com a irmã de Eva Perón, Blanca Duarte. Utiliza-se, também, trechos do livro *Mi Hermana Evita*, escrito por sua outra irmã, Erminda Duarte. Pablo A. Vázquez, integrante do Instituto Nacional Eva Perón, que escreveu um artigo com o título *Evita e a participação da mulher*, texto em que destaca o papel desempenhado por Evita na consolidação do direito feminino ao voto, é frequentemente citado.

Perceba-se que são autores diretamente relacionados à Fundação de Investigações Históricas Eva Perón, o que significa que a análise de tais textos foi feita a partir do entendimento de que tal condição implica dizer que os discursos aí produzidos tendem, inevitavelmente, a compartilhar uma visão bastante positiva de Eva Perón.

Além disso, outro aspecto levado em consideração nesta etapa da pesquisa foi o fato de que há a utilização frequente, por parte dos escritores do site, de obras de pessoas como Alicia Dujovne Ortiz e Marysa Navarro, ambas biógrafas de Eva Perón, e Néstor Ferioli, autor de dois livros sobre a Fundação Eva Perón, como principais referências quando a intenção é enaltecer Eva Perón e a política peronista como um todo. Em contrapartida, citam, dentre alguns discursos opositores, supostas falas de Mary Main, autora de *La mujer del látigo*<sup>1</sup>, para, à medida em que a desqualifica, dizendo que sua obra não tem fundamentos teóricos, tentam legitimar a desconstrução que fazem em relação aos aspectos negativos que ela escreveu em torno de Eva Perón.

Num segundo momento, procedeu-se ao trabalho de salvar todo o material do site em um arquivo do word, para posteriormente imprimi-lo. Essa foi uma alternativa encontrada para evitar qualquer tipo de contratempo, sobretudo no intuito de prevenir a pesquisa de uma possível retirada do site de circulação (o que felizmente não aconteceu).

Feito isto, foi possível analisar o referido site com relativo conforto e poder refletir acerca de como é reconstruída uma memória em torno de Eva Perón a partir das narrativas disponibilizadas. O que se procurou foi entender como foi feita uma atualização cada vez maior de uma figura política tão presente no imaginário argentino através do ciberespaço. A problemática que se coloca é saber que tipo de memória emerge no ciberespaço. Ou seja, o que se verá é que os idealizadores do website [evitaperon.org](http://evitaperon.org) utilizam-se de uma série de estratégias discursivas que estão pautadas na reafirmação de uma memória extremamente positiva e elogiosa em torno de Eva Perón, ao passo em que tem a preocupação em desconstruir as memórias negativas que se criaram em torno dela por seus opositores.

Portanto, o que se quer repassar no site é uma Eva cheia de virtudes, da qual o povo deve lembrar-se sempre como alguém que dedicou-se incansavelmente aos humildes. Em contrapartida, se tenta mostrar que as narrativas contrárias a ela não tem nenhum embasamento teórico satisfatório e que, assim, devem ser desmentidas e desconsideradas.

Desse modo, os objetivos deste trabalho são discutir como é reconstruída uma memória em torno de Eva Perón no ciberespaço, tornando-a uma figura bastante atual, bem como problematizar esse novo suporte como sendo uma importante fonte histórica.

O que chama a atenção é o fato de que a web está se tornando um lugar de interação constante entre os diferentes grupos sociais, sendo, assim, um importante espaço de

---

<sup>1</sup> Ao pé da letra “A mulher do chicote”.

socialização de memórias. É a partir do entendimento desses aspectos que este trabalho ganha forma.

No primeiro capítulo recupero autores que ajudam a contextualizar o conceito de populismo, para que assim se possa ter um suporte que permita entender o movimento político do peronismo, modelo notadamente populista, bem como a participação de Eva Perón em tal contexto político. Assim, a partir das contribuições de Francisco Weffort (1979) e Maria Lígia Prado (1981), faço uma breve discussão acerca do conceito de populismo. Para falar do Peronismo em si, parto das reflexões feitas por Maria Helena Capelato<sup>2</sup> (2009) e Félix Luna (1974). Feitas as considerações acerca desse sistema político, passo a falar sobre Eva Perón e sua influência na política argentina, mostrando como a propaganda peronista tratou de forjar uma visão mítica em torno dela.

No segundo capítulo trato dos conceitos que nortearam o trabalho, que foram os de Memória, Representação e Ciberespaço. Em se tratando de memória, utilizo autores como Pierre Nora (1993) e Michael Pollak (1989 e 1992). Para falar de Representação, me apoio sobretudo nas reflexões de Roger Chartier (1991 e 2011). Aplico tais conceitos ao trabalho na perspectiva de entender como se deram as lutas entre grupos diversos para construir memórias e representações distintas em torno de Eva Perón. Autores como Pierry Lévy (1999) e André Lemos<sup>3</sup> (2001) são utilizados para uma melhor compreensão do conceito de ciberespaço. Aqui, observa-se como o ciberespaço pode ser utilizado pelo historiador enquanto fonte, não obstante as inúmeras ressalvas feitas por diversos estudiosos da área.

No terceiro capítulo faço uma análise mais detalhada do website [evitaperon.org](http://evitaperon.org), discutindo como a memória de Eva Perón é rememorada e reconstruída, ao mesmo tempo em que as diversas memórias negativas, criadas em torno dela, são veementemente contrariadas.

---

<sup>2</sup> O leitor perceberá, em todo o trabalho, que recorro frequentemente às reflexões de Maria Helena Capelato para falar sobre o peronismo. Faço isso partindo do pressuposto de que esta autora, através de seu clássico trabalho comparativo entre a propaganda política no varguismo e no peronismo, deu uma grande contribuição para a historiografia quando o assunto é falar sobre as políticas de massa na América Latina. Além disso, em todos os textos sobre o peronismo lidos como apoio, é certa a referência a sua obra, o que demonstra sua importância na discussão aqui exposta.

<sup>3</sup> André Lemos organizou o livro *As janelas do ciberespaço*, que é uma coletânea de textos que de um modo ou de outro discutem o conceito de ciberespaço. Neste trabalho utilizo dois textos inseridos neste livro para ajudar na compreensão deste conceito, os quais não foram escritos por ele.

## CAPÍTULO 1

### POLÍTICA POPULISTA, PERONISMO E EVA PERÓN

#### 1.1. Populismo: entendendo o conceito

A discussão acerca do conceito de populismo na América Latina não é nova, mas remete, de acordo com Maria Lígia Prado (1981), à década de 1950, quando há um interesse crescente pela temática. No Brasil essa discussão se dá com maior força a partir dos anos 1980, de forma que alguns estudiosos brasileiros deram uma importante contribuição para a historiografia referente ao populismo. Diante disso, recupero algumas reflexões feitas em torno deste conceito, não no sentido de discuti-lo de forma abrangente, já que não é o objeto deste trabalho, mas no intuito de contextualizar as demais experiências com o regime político peronista, vivido na Argentina entre os anos de 1946 e 1955, um modelo notadamente populista.

Prado (1981) destaca que o populismo é um tema controverso, uma vez que diferentes movimentos políticos, em diversos países, mesmo com características distintas, foram nomeados como sendo populistas. Para exemplificar, ela cita os casos de Estados Unidos e Rússia, na segunda metade do século XIX, o primeiro sendo marcado pela presença de um partido populista que representava os pequenos proprietários de terras que lutavam contra o grande capital, e o segundo, um movimento chamado *narodniki*, que negava o capitalismo e lutava pelas causas camponesas. O fato em comum dos dois casos seria a crítica ao capital e a valorização do campo como meio produtivo. O exemplo é mostrado para que se entenda que é necessário estudar cada movimento a partir de seu próprio contexto político e social, sendo que é nesse sentido que a autora conduz sua análise acerca do populismo na América Latina, compartilhando do mesmo pensamento que Francisco Weffort (1979).

Weffort (1979) diz que na América Latina os governos populistas encerram um período de crise do sistema liberal e oligárquico, marcado pela ausência de participação política e por inúmeras fraudes eleitorais, dando início ao processo de incorporação das massas no jogo político, principalmente por meio da concessão de benefícios à classe operária. De acordo com ele:

A imagem, se não o conceito, mais adequado para entendermos as relações populistas entre as massas urbanas e alguns grupos representados no Estado é a de uma aliança (tácita) entre setores de diferentes classes sociais. Aliança

na qual evidentemente a hegemonia se encontra sempre com os interesses vinculados às classes dominantes, mas impossível de realizar-se sem o atendimento de algumas aspirações básicas das classes populares, entre as quais caberia mencionar a reivindicação do emprego, de maiores possibilidades de consumo e de direito de participação nos assuntos do Estado. (WEFFORT, 1979, p. 70)

O autor trata, no trecho acima, das significações do conceito de populismo Latino-americano, vivenciado em inícios dos anos 1940, cuja principal característica foi a presença de um líder carismático e, muitas vezes, autoritário. Para o autor, teria sido uma forma de governo que em certa medida foi fruto da “emergência das classes populares no bôjo do desenvolvimento urbano e industrial verificado nestes decênios e da necessidade, sentida por alguns dos novos grupos dominantes, de incorporação das massas no jogo político.” (Idem, p. 50).

A política de massas teve campo fértil em muitos países, como é o caso de México, Brasil e Argentina. Neste tópico pretendo abordar como se deu essa experiência na Argentina, tentando entender o contexto que possibilitou a ascensão do militar Juan Domingo Perón à presidência da Argentina, bem como o surgimento do peronismo, que, em virtude de suas principais características, encaixa-se naturalmente no grupo de sistemas denominados de populistas.

Como se viu, tratar de falar sobre populismo não é algo tão simples, haja vista que não só é um conceito já muito trabalhado por estudiosos os mais variados, como também pelo fato de suscitar discussões divergentes quanto a seu real significado. Em *O populismo na América Latina*, Prado (1981) analisa o populismo argentino, partindo do pressuposto de que Perón não conseguiu o apoio das classes populares apenas em virtude de seu carisma, mas que o que de fato lhe deu respaldo foram as concessões que ele lhes deu. Assim, ela diz:

Perón, no seu governo, não se valeu, como muitos afirmam, apenas de seu carisma, nem conseguiu a adesão das massas, simplesmente, com a sua demagogia, numa tentativa consciente de enganá-las. Perón tinha indubitavelmente um forte carisma – da mesma forma que Eva Perón –, fazia discursos retóricos e demagógicos, mas também tomou medidas concretas, efetivas, que beneficiaram realmente os assim chamados “descamisados”. (PRADO, 1981, p. 59-60)

Parece evidente que a autora tem razão ao dizer que a política populista tinha sua base de sustentação nos benefícios que trazia para as classes populares. Entretanto, cabe dizer, da mesma forma, que não se resume a isso, apenas. Deve-se olhar para a política populista de uma forma a contemplá-la na sua totalidade. Parece-me que uma coisa complementa a outra.

É obvio que se não se atendesse às aspirações do povo não se teria o apoio deste, mas era preciso, além disso, reiterar sempre que aquelas aspirações estavam sendo concedidas. E isso se dava através dos discursos inflamados, da propaganda, etc.

Eva Perón e Juan Perón souberam como ninguém tocar as mentes de muitos argentinos com seus discursos repletos de sentimentalismo e de associações com a doutrina cristã. Ademais, essa forma nova de conduzir a política deu ao povo a sensação de estar, de fato, participando ativamente do processo político do país, algo que antes era impensável.

Não há como negar que com a política populista iniciava um novo momento na história dos países em que esta predominou. Como argumento no início deste capítulo, o populismo surge no momento de emergência de uma sociedade industrializada, ou pelo menos a transição entre a vida agrária e a industrial. É sabido que durante muito tempo o operariado foi explorado e privado de seus direitos básicos. Então é preciso compreender que essa emergência da classe operária no jogo político não se dá por acaso. Parece ter havido uma pressão cada vez maior dessas massas por mais direitos.

Prado (1981) nos mostra que o próprio Perón já presentia essa pressão quando proferiu as seguintes palavras no seu discurso de posse:

“Se nós não fizermos a revolução pacífica, o povo fará a revolução violenta... E a solução deste problema tem que se levar avante, fazendo justiça social às massas. Esse é o remédio que, ao suprimir a causa, suprime também o efeito.” (DIOGENES, 1974 apud PRADO, 1981, p. 65)

Essa reflexão nos faz entender que as massas talvez não fossem tão vulneráveis a ponto de serem manipuladas de forma integral, pois sempre se temia que esta se sublevasse contra as classes dominantes. O caminho mais fácil, portanto, seria atender às suas reivindicações. Assim, Weffort entende que o populismo foi “um modo determinado e concreto de manipulação das classes populares mas foi também um modo de expressão de suas insatisfações.” (WEFFORT, 1979, p.51)

Por seu turno, Prado (1981) nos deixa claro que “o populismo latino-americano representou uma ampla mobilização das classes populares e sua inserção direta nas lutas políticas, transformando-se num dos principais setores sociais de que o sistema político necessitava para a sua legitimação.” (PRADO, p. 77)

Vale salientar, de todo modo, que Perón, além do apoio incondicional de Eva Perón e de sua máquina de propaganda política, teve também o apoio dos sindicatos, instrumentos indispensáveis para o governo peronista, no sentido de acalmar os ânimos das massas

trabalhadoras. No próximo tópico, no qual trato mais detalhadamente do peronismo, entender-se-á um pouco mais as manobras adotadas por ele para que conseguisse tal apoio.

Tanto Weffort (1979) quanto Prado (1981) analisam o populismo como sendo um movimento político marcado pela quebra da hegemonia política das oligarquias, o que resultou num vazio de poder, que seria preenchido pelo líder populista, bem como pela emergência das classes populares nas lutas sociais e políticas. Estas são tidas, assim, como o principal elemento legitimador do governo, por meio, sobretudo, das concessões dadas no sentido de satisfazer suas aspirações. Para os autores, o populismo é, também, um sistema marcado pela presença de um líder carismático que, ao mesmo tempo em que manipula as massas, toma medidas que evitam as possíveis revoltas. Aí está a importância de se recuperar este conceito, pois tais características podem ser perfeitamente aplicadas à política peronista, como se verá a seguir.

## **1.2. Peronismo: origens e aspectos relevantes**

Durante fins do século XIX e o início do século XX a Argentina viveu significativo crescimento econômico, devido em grande medida às exportações de carnes e grãos. O cenário internacional de crise iniciado com a quebra da bolsa de valores de Nova Iorque acabou afetando esse crescimento. A instabilidade política cada vez maior fez com que um grupo de militares realizasse um golpe em 1930 contra o então presidente Hipólito Yrigoyen, acusado pela oposição de ser o culpado pela crise. No entanto, o governo estabelecido passou a firmar acordos internacionais com a Inglaterra, que, para muitos setores na sociedade argentina, eram tidos como prejudiciais à política nacional. Por isso, esses governantes foram rotulados de “vende-pátria”.

Foi então que o GOU (Grupo de Oficiais Unidos), de tendência nacionalista, encabeçou outro golpe militar em 1943. Um dos generais que participaram do movimento foi Juan Domingo Perón, que pouco a pouco foi ganhando a simpatia das classes trabalhadoras, chegando à presidência do país depois das eleições de 1946. A partir de então Perón passaria a tomar uma série de medidas que acabariam por contribuir com a criação de um mito em torno de si e de sua mulher, Eva Perón.

Depois de instaurado o golpe em 1943, Juan Domingo Perón acumula cargos na Secretaria de Trabalho e Previdência, no Ministério da Guerra e torna-se vice-presidente do país. A partir de então ele começa a tomar medidas que lhe darão respaldo entre as classes

operárias (regulamentação das leis trabalhistas, direito a férias remuneradas e décimo terceiro salário, para citar algumas), que serão a base de sustentação de seu poder durante seu primeiro mandato. Sua popularidade aumentou de tal modo que os setores militares viram-na com desconfiança, a ponto de prenderem o General. De acordo com Félix Luna (1974):

[...] Apostar na carta peronista já parecia um mau negócio e os militares não estavam dispostos a continuar a dar seu aval a um personagem que, aparentemente, tinha contra si o que havia de mais representativo no país. Começava assim uma semana alucinante, caracterizada pela desordem e pela desorientação de todos os fatores em jogo. Todos, sem exceção, jogaram erradamente e só o povo, maciça e intuitivamente, fez o que tinha de fazer [...] (LUNA, 1974, p. 21-22)

Note-se que não há nada mais certo do que a frase que diz “todos, sem exceção, jogaram erradamente (...)”. Ora, os militares não contavam que no dia 17 de Outubro de 1945, uma multidão de operários organizaria uma manifestação na Praça de Maio exigindo a liberação de Perón. Pressionados com a mobilização, liberaram Perón e o deixaram fazer um discurso da sacada do palácio do governo.

Maria Helena Capelato (2009) cita Alberto Ciria (1983), para quem:

(...) esse dia mostrou a profundidade das mudanças que estavam ocorrendo na cidade de Buenos Aires e no resto do país: “espontâneas e densas colunas do cinturão industrial invadiram a Praça de Maio reclamando a liberdade do coronel Perón e encarnando em sua pessoa as conquistas trabalhistas e sociais alcançadas.” (CIRIA apud Capelato, 2009, p. 58).

O “acontecimento-mito”, como ficou conhecida a mobilização supracitada, marca o início da escalada de Perón ao poder. Foi um movimento que mostrou o tamanho do poder de influência que ele aperfeiçoaria posteriormente, tendo em suas mãos a máquina da propaganda política. Assim, em 1946 Perón vence as eleições presidenciais, dando início a um longo período de quase 10 anos no poder.

Como se vê, os regimes de massa só conseguiam legitimação à medida em que atendiam às necessidades das classes populares. Assim, uma característica peculiar do peronismo foi o fato de que Perón fez das massas populares sua principal “ferramenta” de legitimação do poder, dando-lhes, através da possibilidade do voto, direito à participação política, mesmo que minimamente. O discurso oficial destinado ao povo enfatizava que as ações do governo sempre visavam ao bem da nação e dos descamisados. Uma singularidade desse regime foi justamente o fato de que Perón tornou-se presidente por vias legais, ou seja,

através do voto popular. Como nos diz Luna (1974): “O poder de Perón era imenso e usado compulsivamente; mas provinha de fontes legítimas.” (LUNA, 1974, p. 76)

Em 1948, foi criada a Fundação Eva Perón, que substituiria a oligárquica Sociedade de Beneficência. Deste momento em diante, a fundação passou a colocar em prática o que Perón passou a chamar de Justiça Social, ou Justicialismo. Isso ocorreu através da construção de bairros habitacionais, policlínicas, hospitais, distribuição de remédios, máquinas de lavar, bicicletas, dinheiro, etc. Muitas indústrias foram estatizadas, como forma de cumprimento de uma política nacionalizante. Além disso, o salário dos operários aumentou significativamente, aumentando seu poder de compra e elevando o padrão de vida da população menos favorecida.

Luna (1974) nos mostra que essa mudança na vida dos operários se dá, em parte, pelo surgimento de uma indústria nacional impulsionada durante o período da Segunda Guerra Mundial. O motivo disso se deu, segundo ele, pelo fato de que com o conflito a Argentina ficou privada dos bens de importação, tendo que ela mesma produzi-los. Isso incentivou a migração de pessoas de províncias interioranas para Buenos Aires à procura de emprego. Um dos grandes significados disso é a gradativa transição do país de uma estrutura pastoril para uma estrutura industrial. De acordo com o autor:

Era essa indústria, crescida ao redor de Buenos Aires, que absorvia avidamente a mão-de-obra chegada das províncias interiores ou da zona rural pampiana, homens e mulheres que só tinham conhecido a dura vida do campo e agora, envolvidos nas grandes cidades, encontravam altos salários, pleno emprego, melhores condições de vida, e uma organização sindical para defendê-los: uma fórmula de bem-estar inédito que se traduzia automaticamente em apoio a Perón, aparente fornecedor de tais benesses.” (Idem, p. 18)

Tudo isso não era visto com bons olhos pelas classes mais abastadas, que passaram a fazer forte oposição a Perón, principalmente pelo fato de que, diante desses inúmeros benefícios, o povo passou a idolatrar fervorosamente Perón e sua esposa. Ora, pessoas que antes viviam na pobreza e de uma hora para outra passaram a ter onde morar e um emprego consideraram o presidente e sua primeira dama como seres divinizados.

Em simultaneidade com as conquistas materiais alcançadas, o peronismo utilizou intensamente a propaganda política para incutir nas mentes dos argentinos a ideia de que a Argentina vivia uma nova era, propiciada por Perón e que, por isso, eles deviam lealdade a seu líder. Perón dizia ter libertado o país do imperialismo, do comunismo e das velhas oligarquias que privavam seu povo de seus direitos de participação política. A propaganda do

governo se encarregava de disseminar ideias como essa. Para corroborar com essa afirmação veja-se um trecho da obra de Capelato (2009), em que temos:

As mensagens propagandísticas martelavam a ideia de que Perón salvara o país de muitos perigos: comunismo, imperialismo, oligarquias, velhos políticos. A satisfação com o presente e o otimismo em relação ao futuro advinham de um sentimento de segurança em relação ao poder político que, pela primeira vez, se dirigia a esses setores da sociedade, dignificando o trabalho e valorizando sua função social.” (CAPELATO, 2009, p. 71)

Perón dizia que a Argentina já vivia no futuro. Ele entendia estar realizando uma “revolução”, adotando o que chamava de “Terceira posição”. Ou seja, o peronismo constituía-se, partindo dessa representação, numa terceira via, que serviria como alternativa para as outras duas formas de governo existentes: o liberalismo individualista e o comunismo/socialismo estadista. O presidente argentino acreditava que a vantagem de seu país era a de que não estava participando de nenhum conflito, diferente de Estados Unidos e da então União Soviética, protagonistas da Guerra Fria. Para Perón, uma vez que estes dois países se “destruíssem”, com eles acabariam os seus respectivos sistemas políticos. Seria, então, a vez da Argentina de despontar enquanto liderança mundial. Referindo-se a essa posição alternativa no álbum comemorativo das realizações peronistas ele disse:

Quando penso que fomos os primeiros a anunciar essa solução aos homens e quando comprovo que fomos os primeiros a realizá-la, confirma-se minha fé nos altos desígnios que Deus reservou à nossa Pátria e minha alma estremesse de emoção pensando que não pode estar longe o dia em que a humanidade, para poder vislumbrar em sua noite alguma estrela, tenha que pôr os olhos na bandeira dos argentinos. (p. 476).” (Idem, p. 203)

Percebe-se, nesse trecho, um discurso que foi amplamente difundido pela propaganda. Discurso esse que enaltecia o regime, dizendo que o país era espelho para o resto do mundo. Note-se, ainda, a presença do imaginário católico nas palavras do presidente. Aliás, a tradição hispânica e católica da sociedade argentina será bastante explorada pela propaganda. Sem contar que a Igreja teve, também, papel de destaque não só no seu apoio ao peronismo, inicialmente, como quando decidiu romper com ele, contribuindo decisivamente para sua derrubada. Não obstante, sempre que se tratava de falar em benefícios concedidos pelo governo, esses eram referenciados como “milagres”. A própria Eva Perón, quando de sua morte, foi tida por muitos argentinos como uma santa, a ponto de haver manifestações que pediam sua beatificação junto ao Vaticano, o que não ocorreu.

Interessante também é o maniqueísmo existente na propaganda que insistiu exaustivamente na ideia da existência de um “antes” e um “depois” de Perón. Tudo o que fosse ruim era atribuído à “década infame”, enquanto que a felicidade presente era uma conquista do peronismo. Uma vez estabelecido este maniqueísmo, logo apareceriam os que eram “partidários” do peronismo e os que eram contrários a ele. No caso dos últimos pode-se dizer que já surgiam com grande desvantagem, no sentido de que logo eram associados ao atraso, como mostra Luna (1974):

Por isso aqueles que se colocaram contra o regime militar e contra Perón, seu suposto representante, adquiriam sem querer uma imagem de retardatários, de defensores do *ancien regime*, que nesse caso era exatamente a “década infame.” (LUNA, p.18)

A época de Perón era mostrada como sendo o oposto. A imagem criada em torno do regime, nas escolas, tentava fixar na mente dos alunos a ideia de que o justicialismo era uma forma de o governo amparar os menos favorecidos. Mais uma vez citando Alberto Ciria, Capelato (2009) mostra como temas abstratos eram narrados de modo a definir a política de justiça social. O exemplo da lição escolar que mostra a balança enquanto símbolo das conquistas peronistas chama bastante atenção. Na ocasião, a professora pede que um dos alunos maiores da turma coloque a mão sobre um dos pratos da balança e em seguida pede que outro aluno, dessa vez menor que o primeiro, coloque sua mão no outro prato. Relutante o menino diz que é menor e que por isso não teria como equilibrar a balança. É aí que a professora coloca sua mão no prato do menino menor e equilibra a balança. A moral da história é que a mão de Perón, ao ajudar o pobre, fazia com que este tivesse em igualdade com os demais. Implicitamente fica a ideia de que antes isso era impossível e somente com Perón tornou-se uma realidade.

Assim, a Argentina de antes é mostrada como um lugar em que não havia estradas asfaltadas, tráfego aéreo, indústrias, etc. Perón teria, ao chegar ao poder, dado ao povo tudo aquilo que ele não tinha, ou seja, um país melhor onde viver e condições para fazê-lo dignamente.

Mas não se engane quem pensa que tudo foram flores. Para conseguir amplo apoio da classe trabalhadora Perón adotou uma série de manobras que foram além da propaganda política e da concessão de benefícios ao operariado. Algo bastante importante foi o apoio que

este conseguiu dos sindicatos, que de acordo com a bibliografia estudada, nem sempre se deu de forma espontânea.

De acordo com Beired (1984) Perón utilizou-se da sua força política para atrelar os sindicatos ao governo. Ou seja, ele fez com que os sindicatos se submetessem a ele. Segundo esse autor: “Perón via na CGT 1<sup>4</sup> um importante instrumento para cooptar e controlar os sindicatos a partir do aparelho de Estado, chegando ao ponto de impedir que uma nova cisão se processasse na organização em fins de 43.” (BEIRED, 1984, p. 61). Assim, Perón criou, em 1948, um decreto estabelecendo que a Secretaria de Trabalho e Previdência tivesse poderes para intervir nas organizações sindicais. Perceba-se que a liberdade de organização estava sendo violada, uma vez que as lideranças sindicais não tinham o controle de seus sindicatos, tendo que ser submissos às vontades do presidente.

O fato é que com medidas desse tipo, o Coronel tinha em suas mãos a organização que ficaria incumbida de lhe auxiliar frente à classe operária, de modo que, sempre que houvesse a iminência de uma greve, os líderes teriam a função de evitá-la. Mas não foi só isso, Perón também estimulou a criação de sindicatos próprios do governo, que de acordo com Beired (1984) tinham “a finalidade de esvaziar os sindicatos tradicionais e cooptar os setores não organizados, impedindo a ação dos socialistas e comunistas.” (Idem, p. 72).

Diante de tais fatos, deve-se presumir que o peronismo não teve apenas simpatizantes. Muitos setores da sociedade não apoiavam o regime e contrapunham-se a ele. Eram os chamados antiperonistas, que passaram a ser perseguidos por Perón. Aliás, essa foi uma característica marcante de seu governo. Ou seja, reprimir aqueles que lhe eram contrários e “acarinhar” os que o apoiavam. Com os sindicalistas que, por ventura não cedessem às pressões de Perón, não seria diferente. Para sintetizar bem esta ideia, veja-se o que diz Luna:

[...] Com um realismo tão brutal quanto certo, Perón perseguia os dirigentes sindicais que se negavam a aproximar-se da Secretaria de Trabalho e Previdência (socialistas e comunistas na maior parte) e enchia de benefícios os que vinham para seu lado; formava sindicatos paralelos aos rebeldes; reconhecia aqueles e não estes; promovia a formação de novas associações profissionais; impunha aos sindicatos patronais convênios coletivos amplamente favoráveis aos trabalhadores ou ditava “estatutos” específicos em favor de determinados sindicatos operários; unificava a CGT, fundindo quase à força os dois organismos até então existentes que pretendiam representar a maioria dos trabalhadores. [...] (LUNA, p. 17-18)

---

<sup>4</sup> De acordo com Maria Lígia Prado, quando Perón começou a aparecer na política argentina, mais notadamente a partir de 1943, existiam duas centrais operárias, que eram a CGT nº 1, que depois do golpe militar de 1943 passou a apoiar o governo em suas medidas favoráveis às massas, e a CGT nº 2, que foi dissolvida pelas autoridades do governo.

Fica evidente que o regime peronista lançou mão de uma série de artifícios que visavam justamente calar as vozes divergentes. Quando o objetivo não era fazer calar, era fazer falar a favor. Assim, a censura foi um dos mecanismos frequentemente utilizados por Perón para impedir as manifestações contrárias ao governo. Muitos jornais, ou passaram para seu lado, ou foram expropriados. Semelhante fato ocorreu com as emissoras de rádio. Tudo que fosse nocivo ao governo era censurado.

Em se tratando do rádio, pode-se dizer que foi um dos instrumentos mais utilizados pela propaganda peronista. Inúmeros foram os métodos usados para difundir imagens positivas do peronismo. As obras lidas que tratam da propaganda peronista dão conta da ideia que o exagero era comum quando se tratava de mostrar as conquistas do governo. Muitos discursos eram proferidos por Eva e por seu marido, sendo que todos os dias esses discursos eram transmitidos pelo rádio, uma forma de garantir que a maioria dos argentinos tivesse acesso ao que o presidente dizia.

Em outras palavras, pretendia-se lembrar a todo o momento as benesses que o governo concedia ao povo de sua pátria. Em contrapartida, não era permitida uma só voz que não fosse favorável a Perón, de modo que criticar era praticamente impossível durante o primeiro mandato de Perón. Pouco a pouco o governo foi tomando conta das rádios do país, sufocando a oposição, que não encontrava meios de se expressar. De acordo com Luna (1974):

[...] No decorrer de 1948 o governo foi adquirindo, *bom gré, mal gré*, as radiodifusoras privadas, o que impediria às vozes dissidentes qualquer possibilidade de divulgar suas críticas: na campanha eleitoral de 1945/48, alguns discursos da União Democrática chegaram a ser irradiados; até julho de 1955 as estações de rádio não transmitiriam uma só voz, uma só opinião, um só nome oposicionista, vinculadas como estavam à Secretaria de Imprensa da Presidência da República, através de uma eficiente e esmagadora rede de propaganda. [...]. (Idem, p. 45-46)

Aos poucos se observa como o governo de Perón asfixiava a oposição. Mas a censura não era direcionada apenas às rádios, os jornais impressos também não escaparam. Capelato (2009) nos dá conta de que os meios de comunicação sofriam interferência das mais variadas formas, desde a redução da cota de papel à expropriação. Além disso, até o cinema sofreu com a censura, a ponto de vários filmes não poderem ser exibidos ou terem que sofrer modificações antes de o público assisti-los. De acordo com a autora, entre as atitudes proibidas estavam: “críticas à vida nacional; não se podiam mostrar pessoas desesperadas, com problemas, e os filmes tinham de exibir um mundo argentino feliz e próspero.” (CAPELATO, 2009, p. 111)

É notório que Perón fez da propaganda e da censura fortes aliadas na missão de impedir que qualquer voz que se levantasse contra o regime fosse ouvida. Paralelo a tudo isso ele teve um apoio, que, a meu ver, foi um dos mais importantes, a saber, o de sua esposa Eva Perón. Junto dela o coronel conseguiu não só angariar a simpatia de muitos argentinos de sua época, como também perpassou muito além do que podia imaginar.

Em 1951 Eva Perón foi diagnosticada com câncer no útero e pouco tempo depois, em 26 de Julho de 1952, quando tinha apenas 33 anos, todas as rádios do país noticiaram a sua morte. A Argentina viveu dias de extrema tristeza e também de alegria. Sim, alegria. Quem a sentiu foram justamente aqueles que queriam vê-la longe do cenário político, ou seja, os antiperonistas. A tristeza ficou por conta dos peronistas e da maioria do povo que a idolatrava, o que os levou a formar filas quilométricas para ver seu corpo exposto na sede da CGT. As pompas funerárias foram próprias de um chefe de Estado, simbolizando a grandeza que sua imagem adquiriu ao longo dos sete anos em que esteve envolvida com os assuntos do governo, através, sobretudo, da Fundação Eva Perón.

Em 1955 Perón é, já há três anos sem Eva, derrubado pela chamada Revolução Libertadora. No entanto, hoje, quase seis décadas após a derrubada do regime, ainda é muito presente no imaginário argentino personagens políticos como Perón e Eva. Félix Luna disse: “[...] Ruína aquela premissa que definia o peronismo como uma força efêmera, nascida do calor oficial e condenada a uma degradação certa ao desaparecer o regime que a apoiara [...].” (Idem, p. 109)

Evita talvez esteja mais viva nas mentes e corações dos argentinos, como nos dão mostras as inúmeras referências a ela nos últimos anos, sejam na produção de livros ou de filmes.

Passo a falar, então, dessa mulher que foi muito além das funções de primeira dama argentina.

### **1.3. Eva Perón e sua importância na consolidação do regime peronista**

Eva Perón nasceu em 7 de maio de 1919 numa pequena cidade dos pampas argentinos e era filha ilegítima de um estancieiro chamado Juan Duarte. Segundo seus biógrafos, sua infância foi a de uma criança humilde, frequentemente recriminada pelo fato de ser fruto de um caso extraconjugal de seu pai. Desde criança sonhava em sair daquela situação e ir morar na capital, Buenos Aires, e tentar a carreira de atriz. Ela queria de todo jeito *mudar* de vida.

*Mudança*, eis uma palavra que está intimamente ligada com a vida e com a trajetória política desta mulher. Explique-se por que.

Depois de tanto sonhar, Eva consegue ir para Buenos Aires, ainda com 15 anos de idade. A vida parece não ter-lhe sido fácil quando de sua chegada. Citando Eloy Tomaz Martínez (1996) Mitidieri-Pereira diz que: “A garota mendigou de tudo: “um café com leite, um cobertor, um cantinho na cama, uma foto nas revistas, uma mísera fala na radionovela da tarde”.”<sup>5</sup> Sua vida teria mudado no dia em que conheceu Juan Perón, em 1944, quando estavam em uma campanha de auxílio às vítimas de um terremoto ocorrido numa cidade chamada San Juan. Alguns dizem que ela não era tão boa atriz, que seria naturalmente uma figura secundária no campo artístico, mas depois que encontrou Perón seu destino mudou de forma drástica, assinando contratos com companhias de teatro importantes do país. Mas a mudança foi muito além disso, pois depois que sua relação com Perón consolidou-se ela abandonou seu sonho de infância para seguir os passos do marido, passando a ter uma vida que nunca imaginara. Esse seria o seu maior exemplo a ser compartilhado com as grandes massas desfavorecidas da argentina.

Eva Perón tornou-se peça fundamental do peronismo e soube como ninguém atrair as massas para o regime. Ao dirigir-se a estas para incuti-las a ideia de que Perón iria mudar a vida de cada um, dava o seu próprio exemplo. Assim como ela, uma mulher que saíra da pobreza para ter uma vida digna ao lado do presidente, cada um dos argentinos teriam a oportunidade de mudar de vida através da justiça social. Muitos atribuem o fato de Eva conseguir a simpatia do povo em virtude de ela ter sido uma atriz, por isso sabia representar muito bem o papel de boa esposa e de “boa argentina”.

De acordo com Marysa Navarro, em entrevista no documentário *Evita, a mulher atrás do mito*, produzido para a série *Biografia* da A&E TV's: “Foi ela quem inventou o próprio mito e ela era boa nisso, porque era boa atriz. Ela entendia o que era representar, ser uma coisa diferente daquilo que você realmente é.”<sup>6</sup> Nesse sentido, Capelato (2009) diz: “Sua experiência como atriz a qualificava para representar muito bem o papel de “ator político” descrito por Sennett (1988). Além do poder da oratória ela tinha capacidade inigualável para provocar emoção na plateia.” (CAPELATO, 2009, p. 295)

O fato é que Eva passa então a figurar na cena política de seu país, algo inédito para uma mulher e que incomodava muitos setores da sociedade. Beatriz Sarlo (2005) a considera

<sup>5</sup> MARTÍNEZ, 1996, apud MITIDIÉRI-PEREIRA, André Luis. *Itinerários de Eva Perón: fábula, biografia, ficção*. Disponível em: [http://www.fw.uri.br/publicacoes/literaturaemdebate/artigos/n1\\_10-ITINERARIOS.pdf](http://www.fw.uri.br/publicacoes/literaturaemdebate/artigos/n1_10-ITINERARIOS.pdf). Acesso em 15 NOV 2012.

<sup>6</sup> O'HEARN, Deirdre. *Biografia: Evita, a mulher atrás do mito*. 1996, 50 min.

única, excepcional, pois “Nunca nenhuma esposa de mandatário ou político havia se tornado uma peça central na construção e consolidação do poder.” (SARLO, 2005, p. 68).

O papel da Fundação Eva Perón deve ser destacado nesse aspecto, pois foi através dela que o governo fez suas principais realizações. Nesse caso, Eva Perón desponta como uma figura política de grande importância, pois era ela quem recebia centenas de pessoas por dia, ouvia o que tinham a dizer, suas angústias, suas necessidades, enfim. Eva trabalhava dia e noite incansavelmente.

Para custear os gastos da Fundação, pedia que cada trabalhador desse dois dias de salário por ano, além de receber doações de industriais, que muitas vezes eram feitas sob pressão do governo, o que provocou descontentamentos por parte das classes médias. Certo é que essa aproximação com o povo fez de Eva a principal interlocutora entre este e Perón, função que antes os sindicatos tentavam fazer. Para Beatriz Sarlo (2005) “Eva era a garantia transcendente do regime, a honra dos homens, como a mãe de Cristo. Diz ela (Eva), com propriedade: “Não sou mais – e tento sê-lo sempre – que o coração de Perón.”” (SARLO, 2005, p. 30).

De fato Eva teve uma importância grandiosa na consolidação e manutenção do peronismo. Essa importância se dá, em grande medida (ao lado dos bens doados pela Fundação Eva Perón), em função dos discursos que ela fazia, nos quais sempre falava em defesa dos descamisados e fazia duras críticas aos opositores de Perón. Entretanto, o que mais chama a atenção é o teor sentimental que ela confere às suas falas. Teor esse que a propaganda soube muito bem difundir através dos mais variados meios.

Em *A razão da minha vida*, autobiografia escrita em 1951, Eva passa quase todo o tempo falando das razões que a levaram a estar à frente das obras sociais do governo peronista. Mas não há como passar despercebido o fato de ela falar muito mais de Perón do que dela própria. A todo o tempo ela faz uma apologia ao líder, enfatizando frequentemente a devoção deste para com o povo. Ao falar dos momentos angustiados que passou quando Perón foi preso, em 12 de outubro de 1945, e das cartas que recebia dele naquele período, dizia-se ansiosa por ler algo que lhe desse a garantia do amor de Perón por ela. Para júbilo dos trabalhadores ela diz que em uma dessas cartas o futuro presidente lhe recomendava cuidar de seus descamisados. Assim, ela diz: “A mim, uma humilde e pequena mulher, confiava ele o que mais caro lhe era ao coração: os seus trabalhadores!” (PERÓN, 1951, p. 26). Para ela não havia prova de amor maior.

Utilizo este exemplo apenas para mostrar uma das formas pelas quais Eva tentava deixar claro que a preocupação maior de Perón era a classe trabalhadora e humilde do país. A

devoção desse homem aos humildes é mostrada como a retribuição ao apoio que estes lhe deram. Mais ainda, por tê-lo acompanhado quando muitos não acreditavam nele. A associação do peronismo com a religião católica foi bastante utilizada para mostrar esse fato. Para Capelato (2009) a apropriação do discurso católico foi tão forte que começou uma luta pelo poder simbólico entre a Igreja e o Estado. Isso ocorreu a ponto de o peronismo confundir-se com a religião, tamanha a devoção de seus seguidores. De acordo com a autora: “os esforços para associar a imagem do regime e sua doutrina à imagem e à doutrina da religião católica foram de tal ordem que em vez de se “catolicizar” o peronismo, “peronizou-se” o catolicismo.” (Idem, p. 252).

Ao referir-se àqueles que eram contrários a Perón, Evita os denominava de *homens comuns*, dizendo que estes desaprovaram o ineditismo que se iniciava, a saber, a inclusão das massas no centro decisivo de poder. É nesse momento que ela se apropria do imaginário católico para, ao mesmo tempo em que confirma o povo como fiel ao líder, compara, implicitamente, sua trajetória com a do fundador da religião cristã:

Então, pergunto: por que os homens humildes, os operários do meu país não reagiram como os *homens comuns* e, ao contrário, creram desde cedo em Perón e o compreenderam? A justificativa só pode ser uma: basta ver Perón para acreditar nele, na sua sinceridade, na sua lealdade e na sua franqueza. Eles o viram e lhe deram crédito. Repetia-se, sem variações, o caso de Belém, ocorrido a dois milênios passados. Os primeiros a acreditar foram os humildes, os desamparados, não os ricos, os eruditos, nem os poderosos. (PERÓN, 1951, p. 21)

Além dessa alusão a aspectos da religião, percebe-se também uma oposição bem delimitada entre ricos e pobres no discurso de Eva Perón. Ela defende estes em detrimento daqueles, colocando que os pobres já foram muito injustiçados e que o peronismo iria mudar esse panorama. Assim, as palavras *passado*, *presente* e *futuro* estão muito presentes no discurso peronista. O passado é a referência aos governos oligárquicos, tidos como extremamente ruins para o povo. O presente simboliza, é claro, as mudanças trazidas a cabo por Perón. O futuro era a promessa de uma Argentina melhor, em que não mais existiriam diferenças quanto a condição de vida da população. Obviamente que isso era algo só possível com o reinado da justiça social de Perón. Essa seria uma realidade da *Nova Argentina* de Perón.

Foi com essa forte defesa de uma justiça social que a primeira dama tocou os corações de muitos argentinos, sendo uma peça insubstituível no jogo político que se formava. O leitor atento terá percebido que ao me referir a ela, na maior parte do tempo falo em “Eva Perón”.

Para ela, essa era uma denominação formal, que só incorporava quando estava recebendo as honras que sua condição lhe dava. Mas preferia ser chamada de Evita e nem todos estavam aptos a chamá-la assim.

Nesse sentido, pode-se entender que ela cria uma nova forma de identificação com o povo. A ideia de ligação entre os dois extremos é tão forte que somente os descamisados tinham a “liberdade” necessária para dirigir-se a ela e dizer “Evita”. Assim o fazendo, eles mostravam estar à vontade com ela. E ela cristaliza essa condição enfatizando que nada seria mais falso do que ser chamada de Evita por alguém que não fosse um descamisado. A intimidade aí estabelecida é assemelhada com aquela existente dentro do seio de uma grande família, da qual ela sente-se a mãe. Ser chamada de Evita, para ela, era o mesmo que dizer que ela era, de fato, parte da família. Assim, ela destaca:

Quando uma criança qualquer me diz Evita, sinto-me, ao influxo dessa palavra, um pouco mãe de todas as crianças desamparadas da terra. Quando um operário profere esta palavra, sinto-me, ao seu conjuro, companheira de todos os homens de trabalho de minha terra e do mundo. Quando uma mulher me chama de **Evita**, sinto-me sua irmã, a irmã de todas as mulheres da humanidade. Assim, quase sem me dar conta, classifiquei com três exemplos, as atividades principais de Evita, com relação aos humildes, aos trabalhadores e à mulher. (PERÓN, 1951, p. 54-55)

Seria com essa denominação carregada de significados que Evita se mostraria tão ligada ao povo, conseguindo com que esse apoiasse o líder peronista. Mas Evita não queria apenas o apoio dos operários, queria também angariar para Perón os votos das mulheres. Assim, tornou-se uma forte defensora do sufrágio feminino, trazendo para si a oposição do movimento feminista. Historicamente essa não era uma causa própria de Eva, o que causou indignação nas ativistas. Mas diferente do que ocorria com as demais damas da sociedade, as feministas não repudiavam aquela mulher pelo seu passado supostamente obscuro, e sim porque não aceitavam o fato de que ela conseguiu um direito que elas e tantas outras tentavam há muito tempo. Ademais, não havia possibilidade de Eva ser tida como uma feminista, haja vista sua devoção por um homem, o qual a própria era a primeira a colocar como superior.

Apesar de defender o direito de voto para as mulheres, defendia que estas deveriam cuidar de seus lares, deviam ser leais a seus maridos e a seu líder. Nada mais justificável, é claro. A bem da verdade, Eva nunca se quis confundir com o movimento feminista. Ela dizia estar ciente das críticas que o movimento lhe fazia, que destacavam a ideia de que ela não era representativa da causa feminista pelo fato de reconhecer, em primeiro plano, a superioridade de Perón (Enquanto homem) sobre todos. Mas ela não se importava. Às críticas que recebeu

sobrepôs as suas, dizendo que não queria ser como as feministas, pois o que mais elas queriam era ser iguais aos homens, não sendo, portanto, porta-vozes da “verdadeira” luta feminina. Ela diz:

Por outra parte, não era solteira, velha nem desgraçada, para ocupar um lugar assim, que, desde que se tem memória, pertence por direito próprio, desde as feministas inglesas clássicas, até as destas latitudes, a mulheres desse tipo, mulheres cuja primeira vocação foi, decerto, a de serem homens. Tais eram, tais saíram os movimentos por elas orientados. (PERÓN, 1951, p. 157)

Ao formar a ala feminina do partido peronista, Eva nada mais queria do que garantir que as mulheres exercessem o direito por ela conquistado votando em Perón.

Não obstante o exposto, as ações de Evita ainda não se esgotariam. Com o apoio que tinha dos líderes sindicais, sobretudo os da CGT, ela fazia de tudo para que os possíveis descontentamentos dos operários com Perón fossem aliviados. Para isso, quando da iminência de algum tipo de revolta, ela dirigia-se às fábricas para conversar e saber o que se passava.

Um fator que se deve destacar nesse caso é que mais uma vez utilizando-se da prática discursiva ela sempre tenta associar greves com traição ao líder, mas não traição cometida pelo operariado devoto ao líder e sim por socialistas e comunistas infiltrados, que se aproveitavam para inculcar ideias contrárias ao governo. Percebe-se, então, uma estratégia que visa a rotular as greves como articuladas por uma minoria e não por vontade dos operários, supostamente satisfeitos com os benefícios do governo de Perón à classe. Para reiterar esse argumento, veja-se o trecho em que se tem:

O papel de Evita é, por vezes, amargo. Esta semana que passou, por exemplo, deixou-me um travo de azedo na boca. Estourou uma greve e teve que ser declarada ilegal, porque injusta. Eu sei que foram os maus dirigentes, os velhos dirigentes do anarco-sindicalismo, do socialismo, do conluio com comunistas infiltrados, que prestigiaram essa greve. Sei também que a parte mor da classe e que o povo em massa repudiaram esse proceder tão ingrato, de gente indigna de viver nessa Nova Argentina de Perón. Sei de tudo isso e, no entanto, vivi toda a semana agoniada. (PERÓN, 1951, p. 140)

Ela diz ainda que, ao conversar com os operários, percebeu que estes nem sequer sabiam dos motivos que levavam à classe entrar em greve. Com isso, observa-se que há uma intenção de desmerecer a greve, uma vez que ela não teria aprovação, nem do povo, nem dos que supostamente seriam seus principais interessados. Mesmo quando o interesse pudesse ser “legítimo” do operariado, ela sabia como falar-lhes e acalmar seus ânimos. Ao destacar seu

amor por eles, obviamente sempre lembrando o que por eles já fora feito, ela pede em troca retribuição. Assim como faz uma mãe ao filho, ela diz que seus conselhos nada mais são do que orientações dadas pensando no melhor para cada um: “Pelo amor ao meu povo daria tudo quanto tenho, inclusive a vida. Sabem que quando os aconselho a transigir, faço-o pelo seu próprio bem, tanto como quando os encorajo a lutar.” (PERÓN, 1951, p. 72).

Ademais, outro ponto que chama bastante atenção, e que deve ser elucidado, é o fato de até que ponto pode-se dizer que essa *Nova Argentina de Perón* seria uma conquista para todos. Como já foi dito anteriormente, o país sempre esteve dividido entre favoráveis e contrários ao peronismo. O que fica “solto no ar” é a ideia de que para Eva Perón, argentino resumia-se aos peronistas. Para ela, descamisados eram todos aqueles que estiveram na Praça de Maio em 17 de outubro de 1945. Quando fala das pessoas que recebe na Secretaria de Trabalho e Previdência diz o seguinte: “Eu nunca seleciono os operários que me visitam. Não ignoro que, vez por outra, tem-se infiltrado um comunista nas filas dos meus visitantes peronistas. Seria mentira se dissesse ter destrutado uma só pessoa”. (PERÓN, 1951, p. 77). Esse seria um indício de que só os peronistas eram privilegiados. Em compensação, estes “argentinos reconhecidos” confeririam a esta mulher um lugar especial na história do país.

Diante de tantas estratégias utilizadas para conquistar o apreço do povo e em função da forma como se conduziram os acontecimentos após a morte de Evita, a memória criada em torno dela é tão bem construída que ela tornou-se, para muitos, um mito.

Eva Perón por si só deu sua contribuição para se tornar uma figura lendária, mas foi através do forte aparato propagandístico que se forjou o mito positivo em torno dela. Sempre mostrada como alguém que saiu da pobreza em busca de uma vida digna, ela representava milhares de argentinos que sonhavam com uma ascensão na vida. Assim, a massa pobre do país se identificou com ela. Quando ela passou a atender aos anseios dos descamisados, foi o mesmo que se tornar a mãe de todos eles. Eva não podia ter filhos, por isso usava desse fato para dizer que adotara todos os argentinos como seus filhos, sendo frequentemente mostrada como alguém que sacrificava sua própria vida para ajudar seu povo. Mesmo quando foi diagnosticada com câncer, Eva não parou, continuou trabalhando até não aguentar mais. Ela passou, então, a ser vista como a santa redentora dos argentinos.

No entanto, as mesmas armas utilizadas pelo discurso oficial foram utilizadas contra Eva. Ganha destaque nesse aspecto a literatura e o teatro. Muitos foram os que escreveram textos que satirizavam a figura de Eva, de modo a negar as suas adjetivações positivas criadas pelo discurso oficial. Beatriz Sarlo (2005) cita a peça de teatro de Copi, apresentada em Paris em 1970. Nessa obra as qualidades do mito positivo são refutadas, contribuindo, assim, para a

construção da lenda negativa, na qual Eva é marcada pela crueldade, pela fúria e pelo escândalo. Referindo-se a essa peça a autora diz:

Mais perto da “dama do chicote” que de qualquer de suas denominações santas, a Eva de Copi tem muito a ver com aquela ópera rock de Weber e Rice. Longe da Eva revolucionária dos anos 60 e 70, é uma mulher despótica e vingativa, que só se interessa pelo povo como quadro para a cena final de sua morte e consagração no templo operário da CGT.” (SARLO, 2005, p. 18)

De acordo com a autora, para Copi a lembrança que Eva tinha do seu passado não era base para um sentimento de generosidade, mas de desencanto, o que teria a tornado uma mulher vingativa. Ele foi proibido de entrar na Argentina até 1984. Não foi incomum a associação, feita pelos antiperonistas, de Eva como sendo uma mulher de passado obscuro. A própria sociedade de beneficência negou a presidência da instituição à Eva (cargo geralmente dado às primeiras-damas), por dizerem que ela era filha ilegítima. Muitos diziam que Eva era uma prostituta e que ganhara a vida enganando artistas, cantores, até encontrar Perón. Isso é uma prova da não totalidade da sociedade em torno do Peronismo. Assim, muitas serão as estratégias que apresentam uma preocupação em desconstruir o mito negativo criado em torno de Eva e reafirmar o mito positivo.

Apesar do exposto, não se pode negar que a grande massa considerava-a sua verdadeira mãe. O enterro de Eva concentrou um número de pessoas antes nunca visto, seu funeral teve pompas somente vistas em funerais de chefes de Estado. Apesar de não ter conseguido ser vice-presidente do país, ela o foi simbolicamente, pois suas ações ultrapassaram as funções de um personagem político. A presença de Eva no imaginário coletivo argentino era tão forte que, quando Perón foi deposto, seu cadáver foi sequestrado pelos militares e levado para a Itália, onde passou longos 17 anos. Temia-se, à época, que o corpo de Eva se tornasse um símbolo de culto ao peronismo, regime que tentaram inutilmente apagar das mentes e corações argentinos.

Em 1998 foi criado o site oficial da Fundação de Investigações Históricas Eva Perón, cujos objetivos são mostrar as realizações peronistas e, sobretudo, reafirmar o mito positivo de Eva, sobrepondo-o ao mito negativo. São extremamente interessantes as estratégias utilizadas pelos idealizadores no sentido de desconstruir muitas versões a respeito de sua história. Esse é um assunto que trabalho com maior destaque no terceiro capítulo, quando analiso o site em si, trazendo para o centro da discussão a reconstrução de uma memória em torno de Eva Perón no ciberespaço.

## CAPÍTULO 2

### MEMÓRIA, REPRESENTAÇÃO E CIBERESPAÇO: TRABALHANDO OS CONCEITOS

#### 2.1. Entendendo os conceitos de Memória e Representação

Todo e qualquer trabalho acadêmico que se pretenda reconhecido entre seus pares necessita trazer, em sua discussão, conceitos que operacionalizem a sua escrita. Assim, para atender aos objetivos de minha pesquisa, optei por abordar três conceitos distintos, que são os de *Memória*, *Representação* e *Ciberespaço*. Neste tópico tratarei dos dois primeiros, mencionando autores que de um modo ou de outro tornaram-se referência para a historiografia.

Para falar de memória, me apoio em autores como Michael Pollak (1989 e 1992), Pierre Nora (1993), bem como no trabalho monográfico feito por Wellidilson Duarte da Silva (2012). A partir das contribuições de cada um deles pretende-se nortear esse trabalho, no sentido de entender de que forma cada abordagem pode se encaixar nas discussões aqui feitas acerca das memórias construídas e reconstruídas em torno de Eva Perón. Em se tratando da noção de Representação, analiso algumas considerações feitas por Roger Chartier (1991 e 2011), além de autores que fazem reflexões acerca deste autor, como é o caso de José D'Assunção Barros (2005) e Francismar Alex Lopes de Carvalho (2005).

Citando Maurice Halbwachs, Pollak diz que [...] a memória deve ser entendida também, ou sobretudo, como um fenômeno coletivo e social, ou seja, como um fenômeno construído coletivamente e submetido a flutuações, transformações, mudanças constantes. (HALBWACHS apud POLLAK, 1992, p. 2). O que se apreende, num primeiro momento, é a ideia de que a memória depende de uma série de interesses políticos e sociais para poder existir, além de ser mutável. Ele entende que a memória é constituída de acontecimentos que tanto podem ser vividos pessoalmente, como podem ser “vividos por tabela”, caso em que acontecimentos vividos por um grupo ou por uma coletividade são compartilhados por alguém, digamos, de forma indireta. Assim, ele diz:

São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga saber se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo. É perfeitamente possível que, por meio da socialização política, ou da

socialização histórica, ocorra um fenômeno de projeção ou de identificação com determinado passado, tão forte que podemos falar numa memória quase que herdada. (Idem, p. 2)

Ainda nessa direção, o autor atenta para o fato de que a memória também constitui-se de personagens, estes que, por muitas vezes, são lembrados por tabela, haja vista não terem vivido no mesmo tempo-espço dos que os lembram. Essa é uma discussão que cabe bem neste trabalho, uma vez que o que se analisa são as formas como a memória de Eva Perón é reconstruída na atualidade. Ora, esta é uma personagem que há mais de 60 anos não encontra-se, fisicamente, entre nós. Assim, toda e qualquer lembrança que se tenha dela parte da ordem do simbólico. Ou seja, o que ela foi por si só já não é tão suficiente para que a sua memória perpetue sem que esforços sejam direcionados para isso.

Nesse sentido, chamam a atenção as reflexões do historiador Pierre Nora acerca da inexistência de uma memória e da conseqüente necessidade de se estabelecer lugares de memória. O historiador faz uma oposição clara entre História e Memória, enfatizando a ideia de que

[...] Se habitássemos ainda nossa memória, não teríamos necessidade de lhe consagrar lugares. Não haveria lugares porque não haveria memória transportada pela história. Cada gesto, até o mais cotidiano, seria vivido como uma repetição religiosa daquilo que sempre fez, numa identificação carnal do ato e do sentido. Desde que acha rastro, distância, mediação, não estamos mais dentro da história. [...] (NORA, 1993, p. 8-9)

Tem-se aqui a ideia de que é preciso relembrar sempre, pois a memória não seria espontânea, os grupos sociais, diante do número cada vez maior de informações instantâneas, não seriam capazes de lembrar, pois

Os lugares de memória nascem e vivem do sentimento que não há memória espontânea, que é preciso criar arquivos, que é preciso manter aniversários, organizar celebrações, pronunciar elogios fúnebres, notariar atas, porque essas operações não são naturais [...] (Idem, p. 12)

Numa direção parecida, Silva (2012) nos diz que “[...] a memória enquanto fenômeno vivo, só perdura enquanto seus personagens vivem ou se lembram, enquanto os indivíduos transmitem e se recordam, sendo a memória resultado dos testemunhos de uma época [...]” (SILVA, 2012, p. 6).

A partir dessas reflexões, pode-se observar que há um interesse, de fato, em se relembrar um passado distante, como é o caso de Eva Perón, fortemente lembrada até aos dias de hoje. Mas essa lembrança muitas vezes não é a mesma para diferentes setores de uma sociedade. Existem disputas, através das quais cada grupo pretende lançar uma espécie de

memória enquanto que fazendo parte do real. Pollak nos diz que “A memória entra em disputa. Os objetos de pesquisa são escolhidos de preferência onde existe conflito e competição entre memórias concorrentes.” (POLLAK, 1989, p. 4)

Em capítulo posterior se verá que há, realmente, uma luta entre grupos opostos na Argentina que tentam, cada um à sua maneira, forjar uma memória em torno de Eva Perón. Citando Michael Pollak, Silva (2012) fala da emergência das memórias subterrâneas, que são aquelas que não fazem parte da dita memória oficial. Tais memórias vêm justamente se contrapor àquelas memórias já estabelecidas, o que implica dizer que não há uma memória única e unânime. O autor diz:

Assim, não sendo dessa forma uma imagem autônoma do passado, a memória segundo ele nestes momentos, propiciaria a emergência das memórias subterrâneas, que fariam assim surgir conflitos entre memórias emergentes e memórias estabelecidas, organizadoras da ordem social. Ou seja, a memória oficial construída com a finalidade de ser dita, explicitada, propagandeada e imposta à população — elaborada a partir do estabelecimento de um tempo progressivo, linear, finalista — disputa com as lembranças descontínuas de indivíduos e grupos que não têm essencialmente nenhuma intenção, ou compromisso com a memória coletiva. (Idem, p. 13)

Para corroborar com essa ideia, tem-se um trecho da obra de Nora (1993), no qual ele destaca o fato de que “a memória emerge de um grupo que ela une, o que quer dizer, como Halbwachs o fez, que há tantas memórias quantos grupos existem, que ela é, por natureza, múltipla e desacelerada, coletiva, plural e individualizada.” (NORA, 1993, p. 9)

A memória que o bloco peronista construiu para Eva Perón, portanto, não é a mesma construída pelos antiperonistas. Isso significa dizer que há uma constante luta, na qual cada um tenta mostrar uma realidade que lhe é própria. De acordo com Pollak (1992) “Se é possível o confronto entre a memória individual e a memória dos outros, isso mostra que a memória e a identidade são valores disputados em conflitos sociais e intergrupais, e particularmente em conflitos que opõem grupos políticos diversos.” (POLLAK, 1992, p. 5).

No caso específico de Eva Perón, pode-se dizer que existem, no mínimo, dois tipos de memória construídos ao longo do tempo. Há uma que é construída pelo próprio Estado argentino, liderado por peronistas, utilizando-se, como se viu no primeiro capítulo, de todo um aparato propagandístico, e aquela da oposição, que tenta de todas as formas refutar a memória oficial. Pode-se falar, assim, em memórias positivas e memórias negativas. Cada grupo tem seus próprios critérios que definem o que cada um quer e não quer dizer sobre a figura que rememoram. Nesse sentido, parece que se tem algo parecido com o que Pollak defende, ao contrapor as memórias subterrâneas às memórias oficiais (do Estado). Ele diz que

A fronteira entre o dizível e o indizível, o confessável e o inconfessável, separa, em nossos exemplos, uma memória coletiva subterrânea da sociedade civil dominada ou de grupos específicos, de uma memória coletiva que resume a imagem que uma sociedade majoritária ou o Estado desejam passar e impor. (POLLAK, 1989, p. 8)

De um modo geral, o que se percebe é que a memória, seja ela individual ou coletiva, depende muito de cada momento para poder ser estabelecida. Cada construção de memória deve ser entendida a partir dos interesses de cada grupo, pois o que se lembra, muitas das vezes, é aquilo que de fato interessa. Para grupos que se opõem a determinados governos (só para dar um exemplo), a memória lembrada será a mais ruim possível, ao passo que a memória lembrada pelos partidários de alguém ou grupo será sempre de forma positiva. Há, como mostra Silva (2012), uma eleição dos fatos que se desejam lembrar, uma vez que

[...] a memória coletiva seria representações coletivas estabelecidas, eleitas, na medida em que estas interessam ao grupo e que contribuem para manter e lembrar os mesmos sentimentos e significados, fazendo com que os indivíduos se considerem parte do grupo, ao compartilhar a mesma memória, estabelecendo sua identidade. (SILVA, 2012, p. 6)

A memória que se (re)constrói em torno de Eva Perón na atualidade<sup>7</sup> é justamente uma eleição de fatos de sua vida tidos como dignos de lembrança. O que se lembra são todas as suas ações em prol dos menos favorecidos, à medida que a memória que a contesta é paulatinamente refutada.

Essas lembranças, sejam positivas ou negativas, também implicam na reafirmação de uma série de representações sobre Eva Perón, que seguem a mesma lógica. Desse modo, cabe-nos também analisar alguns aspectos acerca dessa noção no campo historiográfico.

Sempre que se fala na noção de representação é impossível não falar em Roger Chartier, dado o fato de que este autor tornou-se referência para a História com trabalhos voltados para essa problemática. O autor entende que as representações são uma forma pela qual determinados personagens ou grupos tentam fazer com que a sociedade acredite que o mundo é do jeito que eles querem que sejam. Para entender melhor essa ideia tem-se o seguinte trecho:

Então, tal como a entendo, a noção de representação não está longe do real nem do social. Ela ajuda os historiadores a desfazerem-se de sua “muito pobre ideia do real”, como escreveu Foucault, colocando o centro na força das representações, sejam interiorizadas ou objetivadas. As representações

<sup>7</sup> Vale destacar que essa afirmativa tem como referência o site o qual analiso.

possuem uma energia própria, e tentam convencer que o mundo, a sociedade ou o passado é exatamente o que elas dizem que é. (CHARTIER, 2011, p. 23)

Analisando a obra de Chartier, José D'Assunção Barros (2005) diz que “as práticas e representações são sempre resultado de determinadas motivações e necessidades sociais.” (BARROS, 2005, p. 134). Ou seja, as duas citações nos fazem refletir sobre o fato de que dependendo do interesse de cada grupo, as representações são construídas de modo a tentar inculcar determinados valores na sociedade. No caso de Eva Perón, inúmeras foram as representações que se criaram em torno dela, sendo aquela que a colocava como a “santa redentora dos argentinos” um forte exemplo.

Entretanto, assim como o temos com relação às memórias, ao falar de representações também podemos falar que há lutas entre grupos distintos para “representar” determinado personagem. Assim, enquanto grupos representam Eva Perón enquanto uma santa, outros a representam como uma mulher de “passado ilegítimo”. Daí apreende-se que as representações, assim como as memórias, não são passíveis de serem aceitas de forma unânime. De acordo com Carvalho (2005) “a imposição de uma representação não significa a aceitação unívoca dessa representação: pode existir pluralidade de leituras.” (CARVALHO, 2005, p. 154)

Citando Chartier, Barros (2005) destaca que

As representações - acrescenta Chartier - inserem-se “em um campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e de dominação”; em outras palavras, são produzidas aqui verdadeiras “lutas de representações” (CHARTIER, 1990, p. 17). E estas lutas geram inúmeras “apropriações” possíveis das representações, de acordo com os interesses sociais, com as imposições e resistências políticas, com as motivações e necessidades que se confrontam no mundo humano. (BARROS, 2005, p. 139)

Tem-se percebido, desde o primeiro capítulo, que falar sobre Eva Perón é falar de uma história cheia de ambiguidades. Ou seja, existem dois lados de uma moeda, de modo que em cada um dos lados se opõem partidários e não partidários, não só de Eva Perón, como também do peronismo de uma forma geral. Então, torna-se compreensível o fato de que se produzam memórias e representações que simbolizem bem essa ambiguidade. Nas palavras de Carvalho, também se referindo a Chartier,

Entre a representação proposta e o sentido construído, discordâncias são possíveis. A força da representação pode tentar persuadir de um poder, mas pode também dar a perceber a distância entre os signos exibidos e a realidade que eles não podem dissimular. A pesquisa deve situar-se, segundo

Chartier, na tensão entre a onipotência da representação e seus possíveis desmentidos (CHARTIER, 2002, p. 178). (CARVALHO, 2005, p. 154)

Isso significa dizer que há uma luta intensa que se arrasta desde o período em que o peronismo ainda tinha seu líder fundador (Juan Perón) até aos dias de hoje. Luta essa que traz para o cenário ideologias e estratégias que tanto tentam enaltecer como fazer críticas a figuras como Eva Perón. Há uma luta sobre as memórias e representações desta mulher que a torna ainda mais presente no imaginário argentino. De um lado, há a necessidade de lembrar o que de bom ela fez, as formas como o povo a concebia, e, de outro, tentar fazer esquecer fatos controversos levantados pela oposição. Essa oposição, por sua vez, aparece com interesses parecidos, só que produzindo memórias e representações de forma contrária às já estabelecidas. Entende-se, assim, as representações como fazendo parte de um jogo de interesses, no qual vários grupos entram em disputa. Chartier diz que

As representações são entendidas como classificações e divisões que organizam a apreensão do mundo social como categorias de percepção do real. As representações são variáveis segundo as disposições dos grupos ou classes sociais; aspiram à universalidade, mas são sempre determinadas pelos interesses dos grupos que as forjam. O poder e a dominação estão sempre presentes. As representações não são discursos neutros: produzem estratégias e práticas tendentes a impor uma autoridade, uma deferência, e mesmo a legitimar escolhas. Ora, é certo que elas colocam-se no campo da concorrência e da luta. Nas lutas de representações tenta-se impor a outro ou ao mesmo grupo sua concepção de mundo social: conflitos que são tão importantes quanto as lutas econômicas; são tão decisivos quanto menos imediatamente materiais (CHARTIER apud CARVALHO, 2005, p. 149).

Essa luta vem sendo cada vez mais explicitada através dos discursos produzidos no ciberespaço, como analiso no próximo capítulo. Mas torna-se igualmente importante, antes que essa análise seja feita de forma mais aprofundada, entender como que esse novo suporte pode ser tido como um espaço de produção histórica. É por isso que a análise dessa reconstrução de memórias nos dias atuais precisa ser acompanhada desse conceito ainda novo no campo historiográfico. Diante dessa necessidade, analiso, nas próximas linhas, algumas considerações feitas acerca do conceito de ciberespaço.

## 2.2. Algumas considerações sobre o ciberespaço

Ao longo dos anos, o historiador viu ampliar-se não só as possibilidades de abordagens históricas, como também a quantidade de possíveis fontes. Durante um bom tempo a história pautou-se na utilização do documento escrito oficial como sendo o único a ser considerado como fonte histórica. Entretanto, temos, a partir de inícios do século XX, uma mudança desse cenário. A chamada Escola dos Annales<sup>8</sup> traz consigo uma mudança significativa para a produção histórica, qual seja, o fato de considerar como fonte todo e qualquer vestígio que tenha sido produzido pelo homem.

Isso não quer dizer, de forma alguma, que o documento escrito tenha sido colocado em segundo plano, mas que apenas os horizontes se ampliaram. Nos dias atuais temos trabalhos que ancoram-se nas mais variadas fontes, das quais se pode citar: periódicos, literatura, música, depoimentos orais, fotografias, filmes, documentários, dentre uma série quase infinita.

No século XXI se tem a emergência de uma possível nova fonte, que é o hipertexto presente no suporte digital<sup>9</sup>, ou Ciberespaço. Isso se dá graças ao grande desenvolvimento tecnológico e informacional ocorrido desde as últimas décadas do século passado. No entanto, assim como acontece com muitas das novas experiências, a utilização do ciberespaço na produção histórica ainda sofre algumas ressalvas, o que não impede que se discuta este conceito, bem como defender a ideia de que temos um lugar novo no qual podemos refletir acerca de problemáticas referentes a essa complexa área do conhecimento que é a disciplina histórica.

De acordo com o filósofo francês Pierre Lévy, a palavra ciberespaço foi inventada em 1984 por William Gibson, em seu romance de ficção científica *Neuromante*, designando “o universo das redes digitais, descrito como campo de batalha entre multinacionais, palco de conflitos mundiais, nova fronteira econômica e cultural.” (LÉVY, 1999, p. 92). Levy, ao definir o ciberespaço, fala também em cibercultura, que seria o conjunto das práticas desenvolvidas nesse ambiente digital. Veja-se o que diz o autor:

Como uso diversas vezes os termos “ciberespaço” e “cibercultura”, parece-me adequado defini-los brevemente aqui. O ciberespaço (que também chamarei de rede) é o novo meio de comunicação que surge da interconexão

---

<sup>8</sup> Para saber mais ver: BURKE, Peter. A escola dos Annales – 1929 – 1989: A revolução francesa da historiografia. Tradução de Nilo Odália. São Paulo: Editora UNESP, 1991.

<sup>9</sup> Entenda-se hipertexto como sendo um conjunto de textos digitais, os quais podem estar ligados a uma série de outros textos através de hiperlinks fornecidos pela web.

mundial dos computadores. O termo especifica não apenas a infra-estrutura material da comunicação digital, mas também o universo oceânico de informações que ele abriga, assim como os seres humanos que navegam e alimentam esse universo. Quanto ao neologismo “cibercultura”, especifica aqui o conjunto de técnicas (materiais e intelectuais), de práticas, de atitudes, de modos de pensamento e de valores que se desenvolvem juntamente com o crescimento do ciberespaço. (LÉVY, 1999, p. 17)

A partir dessa perspectiva, entende-se que o ciberespaço é tido como um lugar em que há uma interação informacional entre os agentes sociais, que são não só receptores, mas também emissores de mensagens. Ora, a internet, parte constitutiva do ciberespaço, é um lugar em que se tem cada vez mais interação entre os mais variados grupos. Nas palavras de Ribeiro: “Neste contexto de inovações e possibilidades tecnológicas, foi se delineando um novo ambiente de convivências, denominado de ciberespaço, no qual relações sociais com características peculiares estão sendo construídas. (RIBEIRO, 2001, p. 140)

As relações entre os indivíduos, o compartilhamento de ideias, as trocas de saberes não são mais, na visão de Lévy, dificultados pela barreira geográfica. Ou seja, a distância não se torna um grande problema, haja vista que as pessoas podem conectar-se à internet e se comunicar de pontos extremos do planeta. De acordo com ele [...] Torna-se possível, então, que comunidades dispersas possam *comunicar-se por meio do compartilhamento de uma telememória* na qual cada membro lê e escreve, qualquer que seja sua posição geográfica. (LÉVY, 1999, p. 94)

Uma vez que existe a possibilidade do estabelecimento de relações sociais entre grupos humanos diversos, há, também, a possibilidade de se analisar as formas através das quais estes grupos se apropriam da internet para tentar compartilhar seus pensamentos, a forma como concebem o mundo, enfim. Para o historiador Celso Gestermeier do Nascimento, a internet deve ser vista como um espaço que de certa forma muda as relações sociais:

Acreditamos que o fenômeno da net não deve ser apenas analisado pelo aspecto tecnológico. Ou melhor, a internet não apenas possibilita o acesso a informações cada vez mais rapidamente, não se trata apenas de um instrumento da tecnologia, mas ajuda a desenvolver e alterar as próprias redes sociais. No dizer de Monasterios (2003), é como se ao mesmo tempo em que a sociedade cria a tecnologia, ela também fosse recriada por ela. (NASCIMENTO, 2009, p. 206)

Em sua tese de doutorado, intitulada *Os Aymara: Construindo a Revolução Índia No Ciberespaço*, Nascimento faz uma interessante reflexão acerca de como o ciberespaço é usado por grupos indígenas bolivianos para promover uma espécie de resistência aos grupos dominantes locais, bem como manifestar suas insatisfações e reforçar seus traços culturais.

Mais que isso, como pessoas identificadas e pertencentes a esses grupos, que vivem em outros países, também participam desse movimento, mesmo não estando em seu país de origem. Isso vem a corroborar com a ideia exposta por Lévy de que [...] o ciberespaço oferece as condições para uma comunicação direta, interativa e coletiva. (LÉVY, 1999, p. 246).

A partir daí verifica-se que o ciberespaço pode constituir-se numa importante ferramenta que permite a reflexão histórica. Outro exemplo que chamou minha atenção foi o trabalho produzido por Lívia Gonçalves Magalhães, intitulado *A luta pela memória no campo virtual: o olhar positivo da ditadura por jovens argentinos*. Nesse artigo, a autora analisa como a rede social *facebook* é apropriada por jovens argentinos para mostrar suas insatisfações com o governo da presidente do país, Cristina Kirchner. Esse espaço lhe possibilita perceber como a internet constitui-se num ambiente em que determinadas memórias são produzidas com o intuito de contrapor-se à situação política atual. Ou seja, o *facebook* tornou-se, nesse caso, um espaço de lutas simbólicas entre diferentes grupos.

Há, também, o trabalho do já mencionado autor Willidilson Duarte da Silva, que analisou como pessoas comuns e o governo americano utilizaram o ciberespaço para formalizar uma memória do ataque às torres gêmeas do World Trade Center, ocorrido no dia 11 de Setembro de 2001. O autor destaca que entre os séculos XIX e XX há um desenvolvimento significativo da manifestação da memória coletiva por meio de monumentos aos mortos. Segundo ele, nos Estados Unidos tornou-se comum homenagear personalidades e eventos nacionais por meio de memoriais, sendo o *Museu Memorial do 11 de Setembro*, construído pela *Fundação Nacional Memorial e Museu do 11 de Setembro*, um forte exemplo. Paralelo à construção do memorial físico, Silva (2012) mostra que foi criado um site, ligado ao memorial, cujos objetivos é divulgar o evento e agendar visitas ao local. É nesse sentido que ele defende a ideia de que na contemporaneidade a internet passa a ser usada como lugar que se “inscreve na ascensão de registros de memória” (SILVA, 2012, p. 2), destacando que o protagonismo da mídia na formalização da memória, desde a TV à internet, é um fenômeno que marca a sociedade atual, o que pressupõe que o historiador não mais pode negligenciar esses novos lugares de memória.

Entretanto, o ciberespaço ainda tem resistência por parte de muitos pesquisadores, sobretudo pelo fato de que, para alguns, há uma quantidade de dados à disposição que muitas vezes não tem uma devida contextualização, além dos perigos de uma pesquisa sem critérios de análise. Para André Oliva Teixeira Mendes:

É verdade que o avanço tecnológico tem permitido uma divulgação cada vez mais intensa das potencialidades informativas de conjuntos documentais. A

confeção de plataformas de acesso a informações arquivísticas, capazes de agregar diferentes instrumentos de pesquisa produzidos por instituições múltiplas, permitiria uma aparente democratização da informação, interligando pesquisas e possibilitando intercâmbios cada vez mais úteis no sentido de romper com antigas estruturas colonializadas de saber. [...] Contudo, cabe ao pesquisador ser capaz de avaliar os dilemas que envolvem a escolha e o uso de determinados conjuntos documentais, buscando informações que possam contextualizá-los. As diferentes manifestações histórico-culturais de um povo não são capazes de retratar um fato em si, mas sim sua reapresentação, sob a forma de teatro ou simulação. (MENDES, 2012, p. 2)

É notório que a internet fornece um número de informações impossíveis de serem apreciadas em sua totalidade. Concordo com o autor quando diz que é necessário buscar informações adicionais que complementem o que se lê nos sites. Entretanto, gostaria de fazer aqui uma breve reflexão. Enquanto pesquisadores de história, devemos ter em mente aquela velha regra de que nenhum documento (ou fonte) tem uma verdade absoluta, de modo que não deva ser questionada. Com a internet não seria diferente. Ao se referir a documentos históricos, Jacques Le Goff destaca o seguinte:

O documento não é inócuo. É antes de mais nada o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziram, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver, talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda que pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resulta do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprias. (LE GOFF, 1994, p. 547-548)

Acredito que a regra sirva para as demais fontes históricas. Ora, entendendo bem o que quer dizer o historiador francês, pode-se afirmar que a produção de qualquer material que venha a tornar-se fonte para o historiador está condicionado a uma série de interesses e motivações que devem ser problematizados de forma consistente. O trabalho de história também é um trabalho de investigação. Um texto sobre determinado conteúdo não vai falar por si só, nem o que ele diz deve ser tido como uma verdade pronta. Não é só com a internet que precisamos valer-nos de contextualizações. Qualquer pesquisa precisa ter um suporte que vá além da fonte principal em si. Ou seja, uma única fonte não diz tudo que se quer saber sobre determinado passado. São necessários os confrontos entre as fontes para que se tenha uma problematização mais bem apurada.

No caso em específico deste trabalho, o que se pode argumentar é que, mesmo tendo o suporte digital como fonte principal, precisei recorrer a um material bastante vasto, para que

assim pudesse confrontar o conteúdo do site com discussões há muito feitas em outros suportes. Se se levar em consideração que cada vez mais se utiliza a internet para o compartilhamento das discussões as mais variadas, pode-se dizer que esse é um espaço que merece ser estudado mais pelos historiadores, não obstante as dificuldades que se possam encontrar pelo caminho.

Além da preocupação com a contextualização, há também um receio quanto ao suposto caráter efêmero do ciberespaço. É pensando nisso que Fábio Chang de Almeida defende a ideia de que é preciso um cuidado do historiador em reunir esforços no sentido de preservar a informação existente na web:

Em função da significativa ampliação do espectro de usuários que colaboram com a construção da Internet, possibilitada pela web 2.0, fica evidente que os historiadores do tempo presente não podem negligenciar o potencial da rede. O caráter efêmero da Internet torna ainda mais importante a tomada de consciência dos historiadores perante esta nova categoria de fontes. Muitos sites são retirados do ar sem aviso prévio e seu conteúdo pode ser perdido, visto à sua inexistência em outro suporte. Como se estivesse em um trabalho de arqueologia de salvamento, o historiador torna-se responsável pela análise e também pela preservação da informação. Não fosse a sua intervenção, o documento poderia ser perdido em caráter definitivo. (ALMEIDA, 2011, p. 9)

Vale ressaltar, entretanto, que isso não significa dizer que o historiador tenha a obrigação de preservar todo o material disponível na internet, haja vista que o número é infinitamente grande. Basta uma pesquisa qualquer que o campo de busca da internet fornece milhares, e às vezes milhões, de dados sobre determinado conteúdo. Esse fato nos remete ao que Antônio Fernando de Araújo Sá chama de “cultura da abundância”, mostrando que é necessário preservar pelo menos uma parte do que se produz na web hoje:

Como a Internet tem se expandido dramaticamente, ao lado da rápida acumulação de dados digitais, o que se percebe com o trabalho do historiador atual é a passagem de uma cultura da escassez para uma cultura da abundância. Apesar dos arquivos da Internet ser quase infinitos e se não é possível preservar tudo, ao menos é urgente preservar algo[...]. Como o investimento das instituições públicas de pesquisa e guarda documental não tem contemplado, suficientemente, essa nova fonte histórica, há o perigo de, no futuro próximo, termos uma atitude deliberada de privatização deste patrimônio, colocando em cheque o futuro do passado, na medida em que tais iniciativas têm se restringido a empresas privadas que disponibilizam o acesso a documentos on-line (artigos, livros, ensaios, dissertações e teses), como é o caso do Google Scholar. (SÁ, 2008, p. 3-4)

Essa abundância de dados não significa dizer que “tudo” o que é encontrado possa ser considerado como instrumento de uma pesquisa, mas o fato é que cada vez mais a internet

mostra-se como um espaço que não pode ser negligenciado. Durante etapas sucessivas das sociedades humanas as práticas culturais foram se modificando. Hoje, nos deparamos com novas formas de socialização de culturas e saberes. Nas palavras do sociólogo e teórico de comunicação Gottfried Stockinger,

A internet como ambiente não apenas amplifica a formação de campos de comunicação social enquanto “instrumentos”: ela é capaz de fazer emergir construções culturais inéditas, que se transformam praticamente em sujeito, ganham “vida” própria, uma vida virtual equipada com inteligência artificial. (Stonier, 190, p. 231f). (STOCKINGER, 2001, p. 110-111)

O que se observa é que há, nos dias de hoje, uma nova dinâmica, na qual os saberes são cada vez mais compartilhados, com uma velocidade sem precedentes. Não se pode dizer ainda que o acesso à internet é algo que contemple a todos, mas por um lado pode-se afirmar que esse acesso aumentou significativamente. Uma vez que mais pessoas podem acessar conteúdos da web, grupos diferentes aproveitam para compartilhar seus ideais e arregimentar adeptos. Muitos grupos, como se viu, usam a internet para afirmar um tipo de memória que lhes é conveniente, gerando discussões e lutas simbólicas. Assim, parecem bastante pertinentes as palavras de Silva (2012) quando diz que

[...] o ciberespaço, se inscreve como uma nova percepção de espaço e tempo, uma nova sensibilidade dos indivíduos, um novo suporte de memória. Se apresentando como um cenário de multiplicidades do passado inscrito no tempo presente, um ambiente plural e heterogêneo, recordando e identificando o passado, dando sentido, lugar e valor para a memória, a web tem se afirmado como espaço de práticas sociais de memória. (SILVA, 2012, p. 29)

É a partir do entendimento dessas proposições, que colocam o ciberespaço como um ambiente em que diversos grupos passam a interagir uns com os outros no intuito de compartilhar e trocar ideias sobre os mais variados temas, inclusive para demarcar lugares de memória, que se pretende analisar como determinado grupo tenta propagar uma memória de Eva Perón no ciberespaço.

## CAPÍTULO 3

### RECONSTRUINDO UMA MEMÓRIA NO CIBERESPAÇO

#### 3.1. As “memórias” de Evita na atualidade

“[...] confesso que tenho uma ambição, uma única e grande ambição pessoal: quisera que o nome de Evita ficasse inscrito para sempre na história de minha pátria. Quisera que dela se dissesse, numa pequena nota inscrita ao pé do capítulo maravilhoso que a história certamente dedicará a Perón, algumas poucas palavras: “Houve, junto de Perón, uma mulher que foi o veículo das esperanças do povo, que Perón convertia mais tarde em realidades...” De forma sobranceira, sentir-me-ia compensada se essa pequena nota terminasse assim: “Dessa mulher sabemos apenas que o povo a chamava carinhosamente de **Evita**.”” (PERÓN, 1951, p. 57)

Neste trecho de *A razão da minha vida*, Eva Perón diz que sua maior ambição era que seu nome estivesse, nem que fosse numa pequena nota, inscrito na história argentina. No entanto, o que se observa é que ela teve seu nome inscrito muito mais do que numa simples nota, sendo de tal modo referenciado que até hoje é lembrado por muitos argentinos.

Viu-se no capítulo 1 que o governo peronista utilizou-se de inúmeras formas para propagar a imagem de Eva Perón como sendo a redentora dos argentinos, transformando-a em mito. O fato é que mais de sessenta anos após a sua morte, a sua imagem ainda está presente no imaginário argentino.

Em primeiro lugar, vale salientar que a política Argentina atual tem grande influência do partido peronista. De acordo com Silva (2013) “O Partido peronista é o mais importante do país. Além da presidência, tem a maioria dos governadores, senadores e deputados federais. Perón e Evita são constantemente citados pelos políticos, e chegam a ser elogiados até pelos antiperonistas. Várias entidades políticas, sindicais, sociais e estudantis levam o nome de um ou de outro.”<sup>10</sup>

Dois exemplos são bastante representativos da forte “presença” de Eva Perón, mesmo tanto tempo depois de sua morte. Em 2011 foi inaugurada uma imagem gigante da ex-primeira dama argentina, feita de ferro e aço, no prédio onde antes funcionava o ministério da saúde (Imagem 1). E em 2012, ano comemorativo dos 60 anos de sua morte, foi lançada uma nota comemorativa de 100 pesos com o rosto de Eva gravado (Imagem 1). Vale ressaltar que

---

<sup>10</sup> SILVA, Paulo Renato. República de Perón. IN: Revista de História da Biblioteca Nacional. Ano 8 – nº 91 – Abril 2013. P. 60-63.

a nota não teve função apenas simbólica, como também passou a circular normalmente como dinheiro oficial do país.



Imagem 1: Em cima, imagem da nota comemorativa em homenagem aos 60 anos da morte de Evita. Disponível em *Google imagens*. Embaixo, imagens gigantes de Evita na fachada do prédio onde funcionavam os ministérios da Saúde e do Desenvolvimento Social. *Fotos de Norryson Darlan, 2012.*

Percebe-se, nestes casos, um movimento que caminha para uma produção de novas memórias em torno de Evita. Ou talvez para a manutenção de sua memória. De acordo com Michael Pollak “cada vez que uma memória está relativamente construída, ela efetua um trabalho de manutenção, de coerência, de unidade, de continuidade, de organização.”<sup>11</sup> O que se pode observar é que nos dias de hoje há o que alguns estudiosos da memória chamam de “lugares de memória”. Citando Pierre Nora (1993), Wellidilson Duarte da Silva destaca que “lugar de memória seria um espaço privilegiado para a informação/difusão do passado e sua reflexão [...]”<sup>12</sup>. O autor nos mostra também que a partir da Segunda Guerra Mundial “surge uma febre sobre a memória, observada pela construção de museus, preservação e valorização

<sup>11</sup> POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, p. 200-212.

<sup>12</sup> SILVA, Wellidilson Duarte da. **Onze de setembro: formalização da memória**. Monografia apresentada ao curso de História da UFCG: Campina Grande, 2012. P. 16.

de patrimônios, construção de monumentos, comemorações de datas consagradas, valorização de uma literatura histórica, de biografias, filmes, etc.”<sup>13</sup>

Partindo desta perspectiva, se pode dizer que existe um interesse cada vez maior em lembrar Eva Perón. Acima se tem exemplos do que talvez pudessem ser um tipo de lugar de memória, no qual a imagem dela está sendo compartilhada por argentinos de todas as idades, inclusive aqueles que nunca tiveram contato com ela. A imagem na nota comemorativa é simbólica da influência que sua ação teve a ponto de perpassar aos dias de hoje. Ademais, há uma série de outros mecanismos através dos quais a memória de Eva se perpetua.

Chamam atenção, neste sentido, o número de filmes e documentários produzidos nos últimos anos. Em 1996 foi lançado o filme americano *Evita*, no qual Eva foi interpretada por Madonna. Diz-se que o filme causou polêmica na Argentina, fato normal, uma vez que é uma produção que de certa forma traz à tona uma série de aspectos antiperonistas. A polêmica, ou o descontentamento perante o filme, só vem a corroborar a ideia de que Eva tem um lugar de destaque na memória de muitos argentinos, memória que não é pautada em pontos negativos, senão numa visão santificadora da mesma. Já em 2011 foi lançado um outro filme, agora argentino, intitulado *Eva de La Argentina*, dirigido por María Seoane, em que se mescla desenho animado com imagens e vídeos reais de Evita. Tudo indica que seja uma produção que pretende atingir as novas gerações argentinas (já que trata-se de uma animação), de modo a perpetuar a imagem de Eva, reatualizando sua memória. Diferentemente do que se tem no filme americano, neste temos uma narrativa que reafirma a história peronista, ou seja, a “verdade” que se quer passar é aquela forjada pela propaganda do governo e que foi sendo reproduzida ao longo dos anos.

Mas os meios pelos quais a memória é reafirmada ainda não se esgotaram. O que chama a atenção, particularmente, é a emergência do ciberespaço como um espaço em que as narrativas sobre a vida de Eva Perón estão sendo trazidas. Assim, o que se pretende, a partir das linhas seguintes, é analisar como a memória de Eva tem sido (re)construída a partir da utilização da web, além de situar o ciberespaço como uma possível ferramenta que permita uma reflexão nova no campo da história. Dito de outro modo, como a web pode servir enquanto fonte para o historiador. Tendo como suporte o website [evitaperon.org](http://evitaperon.org) caminho no sentido de perceber como estão sendo produzidas outras formas de socializar a memória a partir das fontes digitais.

---

<sup>13</sup> Idem, p. 15.

### 3.2. A memória de Eva Perón no website [evitaperon.org](http://evitaperon.org)

O site [evitaperon.org](http://evitaperon.org) foi criado em 1998 pela família de Eva Perón e está vinculado à Fundação de Investigações Históricas Eva Perón, bem como ao *Museu Evita*, inaugurado em 2002. O site é utilizado, dentre outras finalidades, para divulgar o Museu Evita, dedicando uma seção para a exibição de fotos e de um breve histórico do museu. O objetivo principal do site é colocado na Home page de forma bem clara e sucinta: “*Bienvenido al sitio internet de la Fundación de Investigaciones Históricas Eva Perón. Aquí encontrará información sobre la vida de Eva Perón y sobre la obra que realizó por medio de la Fundación Eva Perón.*”<sup>14</sup>

A Home Page do site está composta por dez seções, que são:

F.I.H.E.P - Fundação de Investigações Históricas Eva Perón (imagem 2);

O legado de Evita Perón;

Biografia de Evita Perón;

Fundação Eva Perón;

Evita - La opera;

Fotografias de Evita Perón;

I.N.I.H.E.P (Instituto Nacional de Investigações Históricas Eva Perón);

Monumento a Evita Perón;

Museu Evita;

Miscelaneas.

---

<sup>14</sup> \_\_\_\_\_ Conservando el legado de Evita. Disponível em: <<http://www.evitaperon.org/index-es.htm>>. Acesso em 20 MAR 2013.

Em todas as seções pode-se observar o conteúdo que será apresentado nas demais seções do site, já que temos uma espécie de “barra de menu” na parte lateral esquerda da tela.

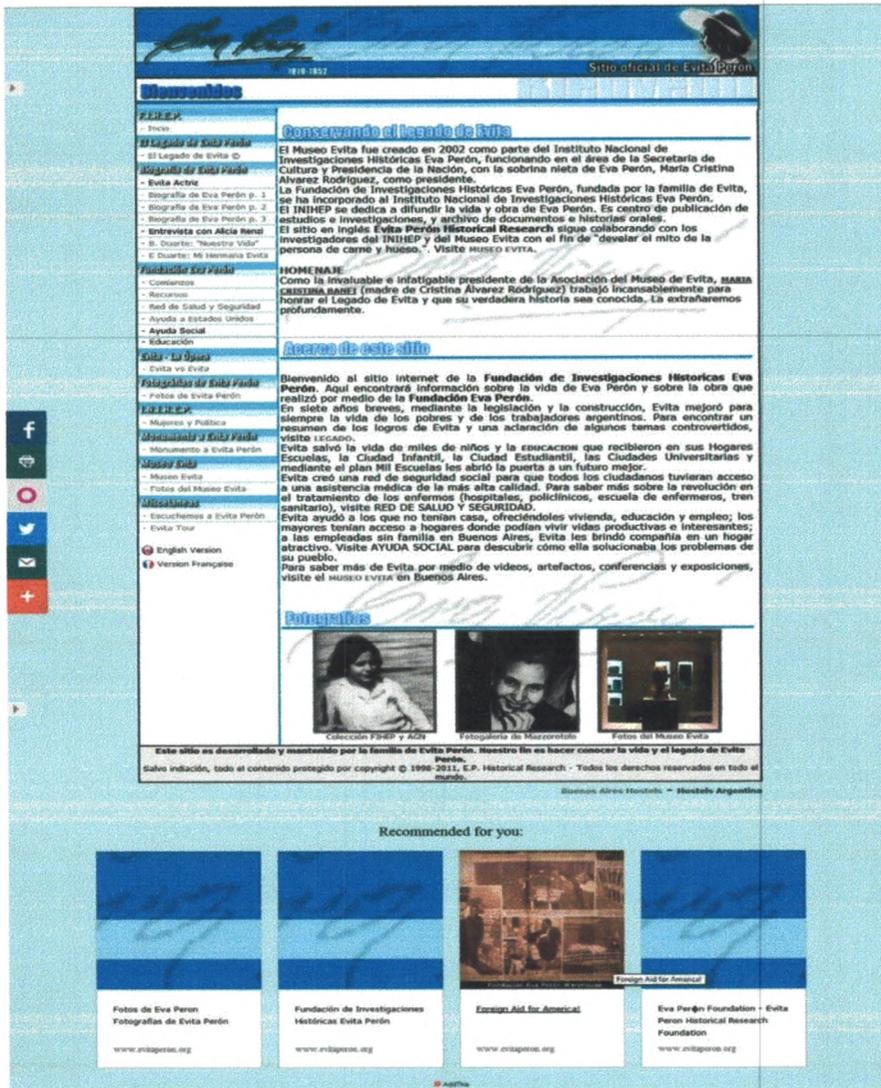


Imagem 2: Home Page do site

Perceba-se que a estrutura do site não nos coloca nenhum tipo de dificuldade quanto a sua navegação, pois em qualquer página que se estiver acessando tem-se a opção de “transitar” pelo site apenas clicando na seção desejada, presente do lado esquerdo do texto principal. Além disso, há, próximo ao que se convencionou chamar “barra de menu”, seis ícones. Estes ícones são os das redes sociais mais usadas, como Facebook, Twitter, Hotmail e Orkut. Além deles, se tem um ícone com a opção “imprimir”. Assim, o leitor poderá imprimir a página que estiver acessando. E o último tem o nome “mais” e abre uma série de outros

aplicativos eletrônicos, em sua maioria links de redirecionamento através dos quais se pode compartilhar o conteúdo do site. Além disso, muitos outros não se referem ao site analisado, sendo aplicativos de jogos, blogs, etc.

Quanto aos ícones que dizem respeito às redes sociais, percebe-se que eles tem a função de fazer com que o usuário “compartilhe” o conteúdo da página do site, não sendo, portanto, um redirecionamento para outras páginas ou sites. Na parte inferior da Home Page se tem três fotos relacionadas a Evita, a primeira de quando era criança, a segunda já adulta e a terceira é um busto feito em sua homenagem. Ao clicar em qualquer uma das duas primeiras fotos, o site é direcionado para a seção “Fotografias de Evita Perón”. Quando se clica na última foto, o site direciona para a seção “Museu Evita”. Mais abaixo, já no fim da página, há a opção de se redirecionar para outra parte do site. Essa opção se dá de forma aleatória, não seguindo a sequência que se tem na barra de menu. Esta última opção não está disponível em todas as seções do site. Ademais, o site é todo escrito em Espanhol, tendo as versões em Francês e em Inglês.

Em se tratando de conteúdo, esta parte inicial é bem breve, apresentando as boas vindas e fazendo um minúsculo resumo do que se vai encontrar no site, remetendo cada conteúdo a um algum dos subitens presente em alguma de suas seções:

“En siete años breves, mediante la legislación y la construcción, Evita mejoró para siempre la vida de los pobres y de los trabajadores argentinos. **Para encontrar un resumen de los logros de Evita y una aclaración de algunos temas controvertidos, visite LEGADO.**

Evita salvó la vida de miles de niños y la EDUCACION que recibieron en sus Hogares Escuelas, la Ciudad Infantil, la Ciudad Estudiantil, las Ciudades Universitarias y mediante el plan Mil Escuelas les abrió la puerta a un futuro mejor.

Evita creó una red de seguridad social para que todos los ciudadanos tuvieran acceso a una asistencia médica de la más alta calidad. Para saber más sobre la revolución en el tratamiento de los enfermos (hospitales, policlínicos, escuela de enfermeros, tren sanitario), visite RED DE SALUD Y SEGURIDAD.

Evita ayudó a los que no tenían casa, ofreciéndoles vivienda, educación y empleo; los mayores tenían acceso a hogares donde podían vivir vidas productivas e interesantes; a las empleadas sin familia en Buenos Aires, Evita les brindó compañía en un hogar atractivo. Visite AYUDA SOCIAL para descubrir cómo ella solucionaba los problemas de su pueblo.

Para saber más de Evita por medio de videos, artefactos, conferencias y exposiciones, visite el MUSEO EVITA en Buenos Aires.”<sup>15</sup> (Grifo meu)

---

<sup>15</sup> Idem.

Apesar de ser uma introdução breve, já se vislumbram ideias que serão características no site como um todo. Já no primeiro parágrafo há a afirmação de que Evita melhorou “para sempre a vida dos pobres argentinos”. Além disso, observa-se que, além de enumerar as conquistas de Eva, o site também esclarecerá temas controversos. É nesse sentido que se pode afirmar que o website [evitaperon.org](http://evitaperon.org) traz uma nova dinâmica para as abordagens acerca da vida desta mulher.

Existe, pode-se dizer, a desconstrução de lendas negativas e a reconstrução de uma memória positiva, na qual Eva Perón aparece como alguém cuja importância não tem limites. Assim como existem discursos peronistas pautados na ideia de um *antes* e um *depois* de Perón na História argentina, temos a ideia de um *antes* e um *depois* de Eva Perón quando o assunto é ajuda social. As narrativas do site tentam mostrar uma Eva humilde, que se mistura com o povo sem nenhum tipo de cerimônia. Inúmeras imagens ao longo do site vão mostrar a relação de “intimidade” estabelecida entre ela e os seus beneficiados, bem como as diferenças de tratamento em relação à antiga Sociedade de Beneficência.

Desse modo, observo como o ciberespaço está sendo usado, neste caso específico, para construir e desconstruir narrativas, constituindo-se, assim, em um novo espaço em que se pode compartilhar a produção e seleção de novos lugares de memória.

### 3.2.1. Seções do site

A cada seção do site percorrida observa-se a imagem de uma Eva marcada pelo sentimentalismo. Ela é mostrada como alguém que amou, acima de tudo, os descamisados. Esse amor é que teria lhe provocado a intolerância para com a injustiça social. Para poder redimir os erros de anos de negligência é que ela teria resolvido ajudar os menos favorecidos. Assim, a seção “O legado de Evita” (Imagem 3) traz um resumo das obras da Fundação Eva Perón, destacando as diferenças entre as obras feitas por Evita e as feitas pelas velhas damas da Sociedade de Beneficência. Diferenças essas que estão diretamente relacionadas com a qualidade dos serviços prestados por cada uma, sendo as da FEP colocadas como muito melhores. As imagens presentes nesta seção falam por si só. Em algumas fotos são mostradas as obras da Fundação, noutras, a simplicidade de Evita, tanto no modo de vestir como na forma indiscriminada com a qual tratava todos os humildes do país.

1919-1952 Sitio oficial de Evita Perón

## El Legado de Evita Perón

**El Legado de Evita**  
por Dolores Larrosa

En su libro El 45, Félix Luna se acuerda del año 1945 (no había semaforos, ni radios a transistores, ni TV en Buenos Aires pero sí muchos tranvías, zapatos de plataforma y polleras largas). En 1945, recuerda Luna, la Argentina era un país de caminos polvorientos, sin tráfico aéreo, sin turismo, sin industria automovilística. Tucumán era todavía "El Jardín de la República" y San Juan se reponía del terremoto que destruyó la ciudad. (Luna, pgs. 52-53).

Evita vivía en el Buenos Aires del 45. Ella sabía quién era el pintor de La Boca Quinquela Martín y tal vez canturreó "J'attendrai" (Luna, p.52). Pero también vio escenas en las calles de Buenos Aires que Luna no describe: los niños de los orfanatos de la Sociedad de la Beneficencia, niños de cabezas rapadas, identificados no por nombres sino por números, parados en las esquinas del centro, en sus manos carteles- "Colecta para los Niños Pobres".

Evita sabía lo que era estar sin trabajo y ser pobre, y después que visitó la Europa posguerra de 1947, ella aprendió lo que sí podía hacer y lo que no debía hacer por los que necesitaban ayuda.

Primero, ella escuchó a Monseñor Roncalli (después el Papa Juan XXIII) cuando le aconsejó: "No se abruma con la papelería de la burocracia, sino conserve la flexibilidad de una organización no burocrática." Y porque supo ver la envergadura de su alma, agregó, "Dedíquese sin límites." Final y proféticamente, le dijo, "Y acuérdesese que el camino de servicio a los pobres siempre termina en la Cruz."

Segundo, Evita aprendió en Europa lo que tenía que hacer para que sus obras no fueran espiritualmente pobres (espartanos, en lenguaje burocrático). Sus escuelas, policlínicos, ciudades, hogares para mayores, hogares para empleadas o para mujeres y niños sin casa (los hogares de tránsito) fueron diseñados con el concepto de ayudar y respetar a las personas como individuos, no para almacenarlas eficazmente. En la Ciudad Infantil, los niños no usaron uniformes-la ropa y los juguetes fueron comprados en las mejores tiendas de Buenos Aires. Al observar las fotos de los niños de las residencias construidas por la Fundación Eva Perón y sembradas por todo el país se ve que cada niño está vestido de una manera diferente (para ir a la escuela tenían los guardapolvos escolares que usaban todos los niños argentinos).

Este sitio es desarrollado y mantenido por la familia de Evita Perón. Nuestro fin es hacer conocer la vida y el legado de Evita Perón.  
Salvo indicación, todo el contenido protegido por copyright © 1998-2011, E.P. Historical Research - Todos los derechos reservados en todo el mundo.

Imagem 3: Página principal da Seção "O legado de Evita".

O texto em si deixa explícita a explicação de o porquê desse tratamento aos pobres. Ora, se faz questão de dizer que Eva sabia bem o que era a pobreza, pois teria saído dela. Ainda nesta seção se tem as primeiras tentativas de refutar discursos opositores. Para isso, são citadas biografias que foram publicadas e que apresentam uma versão diferente daquela antiperonista.

A seção "Biografia de Evita Perón" (Imagem 4) é constituída por cinco subitens. Os três primeiros são intitulados "Biografia de Evita Perón". A parte biográfica é dividida em parte 1, 2 e 3. Os outros dois subitens são uma entrevista feita por Alicia Renzi à irmã de Evita, Blanca Duarte de Alvarez Rodríguez e trechos do livro "Mi hermana Evita", de Erminda Duarte, também sua irmã, respectivamente.

As narrativas dessa seção tentam dar conta da vida de Eva desde sua infância até a ida para Buenos Aires; Sua carreira de atriz, o momento em que conheceu Perón, sua viagem para a Europa, etc. Tem-se, ainda, o destaque ao sequestro do seu corpo pelos militares.

**Biografía de Evita Perón**

1919-1992 Sitio oficial de Evita Perón

**F.I.H.E.P.**

- Inicio

**El Legado de Evita Perón**

- El Legado de Evita ©

**Biografía de Evita Perón**

- Evita Actriz
- Biografía de Eva Perón p. 1
- Biografía de Eva Perón p. 2
- Biografía de Eva Perón p. 3
- Entrevista con Alicia Rendo
- E. Duarte: "Nuestra Vida"
- E. Duarte: Mi Hermana Evita

**Fundación Eva Perón**

- Comienzos
- Recursos
- Red de Salud y Seguridad
- Ayuda a Estados Unidos
- Ayuda Social
- Educación

**Eva y la Ojeda**

- Evita vs Evita

**Fotografías de Evita Perón**

- Fotos de Evita Perón

**F.I.H.E.P.**

- Mujeres y Política

**Monumento a Evita Perón**

- Monumento a Evita Perón

**Museo Evita**

- Museo Evita
- Fotos del Museo Evita

**Mitos y Realidad**

- Escuchemos a Evita Perón
- Evita Tour

English Version  
Version Française

**Ser Evita © - Parte I**

Buenos Aires, 26 de julio de 1952. La ciudad se sume en el silencio mientras escucha el comunicado oficial por el cual "cumple la Subsecretaría de Informaciones el penosísimo deber de informar al pueblo de la República que a las 20:25 horas ha fallecido la Señora Eva Perón, Jefa Espiritual de la Nación."

Del silencio surgieron llantos profundos y también botellas de champagne que se descorchaban. Ambos expresaban el amor y el odio que esta mujer encarnaba. El llanto se lanzó a la calle, se mostró al mundo en interminables filas y la acompañó durante el velatorio que duró hasta el 11 de agosto. Los brindis se guardaron para la intimidad...

Unos y otros sabían, desde el puro sentimiento algunos, desde la interpretación racional de la contemporaneidad otros, quién era Eva Perón. Esa tangible realidad que parecía eclipsarse comenzó a tomar forma de mito y quienes no compartimos su tiempo y quisimos conocerla nos enfrentamos a un difícil camino que durante muchos años estuvo marcado por el silencio. "De eso no se habla" no es sólo el título de una película argentina, es también un sino en nuestra historia.

Las obras que sobre ella se publicaron, las películas que se filmaron, las voces que se alzan aún hoy para alabarla o denostarla no hacen sino confirmar que, más allá de las interpretaciones y de la mitología, Eva Perón es una realidad cuya significación histórica nos comprende y nos trasciende.

Si vivir es un permanente elegir y sólo somos definitivamente el día que morimos, aquel 26 de julio de 1952 la niña que 33 años antes había nacido en un pequeño pueblo de la República Argentina había llegado al final del camino que la conducía a ser definitiva: Ser Evita.

**Los Toldos**

Su historia comenzó un 7 de mayo de 1919, cuando Juana Ibarburen dio a luz. La procedían cuatro hermanos: Elisa, Blanca, Juan y Erminda. Su padre, Juan Duarte, había llegado a Los Toldos a comienzo de siglo y arrendado el campo de La Unión con ánimo de prosperar. Sabida era la bondad de las tierras de la zona para la agricultura y la ganadería. Pertenecía a una influyente familia de Chivilcoy y allí tenía, de su unión con Adela D'Huart, varios hijos.

Hombre próspero y de gran prestigio entre los conservadores del momento, patrón de estancia, típico puntero en las lides políticas del momento, fue nombrado suplente del juez de paz en 1908.

Este sitio es desarrollado y mantenido por la familia de Evita Perón. Nuestro fin es hacer conocer la vida y el legado de Evita Perón. Salvo indicación, todo el contenido protegido por copyright © 1998-2013, E.P. Historical Research - Todos los derechos reservados en todo el mundo.

Imagem 4: Página da seção "Biografía de Evita Perón".

Para que o leitor tenha mais informações e possa comprovar o que se diz nesta seção do site há um incentivo para que se vá ao Museu Evita, no qual são disponibilizados vídeos do corpo de Eva depois que foi devolvido a Perón, em 1971. Aqui se tem a afirmação de que Eva teria sido "profanada" pelos militares, num movimento de puro ódio. Ódio esse que é atribuído às oposições a Perón e motivador da descontinuidade das obras em prol da ajuda social. Ou seja, o que de bom teria sido feito por Perón e sua esposa era o inverso do que tinha sido feito pela oligarquia, pela Revolução libertadora, enfim.

A seção "Fundación Eva Perón" (Imagem 5) também é dividida em subitens. São eles: "Começos"; "Recursos"; "Rede de saúde e segurança"; "Ajuda aos Estados Unidos" e "Educação". Nela são mostrados textos que dão conta de como teria começado a ajuda social da Fundação, dando ênfase ao fato de que Eva trabalhava com seus ajudantes de forma incansável. Há, também, e neste caso com maior destaque, uma clara oposição entre Fundação Eva Perón e Sociedade de Beneficência. Aqui se colocará tudo de negativo que significou as

obras das Damas da Sociedade e tudo que de melhor a FEP trouxe<sup>16</sup>. Além disso, temos um movimento que caminha para tentar desmistificar a ideia de que os recursos da Fundação eram, além de conseguidos por meio de extorsão, gastos de forma ostensiva por Eva Perón. Já o subitem “Ajuda a Estados Unidos” nos permite perceber como os idealizadores do site tentam passar a ideia de que a ajuda social foi além das fronteiras argentinas.

**Fundación Eva Perón**

1919-1983 Sitio oficial de Evita Perón

**FEP**

- Inicio
- El Legado de Evita
- Biografía de Evita Perón
- Evita Actriz
- Biografía de Evita Perón p. 1
- Biografía de Evita Perón p. 2
- Biografía de Evita Perón p. 3
- Entrevista con Alicia Rana
- El Cuartel: "Nuestra Vida"
- El Cuartel: Mi Hermana Evita
- Fotografías de Evita Perón
- Comentarios
- Recursos
- Red de Salud y Seguridad
- Ayuda a Estados Unidos
- Ayuda Social
- Educación
- Evita - La Opera
- Evita vs Evita
- Fotografías de Evita Perón
- Fotos de Evita Perón
- FEP
- Mujeres y Política
- Monumento a Evita Perón
- Museo Evita
- Fotos del Museo Evita
- Miscelánea
- Escuchemos a Evita Perón
- Evita Tour
- English Version
- Version Française

**los estuñanos** © Por Dolane Larson

Como señala Néstor Ferioli en sus libros *La Fundación Eva Perón* (tomos I y II, Centro Editor de América Latina, 1990), la Fundación Eva Perón tiene dos historias paralelas, una historia oficial y otra, no oficial. La trayectoria oficial de la Fundación se encuentra en documentos legales, archivos, periódicos y libros. La historia no oficial ha entrado dentro del folklore peronista y antiperonista.

Las raíces más profundas de la Fundación se encuentran en la niñez de Evita cuando aprendió de su madre a ayudar a los necesitados. Evita era el reflejo de Doña Juana, una madre que pasó días y noches cosiendo para mantener a sus cinco hijos huérfanos de padres a pesar de la escasez de fondos, siempre socorrió con algunas monedas o un té caliente a los que no tenían ninguna red de seguridad.

En el pequeño pueblo de Los Toldos y en la ciudad de Junín donde creció, Evita se encontró con los que no tenían casa (el señor Buendía que vivía a la intemperie pero que siempre la saludó con un alegre, "Buendía, miña"), la Madre del Niño Muerto (una enferma mental que año tras año pedía dinero para enterrar a su hijo) y gente discapacitada como Doña Asunción que aplaudía los esfuerzos acrobáticos que hacía Evita para divertirla (Mi Hermana Evita, Centro de Estudios Eva Perón, 1973).

Desde 1943, cuando comenzó a trabajar en la Secretaría de Trabajo y Previsión, el coronel Perón estableció una relación personal y directa con los que recurrieron a él: Perón-Pueblo. El coronel se reunió personalmente no sólo con los líderes de los sindicatos sino también con los individuos que pidieron audiencia con él.

Después de asumir como presidente, Perón no podía atender a los trabajadores como antes y ellos perdieron y extrañaron el contacto directo con él, la relación personal con el Líder. Aunque Perón ya no los podía atender personalmente, los trabajadores y los pobres sabían donde vivía y comenzaron a tocar el timbre de la Residencia Presidencial en Buenos Aires (El Presidente de la Argentina trabaja en la Casa de Gobierno, la Casa Rosada. Perón y Evita vivieron y Evita murió en la Residencia Presidencial, el Palacio Urquiza. Después del golpe militar de 1955 que derrocó a Perón, los militares destruyeron la Residencia. Ahora es el sitio de la Biblioteca Nacional). Evita ya había tomado la decisión de no ser una primera dama tradicional (un título que Jacqueline Kennedy dijo que parecía ser el nombre de un caballo): Evita comenzó a buscar solución a los problemas y necesidades del pueblo que se congregaba afuera de la Residencia Presidencial. Ya para septiembre del 1946 llegaba un promedio de 3,000 cartas diarias a la Residencia y todos los días mujeres con hijos pequeños, mayores y personas listadas-los olvidados y rechazados de la sociedad- formaban largas colas alrededor de las elegantes rejas de la casa del Presidente. Evita se dio cuenta de que tenía que buscarles una "ayuda inmediata": Comenzó a comprar comida y ropa con su propio dinero y amontonar los paquetes en un garage vacío de la Residencia. Cuando los sindicatos se enteraron, comenzaron a mandar contribuciones - desde azúcar hasta zapatos.

Este sitio es desarrollado y mantenido por la familia de Evita Perón. Nuestro fin es hacer conocer la vida y el legado de Evita Perón.  
Salvo indicación, todo el contenido protegido por copyright © 1999-2011, E.P. Historical Research - Todos los derechos reservados en todo el mundo.

Imagem 5: Página inicial da seção "Fundação Eva Perón".

Na seção “Evita – La Opera” se tem o subitem “*Evita vs Evita*” (Imagem 6) em que se tem a contraposição feita entre a Evita tido como “real” e àquela criada pela ópera-rock<sup>17</sup>. É notório que há uma estratégia para desqualificar a Eva criada pelo musical, enfatizando que os produtores não tiveram critério na escolha de suas fontes, não fazendo investigações profundas acerca da “verdadeira história”. A crítica é feita pelo fato de que a versão utilizada na ópera é a dos antiperonistas, sendo, portanto, não condizente com a verdade. Depois de

<sup>16</sup> Vale ressaltar que em praticamente todo o site se tem referência a essa oposição entre Fundação Eva Perón e Sociedade de Beneficência, o que significa dizer que este tema será recorrente neste capítulo.

<sup>17</sup> Ao falar em ópera rock, os idealizadores do site referem-se a um musical da Broadway, apresentado em 1976 por Tim Rice e Andrew Lloyd, com o título *Evita*. Tal musical trouxe uma Eva que foi descrita pela oposição, cheia de ressentimentos, maldade, bem como sendo uma mulher de passado sombrio. No site se fazem duras críticas ao musical, no caminho de desqualificar a lenda negativa criada em torno de Eva.

uma ampla argumentação no sentido de refutar a “lenda negra” o subitem termina com a indicação de leitura de alguns livros, certamente todos com narrativas favoráveis ao peronismo.

1919-1952 Sitio oficial de Evita Perón

**Evita vs Evita**

F.H.C.P.  
- Inicio

**El Legado de Evita Perón**  
- El Legado de Evita

**Biografía de Evita Perón**  
- Evita Actriz  
- Biografía de Eva Perón p. 1  
- Biografía de Eva Perón p. 2  
- Biografía de Eva Perón p. 3  
- Entrevista con Alicia Renzi  
- B. Duarte: "Nuestra Vida"  
- E Duarte: Mi Hermana Evita

**Fundación Eva Perón**  
- Comenzos  
- Recursos  
- Red de Salud y Seguridad  
- Ayuda a Estados Unidos  
- Ayuda Social  
- Educación

**Sita - La Opera**  
- Evita vs Evita

**Fotografías de Evita Perón**  
- Fotos de Evita Perón

**F.H.C.P.**  
- Mujeres y Política

**Monumento a Evita Perón**  
- Monumento a Evita Perón

**Museo Evita**  
- Museo Evita  
- Fotos del Museo Evita

**Misceláneos**  
- Escuchemos a Evita Perón  
- Evita Tour

English Version  
Version Française

**Evita versus Evita**  
**Evita Real vs. Evita ópera-rock**  
por Dolane Larson

"La vida es una rueda. A veces estás arriba, a veces abajo."  
Juana Ibarguren, la madre de Evita

"La Verdad es Hija del Tiempo, no de la Autoridad."  
Francis Bacon

**La Historia...**

**Eva Duarte**

Eva Duarte, nacida en la provincia de Buenos Aires en 1919, pasó su niñez en el pueblo de Los Toldos y los primeros años de su adolescencia en la ciudad de Junín. Dejó la escuela después de cursar sexto grado, decidida a seguir el sueño de su niñez: ser actriz. En abril de 1934 uno de los diarios de Junín publicó un pequeño párrafo: "Nuestra convecina señorita María Eva Duarte se ausentó para la capital, donde actuará en reemplazo de la señorita Kelly, en Radio La Nación, L.R.6. Esta tarde o mañana a las 17 debutará."<sup>1</sup> Después de debutar, Eva volvió a Junín.

Muchas biografías sostienen que Evita fue a Buenos Aires en compañía de un cantor de tangos, Agustín Magaldi. Sin embargo, "los diarios de Junín *Democracia*, *La Verdad*, *El Amigo del Pueblo* y *Orientación* no registran la presencia de Magaldi en Junín en los años 1934/35. ¿Omitirían justamente esta presencia cuando sus páginas nos hacen saber de la de todo artista llegado de la capital para actuar en el Teatro Italiano, en el Crystal Palace o en los clubes sociales? Claramente no. Según Roberto Dimarco, el "cantor, la voz sentimental de Buenos Aires, como se lo llamaba, estuvo allí en tres oportunidades: abril de 1929, diciembre de 1936 y marzo de 1938. En esos años Evita no estaba en Junín."<sup>2</sup>

Eva y Magaldi no estuvieron en Junín al mismo tiempo pero podrían haberse encontrado en Buenos Aires, ya que los dos trabajaron en Radio Paris.<sup>3</sup>

En una entrevista en 1944, Eva Duarte dijo: "Siempre recuerdo con profunda emoción mi primera actuación en radio. Yo era muy niña y comencé a recitar ante el micrófono de Radio Nacional. Todavía no me explico bien cómo pude vencer la nerviosidad del debut."<sup>4</sup>

Museo Evita en Los Toldos

Este sitio es desarrollado y mantenido por la familia de Evita Perón. Nuestro fin es hacer conocer la vida y el legado de Evita Perón.  
Salvo indicación, todo el contenido protegido por copyright © 1998-2011, E.P. Historical Research - Todos los derechos reservados en todo el mundo.

Imagem 6: Página do subitem da seção "Evita vs Evita".

A seção “Fotografias de Evita Perón” (Imagem 7) traz um grande número de fotos relacionadas diretamente a Eva Perón. Nela temos um pequeno texto que diz:

Evita fue una mujer que cambió la historia. También fue un valioso miembro de nuestra familia ... una hija, hermana, tía, amiga e inspiración para nosotros. No pasa un día que no pensemos en ella y la echaremos de menos. Esperamos que estas fotos le ayuden a comprender quién fue Evita.<sup>18</sup>

<sup>18</sup> Fotografías de Evita Perón. Disponível em: < [http://www.evita-peron.org/evita\\_peron\\_photos-es.htm](http://www.evita-peron.org/evita_peron_photos-es.htm) >. Acesso em: 20 MAR 2013.

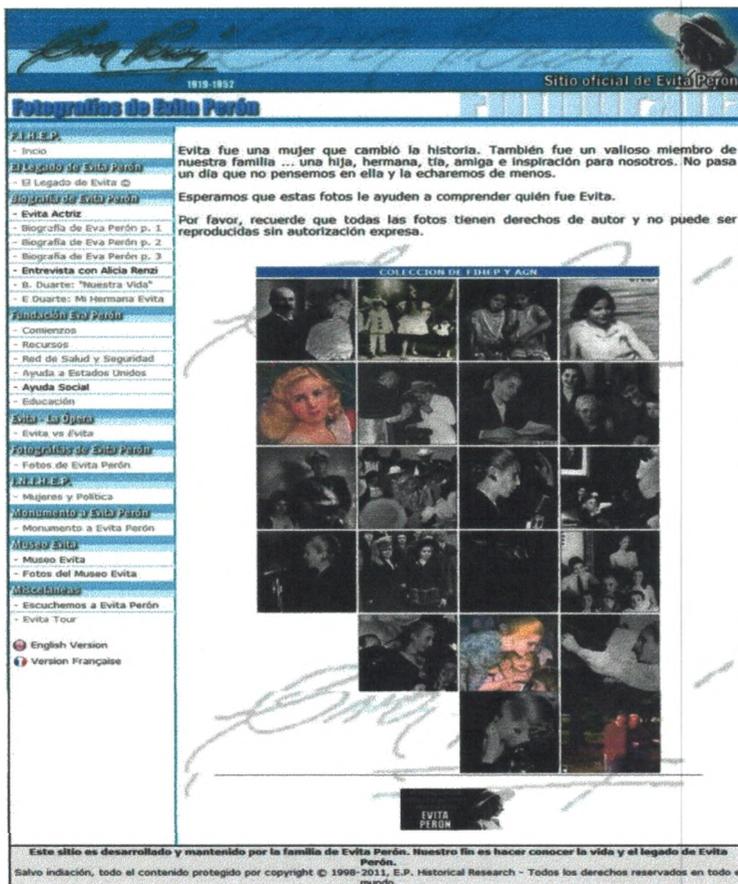
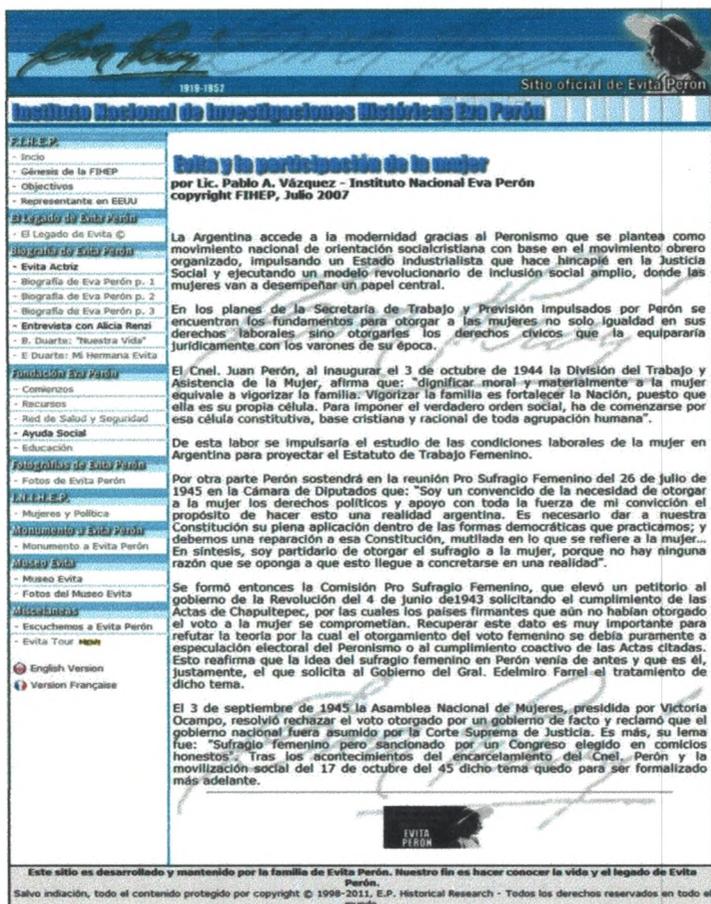


Imagem 7: Seção "Fotografías de Evita Perón".

Na seção "I.N.I.H.E.P" (Instituto Nacional de Investigações Históricas Eva Perón) (Imagem 8) há um subitem intitulado "Mulheres e Política". Nesta seção há um pequeno artigo cujo título é "Evita e a participação da mulher", que trata da participação de Eva Perón na consolidação do sufrágio feminino. Aqui temos algo que também é recorrente no site, que é a ideia segundo a qual Eva serve de exemplo em muitos aspectos. No caso em específico trata-se do fato de que uma vez participando ativamente da campanha de Perón à presidência, ela fez algo inédito e que "inaugurou" a participação da mulher em algum tipo de movimento político. Fica a ideia de que se ela conseguiu era sinal que as demais também conseguiriam.



1919-1967 Sitio oficial de Evita Perón

**Instituto Nacional de Investigaciones Históricas Eva Perón**

**FIHEP**

- Inicio
- Génesis de la FIHEP
- Objetivos
- Representante en EGUU

**El Legado de Evita Perón**

- El Legado de Evita Perón

**Biografía de Evita Perón**

- Evita Actriz
- Biografía de Evita Perón p. 1
- Biografía de Evita Perón p. 2
- Biografía de Evita Perón p. 3
- Entrevista con Alicia Renzi
- B. Duarte: "Nuestra Vida"
- E. Duarte: "Mi Hermana Evita"

**Fundación Eva Perón**

- Comienzos
- Recursos
- Red de Salud y Seguridad
- Ayuda Social
- Educación

**Fotografía de Evita Perón**

- Fotos de Evita Perón

**FIHEP**

- Mujeres y Política

**Monumento a Evita Perón**

- Monumento a Evita Perón

**Museo Evita**

- Museo Evita
- Fotos del Museo Evita

**Misceláneas**

- Escuchemos a Evita Perón
- Evita Tour

English Version  
Version Française

**Voto y la participación de la mujer**  
por Lic. Pablo A. Vázquez - Instituto Nacional Eva Perón  
copyright FIHEP, Julio 2007

La Argentina accede a la modernidad gracias al Peronismo que se plantea como movimiento nacional de orientación socialcristiana con base en el movimiento obrero organizado, impulsando un Estado industrialista que hace hincapié en la Justicia Social y ejecutando un modelo revolucionario de inclusión social amplio, donde las mujeres van a desempeñar un papel central.

En los planes de la Secretaría de Trabajo y Previsión impulsados por Perón se encuentran los fundamentos para otorgar a las mujeres no solo igualdad en sus derechos laborales, sino otorgarles los derechos cívicos que la equipararía jurídicamente con los varones de su época.

El Cnel. Juan Perón, al inaugurar el 3 de octubre de 1944 la División del Trabajo y Asistencia de la Mujer, afirma que: "dignificar moral y materialmente a la mujer equivale a vigorizar la familia; vigorizar la familia es fortalecer la Nación, puesto que ella es su propia célula. Para imponer el verdadero orden social, ha de comenzarse por esa célula constitutiva, base cristiana y racional de toda agrupación humana".

De esta labor se impulsaría el estudio de las condiciones laborales de la mujer en Argentina para proyectar el Estatuto de Trabajo Femenino.

Por otra parte Perón sostendrá en la reunión Pro Sufragio Femenino del 26 de julio de 1945 en la Cámara de Diputados que: "Soy un convencido de la necesidad de otorgar a la mujer los derechos políticos y apoyo con toda la fuerza de mi convicción el propósito de hacer esto una realidad argentina. Es necesario dar a nuestra Constitución su plena aplicación dentro de las formas democráticas que practicamos; y debemos una reparación a esa Constitución, mutilada en lo que se refiere a la mujer... En síntesis, soy partidario de otorgar el sufragio a la mujer, porque no hay ninguna razón que se oponga a que esto llegue a concretarse en una realidad".

Se formó entonces la Comisión Pro Sufragio Femenino, que elevó un petitorio al gobierno de la Revolución del 4 de junio de 1943 solicitando el cumplimiento de las Actas de Chapultepec, por las cuales los países firmantes que aún no habían otorgado el voto a la mujer se comprometían. Recuperar este dato es muy importante para refutar la teoría por la cual el otorgamiento del voto femenino se debió puramente a especulación electoral del Peronismo o al cumplimiento coactivo de las Actas citadas. Esto reafirma que la idea del sufragio femenino en Perón venía de antes y que es él, justamente, el que solicita al Gobierno del Gral. Edelmiro Farrell el tratamiento de dicho tema.

El 3 de septiembre de 1945 la Asamblea Nacional de Mujeres, presidida por Victoria Ocampo, resolvió rechazar el voto otorgado por un gobierno de facto y reclamó que el gobierno nacional fuera asumido por la Corte Suprema de Justicia. Es más, su lema fue: "Sufragio femenino pero sancionado por un Congreso elegido en comicios honestos". Tras los acontecimientos del encarcelamiento del Cnel. Perón y la movilización social del 17 de octubre del 45 dicho tema quedó para ser formalizado más adelante.

Este sitio es desarrollado y mantenido por la familia de Evita Perón. Nuestro fin es hacer conocer la vida y el legado de Evita Perón.  
Salvo indicación, todo el contenido protegido por copyright © 1998-2011, E.P. Historical Research - Todos los derechos reservados en todo el mundo.

Imagem 8: Seção “I.N.I.H.E.P (Instituto Nacional de Investigações Históricas Eva Perón)”.

A seção “Monumento a Eva Perón” (Imagem 9) tem por tema principal a construção de um monumento no qual ficariam depositados os restos mortais de Eva Perón. O monumento não chegou a ser construído, pois em 1955 os militares assumiram o poder e impediram que isso ocorresse. Neste sentido, é fornecida uma entrevista com Juan Carlos Pallarols, filho do ourives encarregado de fazer a tampa de uma caixa de cristal na qual Eva seria colocada. A ênfase que se dá nesta seção é que os militares agiram de má fé e não deixaram que nada fosse levado adiante.



Imagem 9: Seção "Monumento a Evita Perón".

Já na seção "Museu Evita" (Imagem 10) apresenta dois subitens. No primeiro se vê algo bem prático, que é um pequeno texto destacando a localização do Museu, dias e horários de funcionamento, horários do restaurante, telefone para contato e melhores formas para se chegar até lá. No segundo temos uma prévia de algumas fotos do museu.

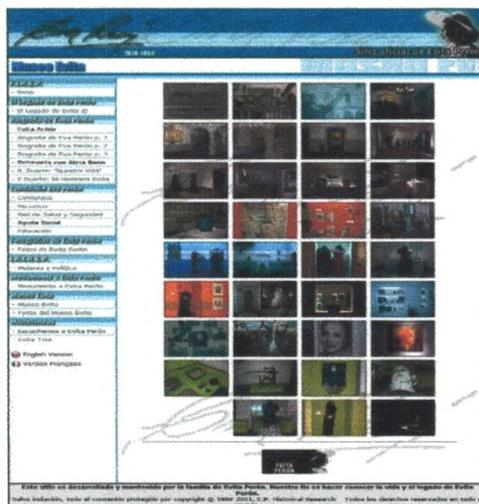
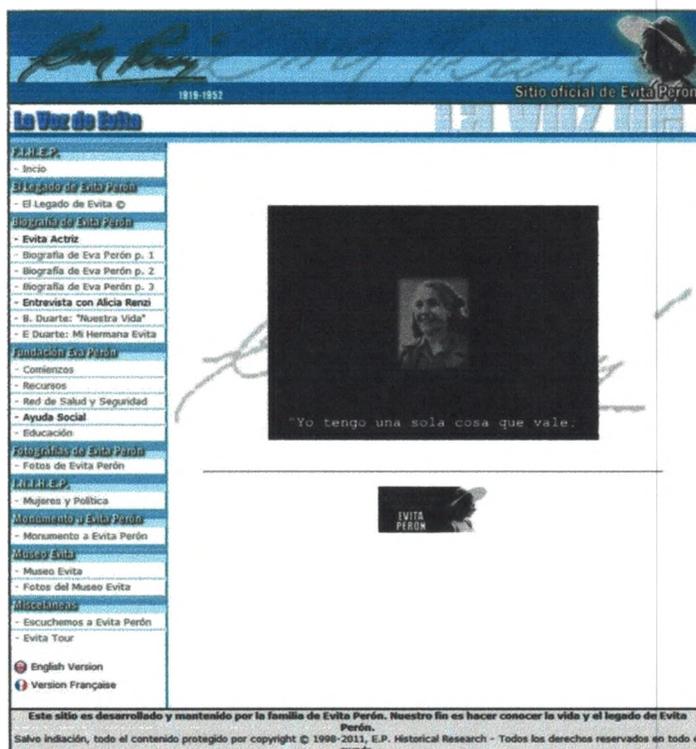


Imagem 10: Seção "Museu Evita"

Por fim, se tem a seção “Miscelaneas” (Imagem 11), que contém dois subitens. No primeiro, há uma gravação com a voz de Eva, que profere as seguintes palavras: “Yo tengo una sola cosa que vale; la tengo en mi corazón, mi queima en el alma, mi duele en mi carne, y arde en mis niervos: es el amor de este pueblo.” O outro subitem é intitulado “Evita tour” e é uma seleção de vários pontos turísticos, relacionados ou não com Eva Perón.



**Imagem 11: Seção "Miscelaneas".**

Em linhas gerais pode-se dizer que o site [evitaperon.org](http://evitaperon.org) constitui-se num espaço em que parte da família de Eva Perón tem por objetivos principais mostrar o que de bom ela teria feito, mostrando a oposição como intolerante para com ela e com o peronismo pelo fato de ambos lutarem em prol de uma maioria desprivilegiada, o povo. Há, simultaneamente, a tentativa de refutar uma série de narrativas que se inserem do outro lado, uma versão tida como mentirosa, que é justamente aquela que despeja suas críticas a Perón e sua esposa.

Entretanto, a maior parte do site é dedicada a falar no que, para os idealizadores do site, parece ser o essencial, ou seja, mostrar que o sucesso do peronismo e de Eva se deu pelo amor incondicional desta pelo povo, reflexo de uma identificação existente entre ambos, motivada sobretudo por sua origem humilde. Assim, se percebe como a memória criada pelo

site traz para a cena central uma Eva desprovida de características negativas, senão cheia de virtudes.

É importante que se diga que a análise deste site é feita levando-se em consideração o lugar social de sua produção. Assim, torna-se compreensível que um espaço mantido pela família de Eva Perón teça sobre ela os melhores elogios. Mas o que está em discussão é o fato de existir um novo meio através do qual essa imagem pode ser compartilhada, o ciberespaço.

### **3.3. Desconstruindo narrativas**

Início minha discussão sobre o website [evitaperon.org](http://evitaperon.org) analisando algumas estratégias através das quais se pretende desconstruir determinadas versões oposicionistas quanto a vida de Eva Perón, sobrepondo a elas um outro olhar sobre cada fato refutado. Neste sentido, a web poderá ser discutida como um espaço em que há uma espécie de luta, no campo das ideias, na qual o principal objetivo parece ser desmistificar narrativas que, de um modo ou de outro, possam “arranhar” a imagem da mulher que, para eles, é tida como uma das mais importantes do século XX.

É interessante observar que a cada evento ressignificado, aqueles que escrevem no site conduzem os textos numa direção em que se tenta desqualificar os opositores de Perón e sua esposa, bem como de mostrar a improcedência de muitas narrativas por eles produzidas.

Uma das versões mais reproduzidas quando a intenção era desmerecer a figura de Eva era aquela que lhe associava a um passado ilegítimo. Frequentemente observa-se a ideia de que a relação de Eva e sua família com a família de seu pai não era das melhores, sendo o exemplo do velório de Juan Duarte (pai de Eva) emblemático neste sentido. O que se narra, normalmente, é a ideia de que, durante o velório, Eva, seus cinco irmãos e sua mãe teriam sido destratados e humilhados, além de impedidos de entrar no local. No entanto, não é essa a versão que é mostrada no site analisado. Ao invés disso, o que se tenta transmitir é a ideia de que existia uma boa relação entre ambas as famílias, como pode-se verificar no seguinte trecho:

En muchas ocasiones en el teatro, el cine y la televisión, se ha representado el velorio de Juan Duarte, y una escena donde la familia de Chivilcoy niega la entrada al velorio a la familia de Evita. Blanca y Erminda han desmentido esas versiones escandalosas. El hijo de Eloisa Duarte (su media hermana),

Raúl Guillermo Muñoz, ha declarado delante de un escribano que las familias siempre mantuvieron relaciones cordiales.<sup>19</sup>

Note-se que para desmistificar este fato, os idealizadores utilizam-se de um argumento que, à primeira vista, tem um peso significativo, pois para confirmar o que se está dizendo usam como exemplo um membro da família tida como “legítima”, enfatizando que este teria declarado não existir uma relação de conflito, mas uma boa relação.

Outro tema que é motivo de controvérsias diz respeito à versão sobre a saída de Eva Perón para Buenos Aires, segundo a qual ela teria sido seduzida (ou o teria seduzido) pelo cantor Agustín Magaldi. A forma utilizada para desmentir essa “história” é a defesa da ideia de que os jornais da época sempre noticiavam a vinda de um cantor famoso a Junín. O argumento pauta-se na ideia de que, no período em que Eva partiu para a capital Argentina, Magaldi não esteve presente na cidade de Junín, já que nada teria sido noticiado. Eis o trecho que esclarece bem esse ponto:

Muchas biografías sostienen que Evita fue a Buenos Aires en compañía de un cantor de tangos, Agustín Magaldi. Sin embargo, “los diarios de Junín *Democracia, La Verdad, El Amigo del Pueblo y Orientación* no registran la presencia de Magaldi en Junín en los años 1934/35. ¿Omitirían justamente esta presencia cuando sus páginas nos hacen saber de la de todo artista llegado de la capital para actuar en el Teatro Italiano, en el Crystal Palace o en los clubes sociales? Ciertamente no. Según Roberto Dimarco, el ‘cantor, la voz sentimental de Buenos Aires, como se lo llamaba,’ estuvo allí en tres oportunidades: abril de 1929, diciembre de 1936 y marzo de 1938. En esos años Evita no estaba en Junín.<sup>20</sup>

Para deixar de lado qualquer dúvida tem-se um argumento que coloca a ideia de que quem ajudou Eva Perón, junto à sua mãe, para que ela pudesse realizar o sonho de ir para a Capital, teria sido seu futuro cunhado, José Alvarez Rodriguez. Este teria insistido até que sua mãe permitisse que ela fosse fazer um teste de declamação. Com isso eles acreditam esclarecer que Magaldi não teve influência alguma na sua saída de Junín.

Não obstante, este fato isolado por si só não significaria muita coisa, não fosse por causa dele que se tivesse o primeiro pretexto para a criação de um mito negativo que colocava Eva Perón enquanto uma prostituta, que utilizava-se da beleza para seduzir homens e manter-se em Buenos Aires. Chama a atenção o fato de que, na parte biográfica que o site dedica à narrativa dos primeiros passos de Eva, não se omite esse tipo de versão. Ora, por se tratar da

<sup>19</sup>Eva Perón biografía parte 1. Disponível em: <<http://evitaperon.org/part1.htm>>. Acesso em: 20 MAR 2013.

<sup>20</sup>LARSON, Dolane. *Evita vs Evita*. Disponível em: [http://www.evitaperon.org/evita\\_la\\_opera.htm](http://www.evitaperon.org/evita_la_opera.htm). Acesso em 20 MAR 2013.

construção de uma mulher tida como uma Santa por muitos, talvez o simples fato de chamá-la com um termo pejorativo como esse pudesse constituir-se em algo impensável de se dizer, pelo menos para os seus defensores. Mas é justamente mostrando a existência dessa versão que se tenta desconstruir o que foi posto. Ancorados em testemunhos biográficos, eles acreditam ter um grande argumento para refutar essa ideia:

Joseph Page, Robert Crassweller, Marysa Navarro y Alicia Dujovne Ortiz han publicado biografías bien documentadas que refutan las alegaciones que Evita era una prostituta (“La imagen de Evita como prostituta, firmemente sostenida en algunos sectores, ...no tenía fundamentos. Pero sirvió bien a los fines de la antipatía y división que iba creciendo alrededor de la figura de Perón y en una sociedad tan profundamente fragmentada y tan personalizada cualquier arma... era bien recibida.” Crassweller, p. 157), conspiró con los nazis (documentos fraudulentos creados después de la caída de Perón en 1955 formaron la base de estas acusaciones; ver Crassweller, Navarro y Ortiz) [...] <sup>21</sup>

Dois fatos são relevantes no fragmento que se acaba de mostrar. Utilizando argumentos extraídos de uma das biografias produzidas sobre Evita, temos no site a ideia implícita de que fatos como esse, em que se tem a sustentação de que Eva era uma prostituta, nada mais seriam do que uma artimanha da oposição para fragilizar Perón e sua esposa. Ademais, temos um dado importante, a saber, a tese defendida de que foram forjados documentos falsos após a queda de Perón que associava o regime ao nazifascismo. Ou seja, os pontos negativos elencados pela oposição nada mais seriam que uma “invenção”.

É interessante observar como estes textos apresentam um tipo de estratégia que tenta não só refutar toda e qualquer ideia contrária, como também mostrar os pontos ruins do outro lado, o da oposição. O que se quer dizer com isso é que em grande parte do site existem colocações que associam tudo quanto fosse de ruim e negativo à velha oligarquia, aos ricos, às damas da Sociedade de Beneficência. Um exemplo claro disso pode ser verificado em um trecho do subitem *Biografía de Evita Perón parte 2*. No texto há mais uma desconstrução. Dessa vez o que se quer refutar é a ideia de que as Damas da Sociedade de Beneficência teriam rejeitado Eva e se recusado a dar-lhe a presidência da Sociedade em virtude de seu passado. Utilizando um trecho da obra *La Razón de mi vida* (1951), destaca-se a seguinte fala:

Esto lo digo bien claro porque también se ha querido justificar mi incomprensible sacrificio” arguyendo que los salones de la oligarquía me

<sup>21</sup> Evita Legacy. Disponível em: <[http://www.evita-peron.org/evita\\_peron\\_legacy-es.htm](http://www.evita-peron.org/evita_peron_legacy-es.htm)>. Acesso em 20 MAR 2013.

hubiesen rechazado. Nada más alejado que esto de toda realidad, ni más ausente de todo sentido común. Pude ser una mujer de Presidente como lo fueron otras. [...]. En cuanto a la hostilidad oligárquica, no puedo menos que sonreírme. Y me pregunto: ¿por qué hubiese podido rechazarme la oligarquía? ¿Por mi origen humilde? ¿Por mi actividad artística? ¿Pero acaso alguna vez esa clase de gente tuvo en cuenta aquí o en cualquier parte del mundo, estas cosas, tratándose de la mujer de un Presidente? Nunca la oligarquía fue hostil con nadie que pudiera serle útil. El poder y el dinero no tuvieron nunca malos antecedentes para un oligarca genuino [...]<sup>22</sup>

Ao passo que Eva destaca não se sentir hostilizada pelas ditas damas, argumenta que não existiria motivo para que isso acontecesse, já que em se tratando de uma mulher de presidente elas teriam muito mais a ganhar do que perder, dadas suas características. Neste sentido, ela atribui à oligarquia, da qual a Sociedade de Beneficência figura como beneficiária, a sede por poder e por dinheiro. A partir da leitura que fiz da autobiografia de Eva Peron, poderia ir mais além, destacando que Eva “vira o jogo”, mostrando que não foi rejeitada, mas que ela própria, guiada pelos ensinamentos recebidos de Perón, não poderia viver no meio de tais senhoras. Veja-se o trecho que melhor elucida essa ideia:

A verdade é bem outra: fui eu que, de Perón, aprendera a trilhar vias pouco frequentadas, que me recusei a, subservientemente, ajustar-me ao padrão antigo. Além do mais, quem quer que me conheça um pouco, não digo de agora, mas de antes, quando era uma simples **moça argentina**, sabe bem que não fui talhada para representar a fria comédia dos salões oligárquicos. Não nasci para isso. Muito ao contrário, repeli sempre do fundo da alma, “essa encenação teatral” das altas rodas. (PERÓN, 1951, p. 52)

O que se pode extrair desta narrativa, a título de interpretação, é que essa sede por poder e por dinheiro fazia com que a caridade praticada fosse fria, nada mais que esmola. Aí se aproveita muito as questões levantadas por Eva em sua autobiografia, sobretudo aquelas em que ela defendia a oposição clara entre ricos e pobres na Argentina. Para ela, o que a minoria rica fazia em prol dos pobres nada mais era que uma forma de humilhar e se divertir. Para ela, a caridade dessas mulheres era uma “representação”, um teatro em que nada era feito com o coração. Essa ideia pode ser melhor vislumbrada a partir da leitura de um pequeno fragmento do seu texto, citado no site:

Porque la limosna para mí fue siempre un placer de los ricos.... Y ... para que la limosna fuese aún más miserable y más cruel, inventaron la beneficencia y así añadieron ... el placer de divertirse alegremente con el

<sup>22</sup> Eva Perón biografia parte 2. Disponível em: <<http://www.evita-peron.org/part2-es.htm>>. Acesso em 20 MAR 2013.

pretexto del hambre de los pobres. La limosna y la beneficencia son para mí ostentación de riqueza y de poder para humillar a los humildes.<sup>23</sup>

Talvez esteja em argumentos como esse a justificativa da intervenção feita na Sociedade, efetivada em 1946. Com características como essa ela não condizia com a dita “Nova Argentina” de Perón. É como se ela não atendesse ao caráter de justiça social defendido pelo governo peronista. Nesse contexto, se atribuiu à Eva Perón o fato de que a Sociedade tivesse sido praticamente desativada, sobretudo depois que o governo cortou os fundos a ela destinados, justificando que tais fundos serviriam para subsidiar a Fundação Eva Perón. Essa é uma versão que tenta defender a ideia de que a recusa que Eva teria recebido fez com que ela realizasse sua vingança, “destruindo” a Sociedade de Beneficência. Em contrapartida, temos no site algo bastante significativo, qual seja, o fato de que para defender uma tese contrária a esta, o argumento principal é pautado na ideia de que quem produziu esse tipo de narrativa não tinha uma válida fundamentação para fazê-lo.

Assim, a partir desse ponto, o site caminha para um dos argumentos que servirá como base para refutar uma série de narrativas negativas em relação a Eva Perón. O que é mostrado é que essa versão, há pouco citada, foi levantada numa biografia de Mary Main, intitulada *La mujer del látigo*. Essa biografia serviu como base para a criação da ópera-rock de Tim Rice e Lloyd Webber. Aliás, foi com base neste musical da ópera que se produziu o filme *Evita*. O fato é que a referida biografia está inserida no rol daquelas identificadas como antiperonistas, sendo motivo de crítica por parte dos escritores do site. No subitem *Evita vs Evita*, em que se tenta mostrar que existe uma Eva real e uma Eva criada pela ópera rock, se tem o seguinte:

En 1974, catorce años después de la muerte de Evita, Rice visitó la Argentina. “Contento de mantener un bajo perfil,”<sup>24</sup> no entrevistó a las personas que habían conocido a Evita (muchos de los cuales todavía vivían), ni realizó ninguna investigación objetiva y profunda. Al contrario, cuando volvió a los Estados Unidos, Rice consultó dos mujeres cuyos libros, ya agotados, “**eran esencialmente chismes anti-peronistas extendidos**” hasta el punto de convertirse en libros.<sup>25</sup> Fleur Cowles (*Bloody Precedent*) y Mary Main (*La mujer del látigo*) “dirigieron su veneno a Evita porque formaba parte de un movimiento político que ellas juzgaban moralmente repugnante.”<sup>24</sup> (grifo meu)

Aqui, percebe-se claramente uma passagem em que se tem uma desqualificação das obras que tem por mote principal a crítica a Eva Perón. Os livros que servem como base para

<sup>23</sup> CASTIÑEIRAS, Noemi. *De la Beneficencia a la Justicia Social*. Disponível em: <<http://www.evita-peron.org/f0-es.htm>>. Acesso em 20 MAR 2013.

<sup>24</sup> LARSON, Dolane. *Evita vs Evita*. Disponível em: [http://www.evita-peron.org/evita\\_la\\_opera.htm](http://www.evita-peron.org/evita_la_opera.htm). Acesso em 20 MAR 2013.

a produção da ópera-rock são tidos como “fococas antiperonistas que se espalharam ao ponto de se tornarem livros”. Há, ainda, a defesa da “não legitimidade” de versões despreocupadas em ouvir quem de fato teria vivido e conhecido a obra de Eva Perón. Uma vez não fazendo isso, foram consideradas como obras sem nenhuma sustentação teórica satisfatória.

Está evidente, pelo que foi exposto, a tentativa do site em desconstruir narrativas construídas em torno de Eva Perón, de modo que a desconstrução se dá por meio da desqualificação daqueles que as produziram. O que se pode colocar, num primeiro momento, é que já se tem as primeiras evidências de que o ciberespaço está sendo usado para reeditar uma memória positiva, na medida em que há uma seleção do que se quer e do que não se quer fazer-se conhecer.

### 3.4. Fundação Eva Perón X Sociedade de Beneficência

Quando observa-se os escritos peronistas, pode-se perceber o claro maniqueísmo que seus discursos apresentam. A *Argentina de Perón X a Argentina da oligarquia*. O país dos que querem o *progresso* e o dos que querem o *regresso*. O *antes* e o *depois*. Nas narrativas presentes no website *evitaperon.org* se tem textos que caminham também neste sentido.

Em diferentes seções do site, há uma clara oposição na qual de um lado se coloca a *Fundação Eva Perón*, e, do outro, a *Sociedade de Beneficência*. Há um interesse em destacar a grandeza das obras da Fundação, de modo a colocá-las como muito além de ajuda social, pois se destaca que Eva Perón não queria dar a simples esmola que as damas da Sociedade davam. De acordo com os escritos que se leu, ela queria que os pobres tivessem um algo a mais. Agora, o mais interessante disso tudo é o fato de que se utiliza, além do discurso peronista, a voz opositora para corroborar com a ideia de que o que os pobres recebiam era muito mais do que necessitavam.

Para justificar el desmantelamiento de la Ciudad Infantil, el equipo de investigadores entregó su informe el 5 de diciembre de 1955. **Les dejamos la última palabra:** “La atención de los menores era múltiple y casi suntuosa. Puede decirse, incluso, que era excesiva, y nada ajustada a las normas de sobriedad republicana que convenía, precisamente, para la formación austera de los niños. Aves y pescado se incluían en los variados

menús diarios. Y en cuanto a vestuario los equipos mudables renovados cada seis meses se destruían.” (Ferioli, p. 87)<sup>25</sup> (Grifo meu)

Obviamente que o discurso dos militares, ao justificar o desmantelamento das obras da Fundação, via esse “excesso” como uma forma negativa. Mas o que vale para o site é que eles, de uma forma ou de outra, acabaram “concordando” com o fato de que as pessoas recebiam mais que o normal em se tratando de ajuda social. Além disso, nota-se claramente a intenção que se tem de mostrar que, em se tratando da oposição, seria normal a posição de referir-se ao “algo a mais” da Fundação como sendo um fato negativo. Normal porque a ideia que se tenta passar é a de que para os militares do golpe de 1955, bem como para a oposição de um modo geral, o luxo era para os ricos e não para os pobres. Assim, no subitem “Recursos” se lê o seguinte trecho:

Se formaron comisiones y subcomisiones para dismantelar la Fundación y disponer de su capital. La subcomisión N° 39 se quejó de que una organización destinado a ayudar a los humildes los había servido con un lujo que no correspondía a la cultura y costumbres de los destinatarios<sup>26</sup>

Ou seja, os pobres não podiam receber algo que não lhes correspondia por natureza. Esse é o discurso que se tenta atribuir à oposição. Isso não era o que Eva Perón pensava, pelo menos o que se vê em sua autobiografia permite fazer essa afirmação, sobretudo quando ela diz:

Coube-me a honra de destruir, com a minha obra, alguns desses falsos conceitos. Eis porque são meus lares generosamente ricos. Mas ainda, quero exceder-lhes neste ponto. Quero que sejam faustosos, precisamente porque em um século de lares excessivamente faustosos poderá ser apagada a lembrança desse outro século de asilos miseráveis. (PERÓN, 1951, p. 127)

O site envereda neste mesmo caminho de afirmar as construções da Fundação Eva Perón como excessivamente boas, a ponto de serem dignas até de atender à própria primeira dama. Vale salientar o fato de que em todo o site, bem como em várias narrativas que corroboram com a representação de uma Eva santificada, nota-se que ela é a referência, o exemplo máximo de tudo de bom que ocorreu na Argentina. Veja-se um trecho do subitem “Rede de segurança e saúde” em que se pode sintetizar bem essa ideia:

<sup>25</sup> Fundação Eva Perón. **Hogares Escuela**. Disponível em: [http://www.evita-peron.org/education\\_eva\\_peron-es.htm](http://www.evita-peron.org/education_eva_peron-es.htm). Acesso em 20 MAR 2013.

<sup>26</sup> Fundação Eva Perón. **Recursos**. Disponível em: [http://www.evita-peron.org/recursos\\_eva\\_peron.htm](http://www.evita-peron.org/recursos_eva_peron.htm). Acesso em 20 MAR 2013.

Uno de los logros más importantes de Evita, guiada por el Dr. Ramón Carrillo, era de poner la atención médica y odontológica al alcance del pueblo. Ella misma se hizo atender en el Policlínico Presidente Perón. El 26 de julio de 1952, el día de su muerte, por la primera vez en la historia argentina, “no había desigualdad en la atención médica argentina.” (Navarro, p. 131). ¿Cuántas naciones ha logrado esa meta en sólo siete años? Y cuántas han siquiera intentado lograr una atención médica que cubría por igual a todos sus ciudadanos?<sup>27</sup>

O argumento mais forte para enfatizar que na Nova Argentina de Perón não existia desigualdade é o fato de a própria Eva ser atendida onde eles seriam atendidos. Em outras palavras, um lugar que estava preparado para atender a primeira dama do país estaria em perfeitas condições de oferecer um atendimento da mais alta qualidade ao povo. A partir daí percebe-se como o site destaca tudo quanto esteja ligado ao Justicialismo como sendo o melhor. Em *La Razón de Mi vida*, Eva também converge no sentido de criar essa “aura” positiva. Quando ela diz “Minha maior ambição seria passar os últimos dias de minha vida em algum dos meus *Lares para Ancianos*. Cada vez que os visito penso que neles me sentiria cômoda e feliz [...]” (PERÓN, 1951, p. 128) nada mais faz do que confirmar essa ideia.

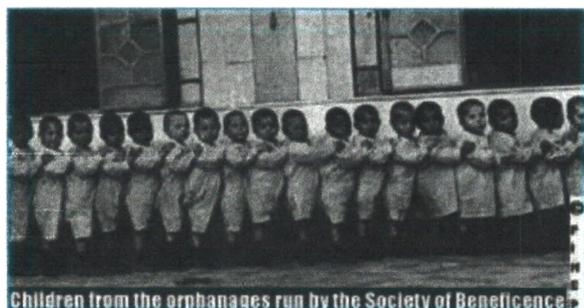
Ainda neste sentido, de enaltecimento dos benefícios trazidos pela FEP, se pode citar um trecho interessante, no qual se narra o fato de que a educação recebida pelas crianças dos “Hogares escuelas” foi tão boa que credenciou muitos jovens a alçar voos bastante altos. Assim, temos que “La instrucción que recibieron fue tan avanzada que cuando los militares cerraron la Ciudad Estudiantil, muchos de los estudiantes recibieron becas para estudiar en otros países ansiosos de aprovechar sus conocimientos y su talento”.<sup>28</sup>

Em sentido inverso a tudo isso, há, também, a preocupação de relembrar sempre que a Sociedade de Beneficência criou obras que, nem de longe, teriam chegado perto das criadas durante o período peronista. As obras da Sociedade são definidas como sendo algo que não significava ajuda, mas sim distribuição de migalhas. É frequente a narrativa de que o tratamento dado às crianças não proporcionava alegria, mas apenas uma forma de sobreviver (e mal). No site é passada a ideia de que as crianças não tinham sua subjetividade levada em consideração, uma vez que se estabelecia um padrão em que todos tinham as cabeças raspadas e usavam uniformes iguais.

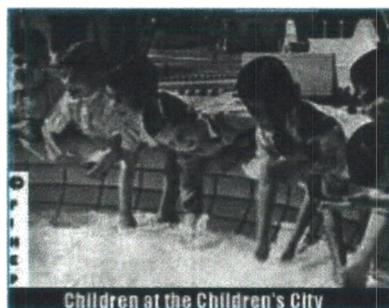
<sup>27</sup> INIHEP. Red de Seguridad y salud. Disponível em: <[http://www.evita-peron.org/health\\_eva\\_peron-es.htm](http://www.evita-peron.org/health_eva_peron-es.htm)>. Acesso em 20 MAR 2013.

<sup>28</sup> Fundação Eva Perón. **Hogares Escuela**. Disponível em: [http://www.evita-peron.org/education\\_eva\\_peron-es.htm](http://www.evita-peron.org/education_eva_peron-es.htm). Acesse em 20 MAR 2013.

Duas fotos publicadas, uma ao lado da outra, na seção “Biografia de Evita Perón parte 3”, servem para que o leitor do site tenha um visão da diferença entre as Entidades tão repetidamente citadas aqui:



**Imagem 12:** Alusão ao tratamento que as crianças recebiam nos orfanatos da Sociedade de Beneficência. Disponível em: < <http://evitaperon.org/part3-es.htm>>. Acesso em 20 MAR 2013.



**Imagem 13:** Fotografia que mostra as crianças na cidade infantil. Disponível em: <<http://evitaperon.org/part3-es.htm>>. Acesso em 20 MAR 2013.

As imagens estão no site dispostas da forma como foram colocadas aqui, certamente para realçar a ideia de que as crianças “cuidadas” por Evita viviam alegres, em contraste com o aspecto sombrio mostrado na imagem 12. Fica notório que o discurso utilizado em boa parte do site é direcionado para o fato de que o que se fez em sete anos pelo povo, e sobretudo pelas crianças, jamais foi feito antes, nem depois, de Eva Perón. Mais uma vez vê-se as narrativas andarem no caminho de produzir uma memória positiva em torno do que Eva foi e fez.

Esse tipo de estratégia já era frequente no período em que Perón governava a Argentina. Ou seja, a utilização de imagens que retratassem a felicidade das crianças sob o governo peronista foi uma das formas utilizadas pela propaganda para enaltecer o regime. Capelato (2009) chega a dizer que “a geração dos anos 50 não poderia esquecer Evita, pois foi por intermédio dela que as crianças argentinas tomaram contato com as primeiras letras do alfabeto [...]” (CAPELATO, 2009, p. 309). Isso se dava pelo fato de que o primeiro livro que as crianças recebiam, intitulado *Privilegiados*, estava repleto de palavras e imagens referentes a Eva Perón. Assim, as primeiras palavras que as crianças aprendiam relacionavam-se diretamente com o nome Eva. Ademais, os desenhos que ilustravam o livro remetiam à Eva e às crianças juntas, deixando transparecer a ideia de que com ela a vida era melhor e mais feliz. O próprio título já é bastante sugestivo, na medida em que coloca as crianças “peronistas” como tendo privilégios, em comparação com as demais crianças.



Imagem 14. Figura da cartilha de leitura inicial *Privilegiados*. (CAPELATO, 2009, p. 312.)



Imagem 15. Figura da cartilha de leitura inicial *Privilegiados* (CAPELATO, 2009, p. 313.)

Observe-se que, nas duas imagens acima, presentes no livro de primeira leitura intitulado *Privilegiados*, se tem crianças com semblantes de felicidade, bem como expressões que centram-se na figura de Eva Perón, como a que diz “Eva amó a mamá”, “Eva me amó”. A imagem que se tentava passar, portanto, era a de que os pais poderiam ficar tranquilos, pois seus filhos estavam tendo um tratamento especial. Com Eva a felicidade era completa, uma vez que ela dava apoio material e sentimental a seu povo, em especial às crianças. Isso porque ela os amava.

Então é mais ou menos neste sentido que o site utiliza-se das duas primeiras imagens aqui apresentadas. A tentativa, neste caso, é o de mostrar justamente essa “aura” de felicidade que supostamente permeava os ambientes dirigidos pela Fundação Eva Perón. Ao mesmo tempo, se destaca que essa era uma realidade nova, inexistente antes do peronismo.

### 3.5. Evita e as origens do espírito de justiça

No subitem do website [evitaperon.org](http://evitaperon.org) intitulado “Mi hermana Evita”, no qual se tem trechos do livro escrito por sua irmã Erminda Duarte, encontram-se narrativas que permitem problematizar sobre a ideia de que Eva Perón agia em prol do povo pelo fato de que estaria ligada a eles, não por laços de parentesco, mas pela origem social em comum. Isso parece ter sido muito conveniente para o peronismo, já que a sua base de sustentação eram as classes populares, sobretudo as trabalhadoras. Eva Perón surge como uma aliada fortíssima, no sentido de conseguir fazer com que esse povo se sentisse cada vez mais ligado ao regime. Seria ligando-os a ela que esse objetivo seria alcançado.

Desse modo, o que se cria é uma ligação comum entre Eva e povo, dando ênfase à ideia de que ela vinha de uma origem humilde, que sabia bem o que era ser pobre e que por isso saberia o que mais custava a essas pessoas. Já tratei desta questão em meu artigo *Eva Perón: a reafirmação do mito através da internet*<sup>29</sup>, publicado nos anais do Colóquio Nacional de Pesquisa Histórica realizado em Campina Grande no ano de 2012. Neste texto, falava justamente sobre a tentativa do site em colocar a pobreza de sua infância como uma peça importante para os resultados que a Fundação Eva Perón alcançou. Destaquei o seguinte trecho do site:

As raízes mais profundas da Fundação podem ser encontradas na infância de Evita, quando ela aprendeu com sua mãe para alcançar aqueles em necessidade. Evita era uma imagem espelho de Doña Juana, uma viúva que costurava dia e noite para sustentar seus cinco filhos, mas nunca recusou seus pedidos de algumas moedas ou um chá quente para ajudar aqueles para os quais não existia rede de segurança. (...) Ela era de continuar a satisfazer os **seus homólogos** durante toda a sua vida, e especialmente depois da posse de Perón como presidente em 4 de junho de 1946. (Grifo nosso)<sup>30</sup>

Há, claramente, um discurso que mostra um dos artifícios dos quais Eva se valeu para atrair simpatias, ou seja, o de compartilhar com o povo sua origem como “povo”. Assim, o site traz a ideia de que existia uma intimidade do povo para com ela, pois eles, sim, seriam sua prioridade. A partir dos depoimentos de sua irmã, se começa a vislumbrar uma exaltação ao fato de que as origens da intolerância com as injustiças estariam justamente no fato de que a

<sup>29</sup> In. Colóquio Nacional de Pesquisa Histórica, 2012, Campina Grande - PB. Anais eletrônicos do Colóquio Nacional de Pesquisa Histórica. Campina Grande: EDUEPB, 2012. v. 1. p. 77-85.

<sup>30</sup> LARSON, Dolane. Fundação Eva Perón. **Começo**. Disponível em: <http://evitaperon.org/f0.htm>. apud AMARO, Edfaildo Eudes de Lima, Op. Cit.

justiça social seria como que intrínseca à própria natureza de Eva. Muito significativo é o exemplo que Erminda Duarte dá, e que é utilizado no site. Trata-se de uma ocasião em que Dona Juana, a sua mãe, teria trazido uma grande boneca para Evita, que havia lhe pedido, aproveitando que era dia dos Reis Magos. Já pelo fato de que o presente é uma excepcionalidade em virtude de uma data importante percebe-se a narrativa de que na sua infância os presentes não eram frequentes.

Acontece que a tal boneca tinha uma perna quebrada, e por isso a mãe tinha adquirido-a por baixo custo. Ao entregar a boneca teria dito a Eva que os “Reis” teriam lhe dado a missão de “cuidar” daquela boneca. Olhando friamente essa parece uma história fantasiosa, mas o que aqui interessa analisar é o fato de a narrativa do site colocar que os cuidados que Eva tinha para com essa boneca já eram um reflexo do que ela seria no futuro. Ademais, é feita uma alusão interessante. A boneca com a perna quebrada é comparada aos “desvalidos” que Eva ajudou depois que foi munida dos poderes que Perón lhe concedeu. Veja-se o trecho no qual se tem a narração do fato bem claramente:

Mamá te explicó en seguida que la muñeca se había caído de uno de los camellos, y de ahí su mutilación. Lo que no te explicó nuestra madre es que había adquirido la muñeca casi por nada, sólo unas monedas, justamente a causa de esa rotura. Pero te dijo que los Reyes te la habían traído para que la cuidaras. Una misión dulcísima. Te bastó oír esas palabras para desbordate en el acto de una piedad llena de ternura, una piedad que buscaba todas las formas de su expresión. No sabías qué hacer para que en su alma de juguete la muñeca se sintiera compensada de su desgracia. Le hablabas, le sonreías, la querías más que si hubiera estado sana. Elisa le hizo un vestido largo, casi hasta el suelo, para que no se notara la rotura de su pierna, y con su nuevo atavío la llevábamos a pasear, una de cada mano. **¡Veo aquello tan nítidamente! Tu carita vivaz toda preocupación porque el paseo la hiciera feliz. Acaso ella te sonreía, pero eran tus ojos los únicos que podían verlo, tus ojos que vieron el fondo de tantos sufrimientos, lo que nadie percibe.**<sup>31</sup> (Grifos meus)

O que se tem neste texto é simbólico do que tento expor. O trecho grifado traz implicitamente a ideia de que Eva Perón estava destinada, desde a infância, a ver os sofrimentos do povo perante uma sociedade desigual. E mais, o que fica claro é que somente ela tinha o “dom” de perceber essa realidade, assim como só ela via a “alegria estampada no rosto da boneca”.

---

<sup>31</sup> DUARTE, Erminda. Mi hermana Evita. Disponível em: < [http://www.evita-peron.org/mi\\_hermana\\_evita.htm](http://www.evita-peron.org/mi_hermana_evita.htm) >. Acesso em 20 MAR 2013.

Outro exemplo bastante elucidativo dessa questão é a história contada de um velho mendigo que sempre pedia esmolas na casa da família Duarte. Com um pequeno texto intitulado *El señor buen dia*, Erminda Duarte continua destacando a ideia de que

El gesto tuyo espontáneo de acudir en ayuda de los necesitados fue uno de los rasgos constantes de tu niñez. Fue también un signo de nuestro hogar. La gente sabía que nunca se golpeaba en vano la puerta de la casa de los Duarte.<sup>32</sup>

Enfatizando que Eva era a primeira a acudir o velhinho nas vezes em que ele lhes batia a porta, ela acrescenta: “[...] fue tu corazón y el profundo amor que tuviste por los desamparados lo que te hacía llegar antes. Ahora lo sé.”<sup>33</sup> Ao passo em que se evidencia esse tipo de narrativa, se vai percebendo, também, expressões que manifestam certo sentimentalismo. Destaca-se, frequentemente, o “amor” de Eva pelo povo. Neste sentido, o texto do site tenta passar a imagem de que a preocupação maior de Evita seria com o povo muito mais do que perpetuar seu nome. Assim, narra-se um fato, em que Erminda diz recordar-se de certa vez em que viu Eva chorar e sentir medo. Medo de que depois que morresse o povo voltasse a sofrer. Eis um trecho que explicita bem esse argumento:

Sin embargo, lo recuerdo ahora de golpe mirando tu frente dulce, hubo una vez que te estremeció un miedo tremendo ante la idea de que un día tu pueblo pudiera volver al desamparo y a la humillación. La idea de que los trabajadores fueran despojados de sus derechos y que los más pobres sufrieran la indigencia te hizo sentir un miedo que desbarataba todo tu valor: te vi llorar lágrimas que te brotaban de ese miedo.<sup>34</sup>

Ademais, percebe-se uma estratégia do site que induz o leitor a interpretar o golpe militar de 1955 como um evento que destruiu tudo de bom que havia sido feito pela Fundação Eva Perón. À medida que isso vai sendo feito, também se destaca que o pior de tudo não era apagar algo que significaria a perpetuação de uma memória em torno de Eva, mas que impediria que os benefícios até então concedidos continuassem existindo. Assim, dá-se ênfase à ideia de que:

Camiones militares llegaban a los edificios y depósitos de la Fundación y partían llenos. Lo que no se robó, se destruyó (**se quemaron montañas de sábanas y frazadas cuando se podría haber quitado las etiquetas ofensivas para usarlos**).<sup>35</sup>

<sup>32</sup> Idem.

<sup>33</sup> Idem.

<sup>34</sup> Idem.

<sup>35</sup> Fundação Eva Perón. **Recursos**. Disponível em: < [http://www.evita-peron.org/recursos\\_eva\\_peron.htm](http://www.evita-peron.org/recursos_eva_peron.htm)>. Acesso em 20 MAR 2013.

O que se destaca é que os militares destruíram tudo o que tivesse com o nome “Fundação Eva Perón”, numa tentativa de apagar tudo quanto fosse de referência ao período peronista. Para reafirmar a ideia de que o que importa é a obra em si e não o nome de quem realizou, a afirmativa do site é a de que os militares poderiam, se quisessem, ter mantido as obras, tirando o que para eles era mais ofensivo, a referência a Eva Perón. Então, o que se verifica é o fato de que o site está carregado de simbologias, através das quais se tenta mostrar que o que era feito por Eva Perón transcendia o interesse pessoal, de modo que o que ela não queria era ver o povo sofrer, nem material, nem espiritualmente.

A propósito de se falar em aspectos não materiais, há um trecho significativo em que um pai, cujo filho era paralítico, pedira a Eva que o mandasse para os Estados Unidos, com vistas a fazer um tratamento que o permitisse andar. De acordo com a narrativa do site, alguns dos mais próximos de Eva não concordavam com a ideia, pois sabiam que era inútil gastar dinheiro com uma causa impossível, dado o grau de deficiências das pernas do menino. E Eva supostamente também acreditava nisso, mas mesmo assim teria decidido mandar o menino, pois para ela, mesmo que a criança não voltasse a andar, pelo menos o pai ficaria convicto de que se teria tentado fazer o possível e o impossível pelo seu filho. Ela teria dito:

Lo voy a mandar igual. ¿Sabe por qué, doctor? Porque si no lo hago, este pobre padre se va a quedar con la pena de pensar que por no tener medios su hijo quedará para siempre paralítico. En cambio, si va y allí se convence de que nada se puede hacer por el niño, volverá por lo menos con la tranquilidad de saber que por su hijo se hizo todo lo posible y tendrá fuerzas para sobrellevar esta carga tan pesada. ¿No le parece? Quién hubiera ido más allá en la delicadeza de tus sentimientos? Nadie había advertido que alrededor de lo insalvable había alguien a quien recuperar. No pudiste salvar al hijo pero de alguna manera salvaste al padre.<sup>36</sup>

Neste caso apresenta-se a ideia de que Eva não se limitava aos problemas em sua essência física, apenas, mas também nas implicações emocionais de cada um deles.

Assim sendo, pode-se notar que há um teor sentimental forte que permeia as discussões presentes no site, destacando-se sempre a ideia de que teria sido um passado cheio de privações, um passado onde a proximidade com todos os tipos de dificuldades teriam não só despertado o espírito de justiça, como também feito com que Eva Perón não esquecesse nunca de acudir aqueles que viviam em situações semelhantes ou piores às suas de quando era

---

<sup>36</sup> DUARTE, Erminda. Mi hermana Evita. Disponível em: <[http://www.evita-peron.org/mi\\_hermana\\_evita.htm](http://www.evita-peron.org/mi_hermana_evita.htm)>. Acesso em 20 MAR 2013.

apenas uma menina. Diz ainda Erminda: Y ahora descubro cómo muchas de tus cosas de niña anunciaban de alguna manera tu destino.<sup>37</sup>

### 3.6. Os trabalhadores e seu papel na legitimação da ação social

Os relatos presentes em algumas das produções referenciais acerca da vida de Eva Perón, como é o caso do documentário *Evita: a mulher atrás do mito*<sup>38</sup>, dão conta de que a mesma, depois que se tornou primeira dama da Argentina, passou a acumular roupas e joias caras, bem como acumulado patrimônio relevante. Para muitos opositores, esse acúmulo se devia em grande parte pelo desvio feito dos fundos da Fundação Eva Perón<sup>39</sup>. O argumento mais utilizado para justificar essa tese era o fato de que não existiam prestações de contas para esse dinheiro. Além disso, algumas críticas se direcionavam ao fato de as doações recebidas serem em grande parte conseguidas por meio da extorsão.

Em algumas seções do website [evitaperon.org](http://evitaperon.org), dentre as quais se pode citar a que se intitula “Biografia de Evita Perón parte 3”, tem-se a exposição de algumas teses em contrário a essas ideias. Nesta seção se observa que, uma vez concordando com a existência da circulação de versões que diziam ser através de ameaças que se conseguia dinheiro para as obras de ajuda social de Eva Perón, aqueles que escreveram o texto mostram uma preocupação em prontamente refutar as questões levantadas. Usam, para isso, os argumentos de Marysa Navarro, para quem as doações eram espontâneas. A justificativa maior seria a não existência de denúncias após a queda de Perón. Citando a autora, o texto traz o seguinte:

La historiadora Marysa Navarro, en su biografía *Evita*, apunta: “Pero si las ‘contribuciones espontáneas’ hubieran existido en gran escala y de manera sistemática, los perjudicados podrían haberlas denunciado después de septiembre de 1955. Si no deseaban hacerlo de ese modo seguramente podrían haberlo hecho ante la comisión encargada de investigar la administración de la Fundación y ésta habría aceptado las denuncias presumiblemente con agrado. Es de creer que no las hubo en cantidades

---

<sup>37</sup> *Idem.*

<sup>38</sup> É importante ressaltar que o interesse não é trabalhar com essas produções.

<sup>39</sup> Devo esclarecer que não tive acesso a obras que fossem antiperonistas, sendo que boa parte das ideias opositoras a Eva Perón foram vistas a partir das reflexões de Maria Helena Capelato, bem como nos documentários assistidos.

apreciables, pues de ser así el informe de la comisión las habría enumerado y no lo hace.” [...]”<sup>40</sup>

Não limitando-se apenas a explicitar que não foram feitas por coerção tais doações, encontra-se em outras partes do site trechos que vão além, mostrando que existia uma relação em que se tinha “trocas de favores” entre os empresários e o governo, algo que, segundo se lê, já era comuns antes mesmo de Perón. Dessa vez trata-se do subitem “Recursos”. Aqui é citado Néstor Ferioli, autor de dois livros sobre a Fundação Eva Perón, que diz:

Sobre el aporte que realizaban determinados empresarios, según los peronistas de la primera hora, emergía de una relación de conveniencia recíproca. ‘Evita no pedía nada; no rastreaba ni exigía.’ Beneficiaba a las empresas facilitándoles créditos del Instituto Argentino de Promoción Industrial y éstas, en forma de agradecimiento - o buscando precisamente el crédito - hacían donaciones en efectivo o en objetos para la Fundación. Por otro lado, esta relación de conveniencia no fue privativa de Evita, ya que los sectores empresarios han buscado a lo largo de la historia este tipo de atenciones con los gobiernos de turno.” (Ferioli, *FEP/I*, 40-41).<sup>41</sup>

Vale ressaltar, no entanto, que apesar de se ter essa ideia de que algumas empresas eram facilitadas, poderiam ter algumas que se recusassem a fazer acordo e sofrer algum tipo de intervenção. Mas é evidente que não seria do interesse dos idealizadores do site fazer qualquer tipo de referência, já que seu objetivo é, evidentemente, situar as ações do governo peronista na mais pura legalidade.

Agora, outro ponto chama a atenção pelo fato de corroborar com algumas colocações que já vem sendo feitas durante este capítulo. Está se notando, ao longo das discussões, que há um processo de aproximação constante, no campo da ideologia peronista, entre Eva Perón e os trabalhadores, no sentido de mostrar que há certa harmonia entre o que cada parte deseja para si e para o país. As constantes alusões às classes trabalhadoras como sendo a essência do movimento político encabeçado por Perón, além dos “amigos” inseparáveis de Evita, fazem com que os discursos se entrelacem no sentido de colocar a massa como a legitimação do regime. Quando digo legitimação, estou falando de forma literal, baseando-se, é claro, no que

<sup>40</sup> Eva Perón biografia parte 3. Disponível em: < <http://www.evita-peron.org/part3-es.htm>>. Acesso em 20 MAR 2013.

<sup>41</sup> Fundação Eva Perón. **Recursos**. Disponível em: <[http://www.evita-peron.org/recursos\\_eva\\_peron.htm](http://www.evita-peron.org/recursos_eva_peron.htm)>. Acesso em 20 MAR 2013.

se lê no site e nos escritos de Eva Perón. Esta, referindo-se à origem do dinheiro arrecadado para as obras sociais diz:

Os trabalhadores de minha pátria sabem que a Fundação é pecúlio que a eles pertence. As contribuições, dadas muitas vezes com sacrifícios, nunca poderiam ser pagas com as obras que realizo. Tenho cuidado dessas contribuições pecuniárias, mais do que da minha própria vida e prometido que manejaria esses fundos numa torre de cristal, a fim de que jamais se empane da mais leve sombra de dúvida este dinheiro limpo – o único dinheiro limpo que conheço – o que vem das mãos honradas dos trabalhadores. (PERÓN, 1951, p. 149)

Observe-se que ela tenta desviar qualquer tipo de especulação que coloque a origem do dinheiro em questão. O dinheiro doado pelos trabalhadores, que a partir do site se sabe que constituía-se em dois dias de salário por ano, é utilizado como sendo o maior legitimador das obras realizadas pela Fundação. Ou seja, a ideia que se passa é a de que, primeiro que tudo, por ser um dinheiro doado pelo povo, as obras não seriam nenhum tipo de esmola (como aquelas da Sociedade de Beneficência que tanto se critica ao longo do site), pois já pertencia a eles antes mesmo de serem feitas.

Ademais, as contribuições dessa classe servem também ao regime como uma ferramenta ideológica para alardear a ideia de que o povo estava aprendendo com Perón a ser solidário, por ele ter sido bom com eles. Com um teor sentimental característico dos discursos de Eva, este outro trecho de a *Razão da minha vida* sintetiza bem o que foi exposto:

Aqui, em nossa terra, onde os homens estão se tornando justicialistas, veja como triunfa o amor sobre o egoísmo. Perón fez justiça aos trabalhadores e veja agora como eles contribuem com uma parte dos seus proventos para o auxílio dos desamparados. Estou certa de que justiça é algo assim como a porta do amor. Este foi o primeiro pensamento que recebi de Perón. (Idem, p. 150)

Verifique-se que aí tem-se mais uma vez explicitada a ideia de que os exemplos maiores a serem seguidos são Perón e Evita. Perón é o exemplo por ter dado à classe trabalhadora os benefícios que teriam alçado a Argentina à condição de um país justo. Os operários, por sua vez, e o povo em geral, aprenderiam com esse exemplo a serem solidários e generosos. Neste aspecto, se tem no site um exemplo que é emblemático no sentido de declarar as doações à Fundação como sendo realizadas de uma forma extremamente voluntariosa. Narra-se que “El 14 de enero de 1949, el diario *Democracia* contó la historia de

José Rodríguez García. Después de ganar la lotería, usó parte del dinero para construir una casa y el resto lo donó a la Fundación.”<sup>42</sup>

É utilizando exemplos desse tipo que os escritos do site legitimam as doações, descartando qualquer possibilidade de terem sido feitas por meios forçosos. Em meio a tudo isso, outro argumento é feito no sentido de mostrar que diferentemente da Sociedade de Beneficência, a Fundação não recebia investimentos pesados do governo. O que se pode entender aí é a ideia de que para realizar suas obras, as damas utilizam o dinheiro dos cofres públicos, que apesar de ser em grande quantidade, era utilizado em sua boa parte para deleite das próprias damas e apenas uma ínfima parte seria para a realização de obras de caridade. Ou seja, parece ser o mesmo que dizer que elas recebiam do governo e não faziam praticamente nada em termos de ajuda social, enquanto que a Fundação recebia do povo e realizava grandes obras. Em parte do subitem “Recursos” se lê:

No fueron los legisladores peronistas del Congreso los primeros en aprobar leyes que designaban fondos a obras de asistencia social. Por ejemplo, en 1945, el presupuesto de la Sociedad de Beneficencia fue \$22,232,280 pesos argentinos y \$21,889,906 de esos pesos provinieron del gobierno argentino como subsidio (lo que quiere decir que el sector privado sólo contribuyó \$342,374 pesos a la Sociedad). Otras instituciones recibieron subsidios pero ninguna con la generosidad que beneficiaba la Sociedad de Beneficencia. (*La Nación*, 27 de mayo de 1945).<sup>43</sup>

Assim, o que se infere é que há uma evidente valorização, por parte dos idealizadores do site, partindo também de uma herança deixada pelos discursos peronistas, das contribuições recebidas por intermédio dos operários. Assim como foi a mola propulsora do regime quando o assunto foi o resultado prático das eleições, também servirão como base de legitimação não só para as “benfeitorias” de Evita, como também das ações de Perón durante seu governo.

---

<sup>42</sup> Fundação Eva Perón. **Recursos**. Disponível em: <[http://www.evita-peron.org/recursos\\_eva\\_peron.htm](http://www.evita-peron.org/recursos_eva_peron.htm)>. Acesso em 20 MAR 2013.

<sup>43</sup> *Idem*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Amada por muitos, odiada por tantos outros, Eva Perón deixou um legado que perpassou aos dias de hoje. Se quando ainda era primeira dama da Argentina o governo peronista fez de tudo para criar uma memória positiva em torno dela, representando-a como a “Santa redentora” do país, hoje assiste-se a emergência de novos lugares de memória, através dos quais se rememora cada vez mais o que ela foi para milhões de descamisados. O ciberespaço surge como ferramenta extremamente importante neste sentido.

A partir das narrativas do website [evitaperon.org](http://evitaperon.org) se pôde discutir como as memórias e representações positivas de Eva Perón foram sistematicamente reconstruídas, enquanto que as representações e memórias construídas pela oposição foram paulatinamente refutadas. Percebeu-se, assim, uma luta intensa, que se deu no campo ideológico, na qual grupos distintos disputaram uma memória, cada qual tentando dar-lhe um sentido oposto. O fato é que para os idealizadores do site, Eva Perón só teria motivos para ser reverenciada. De acordo com eles, ela:

No tuvo ningún cargo político, pero descendió por debajo de la superficie de la vida de su pueblo para llegar a lo más profundo de sus carencias. Muchos se acuerdan de Evita por los que ella ayudó - las mujeres que votaron por primera vez; los ancianos; las mujeres y niños abandonados; los enfermos y marginados de su propio país, beneficiarios de las redes de seguridad social que ella creyó para rescatarlos en sus caídas; la gente de todo el mundo, víctimas de la pobreza y los desastres naturales que recibieron medicina y ayuda de los médicos y enfermeras de la Fundación Eva Perón. Evita no era una santa, sino, como la mayoría de nosotros, un ser humano con virtudes y defectos. Sin embargo, durante siete años, el tiempo que le fue dado, sacrificó su salud, su vida privada, y las muchas horas que debería haber dedicado al sueño - porque amaba a sus descamisados. Y las flores y cartas que adornan la bóveda de la familia Duarte en el cementerio de la Recoleta dan testimonio del amor fiel de sus descamisados. Ahora los hijos y nietos de las personas cuyas vidas Evita cambió vienen a dejarle un recuerdo.<sup>44</sup>

Esta passagem, extraída da seção “Evita legay”, traduz bem o que se tem dito ao longo deste trabalho. Acredito que a maior parte das narrativas discutidas converge para um fato em comum, qual seja, a reafirmação de um mito positivo em torno de Eva Perón. Tudo o que ela

---

<sup>44</sup> LARSON, Dolane. Evita vs Evita. Disponível em: <[http://evitaperon.org/evita\\_the\\_oper.htm](http://evitaperon.org/evita_the_oper.htm)>. Acesso em: 02 OUT. 2012.

fez lhe credencia, na visão mostrada no site, a ser vista como alguém digna de ser lembrada e servir como exemplo.

Ela tornou-se uma personagem ímpar na história de seu país, sendo, até hoje, idolatrada na Argentina. No documentário *Evita, a mulher atrás do mito* (1996), já citado no primeiro capítulo, há um depoimento de uma residente da *Cidade Evita*, Maria Elena Warner, que num tom emocionado profere as seguintes palavras: “Para mim ela foi uma santa. Não sei quanto às outras pessoas, mas para mim foi uma santa. Pendurei uma foto dela na parede para Deus guia-la e mantê-la em paz”<sup>45</sup>

Muitos textos caminham na direção de colocar Eva enquanto uma santa redentora, que veio para salvar o povo das injustiças do mundo. Nesse caso se faz muitas referências a conceitos da religião católica. Palavras como martírio e sacrifício estão muito presentes no ideário peronista. Capelato (2009) observa bem esse fato dizendo que normalmente se faz referência a Eva como sendo uma mulher que “(...) dedicou-se inteiramente aos humildes. Tornou-se modelo de mãe ideal: sacrificou-se pelos filhos da pátria até ao martírio final.” (CAPELATO apud AMARO, 2012.) Os referidos filhos seriam os humildes, aqueles que Eva, uma vez não podendo ter os seus próprios filhos de sangue, “adotara” para poder cuidar e dar uma vida digna.

As inúmeras obras que os idealizadores do site fazem questão de ressaltar só fizeram com que os beneficiados, direta ou indiretamente, adquirissem por ela um carinho de quem se sentia protegido. E, mais que isso, convencidos pelos vários discursos que ressaltavam a prioridade que Eva teria por eles, em detrimento das classes dominantes, só contribuíram para que ela permanecesse nos corações e mentes de muitos argentinos.

No subitem “Rede de segurança e saúde” se tem um trecho que é meio que um desabafo por parte de quem escreveu no site. Eles argumentam que mesmo os militares da Revolução Libertadora tendo destruído grande parte das obras da Fundação Eva Perón, eles jamais conseguiriam apaga-la da memória do povo, como se pode observar:

Después del golpe de estado de 1955, los militares destruyeron o cambiaron de nombre lo que ella había construido. Sin embargo, no pudieron ni destruirla en la memoria de su pueblo ni quitarle su lugar en la historia. Evita nunca ha necesitado monumentos en espacios públicos para seguir vigente en el corazón del pueblo.<sup>46</sup>

<sup>45</sup> O’HEARN, Deirdre. **Biografia: Evita, a mulher atrás do mito**. 1996, 50 min.

<sup>46</sup> INIHEP. Red de Seguridad y salud. Disponível em: <[http://www.evita-peron.org/health\\_eva\\_peron-es.htm](http://www.evita-peron.org/health_eva_peron-es.htm)>. Acesso em 20 MAR 2013.

Diante do que se viu até aqui parece que nesse aspecto eles têm razão, pois o lugar que Eva Perón ocupa na História e na memória argentina é algo muito forte e presente até aos dias de hoje, há mais de seis décadas de sua morte. O próprio website aqui analisado é um exemplo das inúmeras formas através das quais se tenta preservar a memória de Eva Perón. No caso do site em específico, o que se está defendendo é a ideia de que se tem, nesta narrativa, uma reconstrução da memória, já que em todo o site as narrativas ou versões que tentaram de algum modo ofuscar o mito positivo de Eva foram veementemente refutadas. Simultaneamente a isso, o mito positivo, aquele que começou a ser gestado ainda quando Eva vivia, é constantemente reafirmado.

Colocando Eva Perón no mesmo patamar que figuras lendárias marcadas pela ajuda que deram aos humildes, como Madre Teresa de Calcutá e a princesa Diana, o site traz a ideia de que o exemplo delas deve ser seguido onde quer que seja. Em resumo, Eva Perón significa para aqueles que dedicam seu tempo mantendo o site *evitaperon.org*, **la mujer más importante de la historia argentina.**<sup>47</sup>

Toda essa discussão se torna possível através da análise do suporte digital. O historiador do século XXI tem em suas mãos uma nova fonte, que se utilizada de forma séria e criteriosa pode contribuir de forma significativa para a produção do conhecimento histórico. O ciberespaço apresenta-se como um lugar em que cada vez mais os grupos sociais interagem entre si, independentemente de sua localização. Ademais, o compartilhamento de ideias, expansivo para um número cada vez maior de pessoas, passa a ser realizado com uma velocidade sem precedentes.

Neste sentido, os partidários e familiares de Eva Perón utilizaram-se deste espaço para propagar, não só na Argentina, mas também internacionalmente, uma memória que pauta-se na enumeração de pontos os mais positivos possíveis. Além disso, utilizaram uma série de estratégias para desmistificar pontos controversos de sua vida. O que se defende é a ideia de que através do ciberespaço foi possível reconstruir uma memória em torno de Eva Perón, colocando-a como uma figura atual, não obstante ter morrido há 62 anos.

---

<sup>47</sup> Museu Evita. Disponível em: < [http://www.evitaperon.org/eva\\_peron\\_museum-es.htm](http://www.evitaperon.org/eva_peron_museum-es.htm)>. Acesso em 20 MAR 2013.

## REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, Fábio Chang de. **O Historiador e as Fontes Digitais: Uma visão acerca da Internet como fonte primária para pesquisas históricas.** Revista do corpo discente do programa de pós-graduação em História da UFRGS, v. 3, n. 8, 2011.
- AMARO, Edfaildo Eudes de Lima. **Eva Perón: A reafirmação do mito através da internet.** In: Colóquio Nacional de Pesquisa Histórica, 2012, Campina Grande - PB. Anais eletrônicos do Colóquio Nacional de Pesquisa Histórica. Campina Grande: EDUEPB, 2012. v. 1. p. 77-85.
- BARROS, José D'Assunção. **A história cultural e a contribuição de Roger Chartier.** Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 125-141, 2005.
- BEIRED, José Luis Bendicho. **Movimento operário argentino. Das origens ao peronismo [1890-1946].** São Paulo. Brasiliense, 1984.
- BURKE, Peter. **A escola dos Annales – 1929 – 1989: A revolução francesa da historiografia.** Tradução de Nilo Odália. São Paulo: Editora UNESP, 1991.
- CAPELATO, Maria Helena Rolim. **Multidões em cena: propaganda política no varguismo e no peronismo.** 2 ed. São Paulo: Editora UNESP, 2009.
- CARVALHO, Francismar Alex Lopes de. **O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier.** Diálogos, DHI/PPH/UEM, v. 9, n. 1, p. 143-165, 2005.
- CHARTIER, Roger. **Defesa e ilustração da noção de representação.** Fronteiras, Dourados, Ms, v. 13, n. 24, p. 15-29, jul./dez. 2011.
- CHARTIER, Roger. **O mundo como representação.** Estudos Avançados. 11(5), 1991.
- LE GOFF, Jacques. **Documento/Monumento.** In: LE GOFF, Jacques. História e Memória. Tradução de Bernardo Leitão. Campinas: Editora da UNICAMP, 1994.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura.** São Paulo, Editora 34, 1999.
- LUNA, Félix. **Argentina: De Perón a Lanusse (1943-1973).** Tradução de Glória Rodrigues. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1974.
- MAGALHÃES, Livia Gonçalves. **A luta pela memória no campo virtual: o olhar positivo da ditadura por jovens argentinos.** Disponível em: [http://www.academia.edu/1355798/A\\_LUTA\\_PELA\\_MEMORIA\\_NO\\_CAMPO\\_VIRTUA](http://www.academia.edu/1355798/A_LUTA_PELA_MEMORIA_NO_CAMPO_VIRTUA)

L O OLHAR POSITIVO DA DITADURA POR JOVENS ARGENTINOS>. Acesso em 24 DEZ 2012.

MENDES, André Oliva Teixeira. **A pesquisa histórica e o acesso à informação: dificuldades e possibilidades na era digital**. Anais do XXI Encontro Estadual de História – ANPUH-SP - Campinas, setembro, 2012.

MITIDIERI-PEREIRA, André Luis. **Itinerários de Eva Perón: fábula, biografia, ficção**. Disponível em: [http://www.fw.uri.br/publicacoes/literaturaemdebate/artigos/n1\\_10-ITINERARIOS.pdf](http://www.fw.uri.br/publicacoes/literaturaemdebate/artigos/n1_10-ITINERARIOS.pdf). Acesso em 15 NOV 2012.

NASCIMENTO, Celso Gestermeier do. **Os Aymara: construindo a revolução índia no ciberespaço** / Celso Gestermeier do Nascimento. — Campina Grande, 2009.

NORA, Pierre. **Entre Memória e História: a problemática dos lugares**. Tradução Yara Aun Khoury. Projeto História, PUC: São Paulo, n.10, 1993, p.7-29.

PERÓN, Eva. **A razão da minha vida**. Tradução de Hélio J. de Oliveira. Revisão Editora e Livraria Ltda. Porto Alegre, 1999.

POLLAK, Michael. **Memória, esquecimento, silêncio**. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, nº 3, 1989, p. 3-15.

POLLAK, Michael. **Memória e Identidade Social**. In Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992, p. 200-212.

PRADO, Maria Lígia. **O populismo na América Latina**. 6ª ed. São Paulo. Brasiliense, 1981.

RIBEIRO, José Carlos Santos. **Um breve olhar sobre a sociabilidade no ciberespaço**. In. As janelas do ciberespaço. / org. André Lemos. Marcos Palacios – Porto Alegre: Sulina. 2001. pp. 140-151.

SARLO, Beatriz. **A paixão e a exceção: Borges, Eva Perón, Montoneros**. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.

SÁ, Antônio Fernando de Araújo. **Admirável campo novo: o profissional de história e a Internet**. Revista Eletrônica Boletim do Tempo: Rio de Janeiro, ano 3, n. 07, 2008. Disponível em:<[http://www.tempopresente.org/index.php?option=com\\_content&view=article&id=3620:admiravel-campo-novo-o-profissional-de-historia-e-a-internet&catid=36&Itemid=127](http://www.tempopresente.org/index.php?option=com_content&view=article&id=3620:admiravel-campo-novo-o-profissional-de-historia-e-a-internet&catid=36&Itemid=127)>. Acesso em: 11 fev 2014.

SILVA, Wellidilson Duarte da. **Onze de setembro: formalização da memória**. Monografia apresentada ao curso de História da UFCG: Campina Grande, 2012.

STOCKINGER, Gottfried. **A interação em ciberambientes e sistemas sociais**. In. As janelas do ciberespaço. / org. André Lemos. Marcos Palacios – Porto Alegre: Sulina. 2001. pp. 106-127.

WEFFORT, Francisco. **O populismo na Política brasileira**. In: Brasil: tempos modernos. 3 ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979, p. 49-75.

SITE: [evitaperon.org/index-es.htm](http://evitaperon.org/index-es.htm)